UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Bernardino Guedes Neto

“Baitola, viado, frutinha... podem gritar, pra mim isso é um elogio”: narrativas e masculinidades dissidentes em um projeto artivista

Juiz de Fora

2021

Bernardino Guedes Neto

“Baitola, viado, frutinha... podem gritar, pra mim isso é um elogio”: narrativas e masculinidades dissidentes em um projeto artivista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Linha de Pesquisa: Linguagem e Humanidades.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Juiz de Fora
2021

Bernardino Guedes Neto

“Baitola, viado, frutinha... podem gritar, pra mim isso é um elogio”:
narrativas e masculinidades dissidentes em um projeto artivista

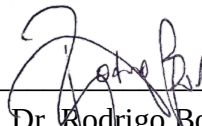
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial ao título de Mestre em Linguística. Linha de Pesquisa: Linguagem e Humanidades.

Aprovada em 20 de agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Ana Paula Grillo El- Jaick
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Rodrigo Borba
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dr. Luiz Fernando Matos Rocha (suplente)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Jamil Cabral Sierra (suplente)
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho celebra meu eu criança, que primeiro sonhou em ser quem eu sou hoje, quebrando estereótipos e rompendo limites para que outras crianças sigam livres para serem o que também sonharem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Cadilhe, por ter acreditado tanto quanto eu neste projeto, que é tão significativo pra mim. Agradeço, sobretudo, pelas orientações valiosas e leituras generosas.

Agradeço aos professores Drª. Ana Paula El-Jaick e Dr. Rodrigo Borba pelas ricas contribuições trazidas no processo de qualificação e por aceitarem o convite para participação na defesa desta dissertação.

Agradeço à minha mãe, Angela, pelo amor incondicional e por sempre me incentivar a ir cada vez mais longe e a nunca parar de lutar pelos meus sonhos.

Agradeço ao meu pai, Dalton, pelo carinho e apoio irrestrito à realização deste sonho.

Agradeço à minha irmã, Sílvia, por trazer leveza e cor aos meus dias, por acreditar em mim mesmo quando eu achava que não conseguiria.

Agradeço ao Zé e à Roberta por terem sido os primeiros leitores deste trabalho. Agradeço também pela amizade, inúmeros momentos de afeto e aconchego, por estarem sempre perto, mesmo de longe.

Agradeço aos colegas do LAEDH/UFJF, em especial a Mariana e Bárbara, pelo espaço de escuta e trocas e por me mostrarem que a academia é lugar, sobretudo, de partilha e acolhimento.

Agradeço aos colegas de profissão e mestrado, em especial à Márcia, por trazerem alegria e companheirismo nas disciplinas e trabalhos.

Agradeço à professora Dra. Ana Cláudia Peters Salgado pela amizade e inspiração e, principalmente, por ter me proporcionado o encontro com a Linguística Aplicada.

Agradeço aos idealizadores do Projeto Chicos, Rodrigo Ladeira e Fábio Lamounier, por terem acreditado na importância desse projeto que hoje serve de objeto de estudo a esta dissertação.

Agradeço aos meus amados alunos pela força e incentivos diários. Agradeço, sobretudo, por me mostrarem que é na sala de aula um dos espaços em que sou mais feliz e inteiro.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento deste trabalho.

“It’s been a beautiful

Fight

Still

Is”

(Charles Bukowski)

RESUMO

Nesta pesquisa tenho como objetivo principal construir uma compreensão sobre como as narrativas do Projeto Chicos produzem performances de masculinidades homoafetivas cujas práticas destoam dos modelos prescritos da masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). O projeto em questão, no campo do artivismo (COLLING, 2018), foi criado de maneira independente pelos fotógrafos Rodrigo Ladeira e Fábio Lamounier, e tem como intuito aproximar experiências sobre como diversos homens divergentes das normas de gênero e sexualidade se compreendem dentro da própria sexualidade, identidade e corpo (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016a). A fundamentação teórica mobilizada recai de modo mais categórico sobre as noções de narrativa, discurso e performance (PENNYCOOK, 2007; BUTLER 2003, 2004; BAUMAN; BRIGGS, 1990; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005; DE FINA, 2015; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Conforme uma visão de Linguística Aplicada Indisciplinar que assume não só um modo de pensar diferente, como também de agir politicamente ao ser capaz de refletir sobre o próprio conhecimento que produz (MOITA LOPES, 2006), procuro estabelecer também uma reflexão epistêmica acerca das masculinidades e das homoafetividades (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; MILANI, 2017, dentre outros) e das lentes decoloniais nos estudos de gêneros (LUGONES, 2008; GOMES, 2018). No que diz respeito à análise dos dados, serão mobilizadas as ferramentas conceituais de pistas indexicais (WORTHAM, 2001) e posicionamento (BAMBERG, 2002; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; DEPPERMAN, 2015) para a análise das pequenas histórias (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) selecionadas no site do projeto. Tais noções são de extrema relevância, uma vez que proporcionam a reflexão a respeito dos processos de circulação e subversão de discursos no que tange às noções de gênero e sexualidade (LOURO, 2016; 2017). No que diz respeito às questões metodológicas, os dados foram gerados em uma investigação de caráter exploratório, a partir de uma etnografia virtual no site do projeto. Ao final deste estudo, são apresentadas reflexões a respeito de como, ao mobilizarem diversos recursos linguísticos, diferenças de gênero são produzidas. No que diz respeito às masculinidades, por meio de diferentes instituições e indivíduos, podemos observar como modelos tidos como ideais são (re)produzidos e sustentados na tentativa de conformar diferentes homens a posições sociais esperadas. Propõe-se, ainda, que esta investigação seja capaz de apontar caminhos para outras discussões no tocante à temática gênero e sexualidade no campo dos estudos da linguagem.

Palavras-chave: Masculinidades. Análise do Discurso. Gênero. Performance. Etnografia Virtual.

ABSTRACT

In this research, my main goal is to produce an understanding on how the narratives from the project "Chicos" produce male homoaffective performances whose practices diverge from the prescribed male hegemonic models (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). The project in question, in the artivism field (COLLING, 2018), was created independently by the photographers Rodrigo Ladeira and Fábio Lamounier and aims to approach experiences on how diverse men divergent from the gender and sexuality norms understand themselves in their own sexuality, identity, and body (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016). The theoretical foundation used in the research mainly involves the ideas of narrative, discourse, and performance (PENNYCOOK, 2007; BUTLER 2003, 2004; BAUMAN; BRIGGS, 1990; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005; DE FINA, 2015; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Supported by the concepts of Indisciplinary Applied Linguistics, which not only assumes a way to think differently, but also to act politically capable to reflect on its own knowledge that it produces (MOITA LOPES, 2006), I also aim to establish an epistemic reflection concerning masculinities and homoaffectivities (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; MILANI, 2017, amongst others) influenced by the decolonial lenses in gender studies (LUGONES, 2008; GOMES, 2018). Regarding data analysis, conceptual tools of indexical clues (WORTHAM, 2001) and positioning (BAMBERG, 2002; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; DEPPERMAN, 2015) will be used for the analysis of short stories (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) selected on the project website. Such notions are extremely relevant, since they provide a reflection on the processes of discourse circulation and subversion regarding the notions of gender and sexuality (LOURO, 2016; 2017). Concerning methodological issues, the data was generated based on an inquiry of exploratory character, based on virtual ethnography on the project website. In the end of this study, reflections are presented regarding how, when mobilizing diverse linguistic resources, differences in gender are produced. Concerning masculinities, by means of different institutions and individuals, it can be observed how models taken as ideal are (re)produced and supported in the attempt to conform different men to expected social positions. This research also aims to point to other discussions in regards to gender and sexuality in the language studies field.

Keywords: Masculinities. Discourse Analysis. Gender. Performance. Virtual Ethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Algumas fotos dos ensaios mencionados 46
Figura 2 - Algumas fotos dos ensaios mencionados 47
Figura 3 - Fabricio. Chicos (2016), retirada da página do projeto 86
Figura 4 - Fabricio. Chicos (2016), retirada da página do projeto 87
Figura 5 - Capa da Revista Veja do dia 26 de 1989 97
Figura 6 - Ariel. Chicos (2016), retirada da página do projeto 99
Figura 7 - Ariel. Chicos (2016), retirada da página do projeto 100
Figura 8 - Leandro. Chicos (2015), retirada da página do projeto 109
Figura 9 - Leandro. Chicos (2015), retirada da página do projeto 110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transexuais/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidade de gênero
COVID-19	Corona Virus Disease
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
HIV	Vírus da Imunodeficiência Adquirida
IBRAT	Instituto Brasileiro de Transmasculinidades

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 MASCULINIDADES E HOMOAFETIVIDADES 27
2.1 TENSIONANDO AS PRÁTICAS QUE SÃO ENTENDIDAS COMO "NORMAIS" PARA OS COMPORTAMENTOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE 27
2.2 "ESTRANHANDO" O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA 32
2.3 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE CIS-HETERNORMATIVIDADE 35
2.4 *"EU DEIXO DE SER HOMEM POR GOSTAR DE OUTRO HOMEM?"*: O PROJETO CHICOS E O POTENCIAL CRÍTICO À COLONIALIDADE DAS MASCULINIDADES ... 40
3 DISCURSO, GÊNERO, SEXUALIDADE EM PERFORMANCES NARRATIVAS 50
3.1 POR UMA VISÃO PERFORMATIVA DE LINGUAGEM 50
3.2 DISCURSO COMO PERFORMANCE 54
3.3 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO PERFORMANCE 60
3.4 NARRATIVA COMO PERFORMANCE 63
4 METODOLOGIA 68
4.1 NATUREZA DA PESQUISA 68
4.2 O PROJETO CHICOS 74
4.3 O PESQUISADOR 76
4.4 RECORTE E SELEÇÃO DOS DADOS 79
4.5 OS CONSTRUTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS 81
5 ANÁLISE DOS DADOS 85
5.1 FABRICIO 85
5.1.1 "[...] percebi que não tinha nada errado comigo, eu era gay, e ser feliz era minha meta." 87
5.1.2 "Nossa! você emagreceu! Tá com AIDS? [...] É só dar a bundinha com camisinha" 93
5.2 ARIEL 98
5.2.1 "[...] dizer que sou viado, nesse caso, foi uma forma de expressar que não compactuo com uma masculinidade idiota, normativa e opressora" 101
5.3 LEANDRO 108
5.3.1 "Se ser gay no Brasil ainda não é fácil, ser negro e gay (ou gay e negro) é duplamente complexo" 111

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 117
REFERÊNCIAS 120

1 INTRODUÇÃO

> Por meio da narrativa nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã (Jerome Bruner).

Ao iniciar o processo de escrita da presente dissertação de mestrado, refleti sobre como a minha história de vida se entrelaça com este estudo. Nesse sentido, questionei-me se este texto estaria sendo escrito com a mesma motivação, interesse e cuidado se eu não fosse o Bernardino, professor de inglês, homem, branco, cisgênero, gay, nascido e criado por pais conservadores em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Cheguei, então, à conclusão de que se fazia necessário inserir nesta breve introdução algumas de minhas memórias a fim de elucidar como elas foram determinantes e, consequentemente, me conduziram até esta pesquisa.

Para tanto, busco em Collins (2016) a inspiração e a legitimidade de fazer pesquisa implicada na minha história, uma vez que minhas vivências enquanto "outro", sobretudo no que se refere à minha orientação sexual, me proporcionam criar entendimentos e estranhar determinados comportamentos, conceitos e teorizações a partir de um olhar específico, muitas vezes marginalizado. Nos termos da referida socióloga americana, "a realidade vivenciada é usada como fonte válida de conhecimento para criticar fatos e teorias sociológicas, ao passo que o pensamento sociológico oferece novas formas de ver esta realidade vivenciada" (COLLINS, 2016, p. 123). É, portanto, depositando confiança no potencial criativo que as autobiografias possuem e exercem, que este trabalho nasce: em conjunto com a minha existência.

Ainda me recordo do modo como meu pai contava com brilho nos olhos sobre o momento em que lhe foi dito, durante o exame de ultrassom, que minha mãe estava grávida de mim. Imagino que, naquele momento, por meio da típica frase "É um menino", um mundo de possibilidades, investimentos e performances começou a ser depositado em um tão novo ser. Esses investimentos, por sua vez, de acordo com Louro (2016, p. 18), têm "relação com a forma com que construímos nossas identidades sociais, sobretudo nossa identidade de gênero e sexual". Isso porque, conforme Preciado (2020) aponta, o início de tais investimentos vem desde muito cedo, pois há uma espécie de polícia de gênero que controla os berços a fim de tornar todos os corpos dos bebês crianças heterossexuais. Esse processo de vigília e regulação se dá, sobretudo, porque o que passa a estar em jogo é, fundamentalmente, "o futuro da nação heterossexual" (PRECIADO, 2020, p. 71). Assim, a partir da enunciação da sentença que "determinava" meu sexo anatômico, começava a ser gerado,

também, um objeto narcísico do meu progenitor: um amante do futebol e das mulheres, um "cara pegador", viril.

De fato, minha chegada ao mundo foi muito esperada e celebrada. Com meu nascimento, meus pais atingiriam um ideal de família feliz, típica de comercial de margarina, formada por um casal heterossexual, branco, cristão, e com dois filhos: um menino e uma menina. Nos momentos em que estávamos todos juntos e que meus olhos e ouvidos assumiam a gravação desse comercial, no *script* estava meu pai contando a cena de minha irmã informando os vizinhos de que havia nascido seu tão desejado irmãozinho do "saco roxo[1]".

Ainda me lembro dos momentos em que me era negado pegar emprestadas com a minha irmã algumas de suas bonecas. Afinal, meus pais, assim como tantas outras pessoas, aprenderam que bonecas eram brinquedos destinados às meninas. A única possibilidade que me era dada, mediante choros, tentativas de diálogo e muita frustração, era poder brincar com o Ken, por esse boneco apresentar o mesmo tipo de anatomia que o meu: masculina. Na minha inocência de criança, brincar de boneca era uma possibilidade de brincar de cuidar, mas eu não contava que essa tarefa estivesse ligada ao papel de gênero destinado ao sexo feminino, o que me excluía imediatamente. Naquele momento, uma barreira começava a ficar mais clara em minha cabeça e cabia a mim não tentar ultrapassá-la. Fazia-se, ali, uma dicotômica cisão: um mundo para meninas e outro para meninos.

Cresci cercado de muitas mulheres - mulheres fortes que me ensinaram muito do que sou hoje. Porém, essa proximidade também me trouxe problemas: a pergunta que buscava entender por que eu só tinha amigas era frequente. Elas, involuntariamente, foram interpretadas como sendo responsáveis por traços da minha personalidade como o fato de ser mais sensível, afeminado e o de ter interesses atípicos para um garoto. Fui criado ouvindo que eu precisava falar "mais grosso" e "parar de desmunhecar". Na visão do meu pai, por exemplo, eu precisava me comportar feito "um menino", e foi só mais tarde que compreendi que ele se referia a uma forma de comportamento que correspondesse às expectativas sociais relacionadas à minha anatomia.

À medida que o tempo foi passando, impiedosamente, fui reconhecendo que eu era um "problema de gênero". Conforme Butler (1990[2003]) aponta, a verdade conferida aos gêneros é atribuída no fazer, na ação desse corpo. Desde que nascemos, aprendemos não só a nos comportar de uma determinada maneira, mas também a nos vestir do modo que nossos gêneros são

[1] "Saco roxo" consiste em uma expressão popular utilizada para se tratar da virilidade de alguém do sexo masculino.

reconhecidos. Já era evidente, então, a necessidade de adestrar o meu corpo e as minhas ações para corresponder a um modelo binário no que compreende as relações de gêneros. Um mundo cerceado pelos proferimentos “meninos não brincam de boneca”, “fale igual a um homem”, “por que você não tem amigos meninos?”, “pare de desmunhecar” era construído, por meio da linguagem, impondo que eu deveria ensinar meu corpo a habitar em um modelo, seguir um padrão, invisibilizando, assim, outras maneiras de ser, viver e agir.

Eu reconhecia que deveria me encaixar em determinadas formas de sentido estabelecidas para determinado tipo de corpo. Cantar por completo o trecho “Eu cresci agora sou mulher[2]” era algo proibido para e por mim aos 11 anos, devido ao medo que sentia do provável escárnio e julgamento dos outros meninos da escola. Eu aprendia, ali, naquele momento, que não bastava disciplinar meu corpo e reprimir minhas vontades somente em casa, eu precisava refletir sobre minhas performances fora do espaço familiar também. Estava, então, diante de mais um tipo de regra que deveria seguir a fim de não ferir a integridade do mundo binário ao qual estava/estou ainda submetido.

Nesse sentido, parece-me lícito e de demasiada importância refazer a seguinte indagação feita pelo sociólogo peruano Giancarlo Cornejo em *A guerra declarada contra o menino afeminado*: “Por que uma guerra é declarada contra uma criança?” (2012, p. 80). À dele, acrescento as minhas: Como poderia eu habitar um espaço e agir de forma que pareciam inconcebíveis para mim? Não poderia, então, aquele menino ter tido, conhecido e legitimado outras formas de masculinidades?

Hoje, ao escrever esta dissertação, sou capaz de reconhecer, conforme Preciado (2020) elucida em seu texto *Quem defende a criança queer?*, que o que meus pais protegiam não eram meus direitos de “criança”, mas as normas sexuais e de gênero que eles mesmos aprenderam dolorosamente através de um sistema educativo e social que castigava qualquer forma de dissidência com ameaça, intimidação e até a morte (PRECIADO, 2020, p. 72). Entretanto, mesmo acreditando que eles pudessem estar verdadeiramente munidos de boas intenções em seus investimentos durante minha infância, o que realmente esperavam de mim não era o que eu desejava ser.

Com o passar dos anos, essa ideia de futuro, construída em torno de um tipo de masculinidade que aos poucos moldava e disciplinava meu corpo e desejos, se mostrava cada vez mais incerta e dolorosa para mim. Recorro mais uma vez ao pensamento de Cornejo (2012) para

---

[2] Trecho da música *Imortal*, lançada em 1999 e cantada pela dupla de irmãos Sandy e Júnior.

reforçar a tese de que fazer com que a minha homossexualidade fosse não-verbalizada ou adestrável se mostrava mais como algo que fazia com que ela se proliferasse e que tudo estivesse vinculado à minha orientação sexual. Nesse sentido, o que a cultura cis-heteronormativa exigia de mim, através de performances "mais masculinas", era simplesmente o meu apagamento, como ilustrado na seguinte frase: "o berço de um menino mariquinha é a lápide de um menino heterossexual" (2012, p. 82).

Todo tipo de referência no que tangia à literatura, ao cinema, à televisão que eu consumia era pautado em um modo de viver que eu já era capaz de presumir que não se encaixava no que eu vislumbrava para mim. No mundo da literatura, por exemplo, da meio-vampira Bela Swan, de Crepúsculo, à heroína Elizabeth Bennet, de Jane Austen, aprendi que o "e viveram felizes para sempre" estava destinado a casais cisgêneros e heterossexuais. Era impensável, então, naquele tempo, vislumbrar referências ou um tipo de futuro que não fossem regidas pelo modelo que conhecemos hoje como heteronormatividade. Esse conceito, nos termos de Miskolci (2012), diz respeito ao fato de que todos são ensinados a seguir um modelo de vida, uma ordem sexual, a saber, a heterossexual. Nas novelas e filmes nada era muito diferente disso. No conteúdo que havia disponível para mim, o espaço para entendimentos do que vinha a ser um homossexual era produzido através de perspectivas conflituosas.

Entretanto, cabe destacar que, durante todo esse processo, a cisgeneridade passa a ser pressuposta e naturalizada. O referido termo, então, é empregado para caracterizar a experiência do sujeito que tem sexo e anatomia atrelados ao gênero com o qual se identifica. Assim, uma pessoa cisgênero estaria nesse sentido em oposição a uma pessoa transexual. Isso dito, ao longo desta pesquisa, vou usarei o termo cis-heteronormatividade, pois entendo, conforme o pensamento de Silva (2020), que nesse termo estão articulados dois códigos de normatização (cisnormatividade e heteronormatividade) extremamente imbricados e potentes, conforme veremos na seção 2.3.

Nesse sentido, a cis-heteronormatividade enquanto ordem, por exemplo, dita a maneira pela qual os sujeitos devem se relacionar, trabalhar, se vestir, entre outros aspectos. De certa forma, mesmo que alguém esteja, por exemplo, em um relacionamento homoafetivo, lhe é exigido que obedeça e siga um modo de viver pautado por um modelo heterossexual, familiar, reprodutivo. Em vista disso, nota-se que normas sociais em nível macro podem estar combinadas a normatividades em nível micro. Estamos, então, diante do termo cunhado por Lisa Duggan (2003) como homonormatividade: essa forma de micronormatividade enquanto código pressupõe que só serão aceitos e legitimados os gays e as lésbicas aos olhos da heternormatividade hegemônica quando em

consonância com a heteronormatividade. É dessa forma que lésbicas, gays, transgêneros e bissexuais são considerados desviantes da norma heterossexual e estão constantemente subjugados a esse ato de regulação de seus gêneros, orientações sexuais, identidades e performances. Quando vistos sob uma oposição binária, sujeitos sociais que não se "alinham" a essa "forma" são, muitas vezes, excluídos, negados, invisibilizados e violentados – física e simbolicamente.

Entretanto, a democratização do acesso às informações, ocasionada pela internet e propiciada pelo fenômeno da globalização, é capaz de criar, multiplicar, ampliar, intensificar e, ao mesmo tempo, desenvolver nas pessoas uma consciência crescente das relações profundas entre o local e o distante (KUMARAVADIVELU, 2006). Conforme fui crescendo e atingindo a idade adulta, fui em busca de referências diversas daquelas que me acompanharam durante a adolescência e que me fizeram acreditar que havia algo de errado no modo como eu me enxergava e almejava viver a minha sexualidade. Os filmes, livros, seriados e novelas que consumia me mostravam, muitas vezes, que o final feliz de um casal homoafetivo era quase impossível, que era preciso escolher entre o amor da família e a liberdade de a pessoa ser o que é, ou que o universo gay era composto somente por promiscuidade, drogas e infecções sexualmente transmissíveis (doravante ISTs), dentre outros estereótipos reforçados sempre de forma pejorativa pela grande mídia no que diz respeito aos homossexuais. Essa forma de ver a homossexualidade esteve, muitas vezes, relacionada a uma noção construída em torno do fracasso e daquilo que fosse indesejável. Em contraste, a visão correspondente à heterossexualidade sempre esteve voltada e vinculada a noções de sucesso e de algo desejável.

Desde então, meu olhar com relação a toda essa gama de referências não foi mais o mesmo. Consegui, assim, reconhecer que tais representações culturais em torno das homossexualidades eram passíveis de serem refletidas e problematizadas. Esse movimento de tensionar o que me faziam entender como aceitável ou não foi imprescindível para que eu conseguisse discernir que não há um modo exclusivamente genuíno e incontestável de se viver os gêneros e as sexualidades. Ainda assim, eu percebia que era latente em mim a necessidade de escutar novas vozes, de estar em contato com outros saberes. Foi diante dessa percepção que me deparei com o Projeto Chicos, criado pelos fotógrafos mineiros Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira.

O Chicos, projeto contemporâneo e financiado coletivamente, é composto por fotografias, depoimentos e vídeos de diferentes homens gays dissidentes de um padrão naturalizado de gênero e sexualidade. O projeto em seu início tratava não só de experiências, histórias e vivências de cada participante, mas também incluía como cada um desses "se enxerga dentro da própria sexualidade,

identidade e do próprio corpo" (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016a, p. 7). Atualmente o projeto conta com um site[3] composto por 147 ensaios publicados, datados desde o começo, em 2015; uma página no *Facebook*; e uma conta no *Instagram*. Foram produzidos para comercialização zines, pôsteres, ecobags e um livro impresso, publicado em 2016, com fotos dos ensaios. Nas referidas redes sociais, todas as publicações são feitas com tarjas nos genitais devido ao fato de a nudez ser proibida nas plataformas em questão. Entretanto, para além dos ensaios, outros materiais em torno da temática LGBTQIA+ vêm sendo disponibilizados, como informações sobre ISTs[4], enema, indicações de filme, e outros.

O projeto, desde suas primeiras publicações, assumiu um compromisso de dar ouvidos às mais diversas histórias. Essas, por sua vez, são contadas por "Chicos" provenientes de todas as regiões do Brasil e também de outros países da América Latina. Entretanto, o compromisso com a pluralidade não vem apenas dos seus lugares de origem, mas também dos corpos desses homens: em uma visita pelo site, encontramos uma coletânea de corpos nus manifestados nas mais diversas formas. De acordo com Fábio Lamounier, em entrevista a Gregory Prudenciano (2016), "o corpo padrão[5] já tem visibilidade" e, mesmo que em alguns ensaios sejam retratados alguns corpos que se encaixem neste modelo, há a preocupação de "quebrar o padrão de beleza vigente, mostrando que existem corpos diferentes e que é possível ter orgulho deles". Vale ressaltar que o que Fábio considera como corpo padrão está também intrinsecamente relacionado à cisgeneridade: apesar de trazer narrativas que problematizem a heteronormatividade, há a manutenção daquela, e tal asserção pode ser corroborada não somente pelo fato de que não há uma intensa participação de homens trans no projeto, como também porque a imagem inicial do site que aparece junto com a confirmação de idade traz o corpo de dois homens cis e brancos nus. Entretanto, apesar de uma limitação do projeto, tal manutenção da cis-heteronormatividade pode ser vista como processo natural dos autores enquanto indivíduos também construídos nessa mesma sociedade, e deve ser pontuada, ainda que não comprometa a análise linguística a qual esse trabalho se propõe a fazer – não vindo a ser, portanto, abordada em detalhes.

---

[3] Disponível em: https://www.chicos.cc/about/. Acessado em: fev. 2021.

[4] Desde 2016, o Ministério da Saúde passou a adotar o termo IST em substituição a DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis). Tal mudança se dá, sobretudo, de maneira discursiva, uma vez que o termo infecção enfatiza o fato de que há a possibilidade de o indivíduo ter e transmitir a infecção, mesmo sem apresentar sinais e sintomas.

[5] Trazemos aqui a ideia de padrão como aquela compartilhada culturalmente a respeito de homens gays que são brancos, magros, normativos.

Embora pertencentes a uma mesma comunidade (a LGBTQIA+), não apenas o que nos é contado, como também a forma como isso se dá, se efetiva de maneira singular, principalmente pelo conjunto de elementos multissemióticos (vídeos, fotos e textos escritos). É com esse respeito à individualidade de cada "Chico" que podemos reconhecer que diferentes performances de gênero e sexualidade são problematizadas. Nesse sentido, o projeto acaba ganhando, ao mesmo tempo, um valor mais coletivo, pois, de acordo com seus criadores, "ele não fala somente do homem gay, mas de pessoas com suas interpretações temporais [...], do que são e de como se veem" (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016a, p. 7).

Dessa forma, somos convidados a enxergar os entrevistados "dentro de uma extensa diagonal (dos gêneros, dos entendimentos, das experiências) que, como qualquer linha, desenvolve-se de forma infinita" (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016a, p. 7). A contribuição desse projeto passa, de certa forma, a não se restringir unicamente àqueles que o criaram ou estão ali a se despir de seus traumas, narrando suas experiências, mas também a chegar a todos os outros "Chicos" desconhecidos, que têm suas histórias e vidas constantemente deslegitimadas, como uma forma de se sentirem representados por aqueles que lá estão retratados.

Por esse ângulo, o Projeto Chicos, então, ao longo deste trabalho, passa a ser entendido como um projeto artivista, pois a arte lá produzida, de forma criativa e provocadora, ganha um aspecto político, muitas vezes relacionado aos atos de resistência e subversão. Assim, o material produzido sobre corpos dissidentes de gênero e sexualidade assume um fazer político ao contribuir e propiciar transformações sociais, provocando e causando desconforto em uma sociedade permeada por valores e práticas demasiadamente conservadores.

Em Raposo (2015, p.4 *apud* COLLING, 2018, p. 156) , podemos encontrar, a definição do termo artivismo:

> Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas, como as que André de Castro tem vindo a prosseguir. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística.

O projeto, então, se classifica como tal por apresentar um fazer político diferente dos já estabelecidos e utilizados pela grande parcela de inúmeros movimentos sociais, como os LGBTs e os feministas, principalmente ao fazer uso das redes sociais e da internet como seu principal lugar de divulgação. Ademais, iluminado pelo pensamento de Lessa (2015), vejo no Chicos um intenso questionamento sobre os corpos, as sexualidades e os gêneros ao visibilizar maneiras alternativas de estar no mundo e de vivenciar a diversidade.

Em sua maioria, as narrativas disponibilizadas pelo projeto trazem questões que comumente permeiam a vida de homens gays e que, em suma, só fazem sentido quando perguntadas a esse grupo de pessoas especificamente, uma vez que seriam infundadas se indagadas a homens heterossexuais. Perguntas do tipo "como foi sair do armário para você?", "como você se percebeu gay?", "o que é ser gay para você?", "como foi sua primeira experiência sexual?" se fazem presentes ao lado de todos os ensaios. As respostas a essas perguntas, que entendo como narrativas biográficas, possibilitam refletir sobre essas histórias e entender como esses modelos, enquanto sujeitos, são capazes não só de organizar suas experiências de vida, como também de construir sentido sobre si mesmos, em um contexto de "atribuir aos participantes o protagonismo na construção de uma compreensão sobre o campo em foco" (CADILHE, 2017, p. 15).

As narrativas e as *small stories* (DE FINA, 2015; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), aqui encaradas também enquanto epistemes, nos possibilitam compreender e dar maior relevância ao que acontece na vida social. Moita Lopes (2001; 2003) nos chama atenção para o fato de que é preciso ter em mente que as narrativas são parte de "embates para legitimar sentidos", e, sendo assim, há que se considerar "quem conta histórias para quem" e "em que espaços institucionais". É nesse sentido que os depoimentos desses homens dissidentes de gênero e sexualidade assumem demasiada importância[6]. Eles, ao mobilizarem diferentes formas de ser e de se entender enquanto homossexual, são capazes de problematizar questões que envolvem um caráter rígido e pré-estabelecido sobre as identidades através de um determinado tipo de senso-comum amplamente difundido na sociedade.

[6] No Projeto Chicos, estão, até o presente momento, retratados 3 homens dissidentes de gênero (2 homens trans e 1 que se identifica como não-binário). Já no que diz respeito às dissidências de sexualidade, eles estão compreendidos entre homossexuais e bissexuais. Faço aqui esse esclarecimento porque uma categoria não precisa necessariamente implicar a outra, uma vez que um homem-cis gay passa a ser visto como somente dissidente de sexualidade, ao passo que um homem trans bissexual, o caso de Ariel Nobre (participante do projeto), passa a ser encarado como alguém dissidente de gênero e também de sexualidade.

Lázaro dos Anjos, um dos “Chicos” entrevistados por Ladeira e Lamounier, por exemplo, disserta em seu depoimento como ele hoje se posiciona frente aos estereótipos a respeito de questões que envolvem gênero e sexualidade:

> “Eu me sinto subestimado, como se pelo fato de eu ser ‘gay afeminado’ me excluísse de uma série de outras características ‘positivas’ que seriam destinadas somente ao ‘gay masculino’, sabe?” ele fala sobre as impressões que tem entre os próprios gays, quando lhe perguntei sobre anseios (2016, recurso *online*).

O depoimento acima nos possibilita começar a refletir, também, sobre o caráter plural do termo *identidades* presente no projeto, uma vez que, conforme nos aponta Canclini (2015, p. 284), “não é possível falar como se essas [identidades] se tratassem apenas de um conjunto de traços fixos”. É esse caráter pré-estabelecido, na maioria das vezes determinando uma congruência entre gênero e sexualidade, que outro “Chico” contesta, na medida em que para ele a questão do entendimento acerca da identidade de gênero pode ir além das categorias que muitos de nós conhecemos, pois, de acordo com seu ponto de vista, ele se considera, como afirma em depoimento a Ladeira e Lamounier postado no site, “uma Diagonal entre os Gêneros” (s.d., recurso *online*).

Nesse sentido, o projeto em questão não só demonstra sua potência por meio de seu compromisso ético e político, travando, em tempos tão obscuros, uma luta em favor da dignidade humana, como também garante a visibilidade e abre espaço para uma discussão ainda pouco difundida socialmente em decorrência de temas estigmatizados e de preconceitos estabelecidos em nossa sociedade. Estamos imersos em um contexto em que muitos, mediante tantos atos de violência cometidos contra a população LGBTQIA+, são convidados a voltar para seus “armários”.

As portas desses “armários”, muitas vezes, se fecham diante do silenciamento a respeito do debate e da garantia de direitos a grupos que já vêm sendo deslegitimados e violentados, física e simbolicamente, por muitos anos. Estamos, acima de tudo, sobrevivendo a um momento em que o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, conseguiu não só se eleger, conforme nos aponta Solano (2019), com “uma candidatura construída na negação das diferenças e na exaltação de um pensamento único e brutalizado” (SOLANO, 2019, p. 320), como também manter sempre um vínculo com discursos machistas, racistas, misóginos e homofóbicos. Bolsonaro, então, vem prometendo, desde sua campanha eleitoral, colocar fim ao que ele e muitos outros direitistas chamam de “ideologia de gênero”. Partindo de posturas e ideias que se apoiam em atributos anatômicos e fisiológicos, o presidente da República e os adeptos a seus posicionamentos denominam que o que hoje conhecemos como Estudos de Gêneros são meramente “culturalismos”,

ou mais uma obra dos “comunistas”. Para eles, pensar nos gêneros como algo construído socialmente é algo extremamente repudiável.

Em suas posições de protetores da família tradicional cristã e guardiões dos bons costumes, para o presidente da República e seus apoiadores, o que os “comunistas” almejam é a doutrinação, uma espécie de lavagem cerebral capaz de criar uma geração inteira de “gays e lésbicas”. Entretanto, há de se pensar no conceito de família tradicional e bons costumes de que eles se julgam zeladores. A necessidade de problematização em torno da parcela da sociedade a que eles se dirigem e servem se torna extremamente relevante, uma vez que esse ideal pode atuar na manutenção de muitas violências e desigualdades. Essa geração em questão, dos gays, sob os pontos de vista daquela parcela da sociedade citada, é caracterizada pela anormalidade nos modos de agir, no desejo incontrolável por sexo, desejo esse que os faz caracterizar muitos homens gays como pedófilos. Sustentados em pensamentos e ideias equivocados, os adeptos dessa visão ganham, cada vez mais, a simpatia de muitos religiosos ao proclamarem que tal ideologia de gênero seria determinante para o fim da espécie humana, uma vez que “não nasceriam mais crianças”.

Em tempos em que uma série de líderes renegam os avanços da ciência bem como políticas humanistas, tornam-se cada vez mais necessários projetos como o Chicos, visto que seus depoimentos serão determinantes no processo de criação de memórias desse momento que nos assola. Conforme Prado e Machado (2012), a memória não é somente de extrema importância para que possamos entender e conhecer nossas origens, mas também uma forma de garantir nossa existência, uma vez que quando é retirada a memória de um povo, lhe é retirada também a sua dignidade.

O Chicos não só coloca em foco outros tipos de narrativas, como também possibilita a (re)construção das masculinidades, desvinculando-as do ideal de masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Esse movimento em torno de ideias das homossexualidades masculinas vem se dando através de diferentes processos sócio-histórico-culturais. O projeto em questão, situado no momento histórico-político mencionado acima, é capaz de criar fotografias de um determinado tempo histórico em que há disponíveis outras formas de tecnologias e discussões, conseguindo, assim, obter outros alcances e efeitos.

Sobre a produção artística e o compromisso político em tempos obscuros, a escritora estadunidense Toni Morrison nos convida à reflexão de que

> Este é precisamente o momento no qual os artistas devem ir ao trabalho. Não há tempo para desespero. Não há lugar para a autopiedade. Não há necessidade de

> silêncio. Não há espaço para medo. Nós falamos, escrevemos, fazemos linguagens e é assim que as civilizações se curam. Sei que o mundo está machucado e sangrando e embora seja importante não ignorar a sua dor, também é crítico recusar-se a sucumbir a sua malevolência. Como o fracasso, o caos contém informações que podem levar ao conhecimento, à sabedoria. Exatamente como a arte[7] (MORRISON, 2004, recurso *online*, tradução nossa).

A arte nos torna capazes de refletir sobre o que está acontecendo ao nosso redor, não só por seu potencial de Cura, conforme nos aponta Morrison (2004), mas também por ser um espelho da vida. Em depoimento, um dos criadores do Chicos manifesta: "acreditamos que todos temos histórias para contar, todos temos experiências próprias que espelham uma época e a sociedade em que vivemos" (LAMOUNIER, 2015). Nesse sentido, através de seu olhar e buscando abarcar a diversidade dos homens gays, o referido projeto não só produz arte, como também entendimentos, saberes, visibilidade para essas vidas e histórias e, sobretudo, inspiração.

Considerando a capacidade de o Chicos, a partir de elementos multissemióticos, nos fazer refletir sobre nossas identidades e o poder que os discursos têm sobre cada um de nós, delineio a questão-problema desta dissertação: *Como as narrativas do Projeto Chicos produzem performances de masculinidades homoafetivas?* A partir, então, desse questionamento, foram delimitados quatro objetivos para esta pesquisa que, embora diferentes, estabelecem um diálogo entre si:

1. Investigar performances identitárias, a partir dos modelos fotográficos do Projeto Chicos via narrativas, cujas práticas destoam dos padrões prescritos da masculinidade hegemônica;

2. Compreender questões de gênero e sexualidade relacionadas à idealização de condutas de masculinidade, levando em conta seu caráter construído social, histórica e culturalmente;

3. Analisar como Discursos engendram diferentes modos de construir sentidos sobre questões ligadas aos gêneros e às sexualidades.

Este estudo, ao pretender criar inteligibilidades e reflexões sobre problemas sociais verificados através do uso da Linguagem, propõe um diálogo entre epistemes de origens diferentes. Ademais, reconhecemos que as mais diversas formas de manifestação da língua(gem) não se dão em um vácuo social. O interesse, então, de convergência entre os estudos da linguagem com os estudos de gênero provenientes da Filosofia, Sociologia e Antropologia se dá na necessidade de

---

[7] No original: "This is *precisely* the time when artists go to work. There is no time for despair, no place for self-pity, no need for silence, no room for fear. We speak, we write, we do language. That is how civilizations heal. I know the world is bruised and bleeding, and though it is important not to ignore its pain, it is also critical to refuse to succumb to its malevolence. Like failure, chaos contains information that can lead to knowledge - even wisdom. Like art".

“transgredir fronteiras como uma maneira de pensar diferentemente, de politizar e problematizar o próprio conhecimento que produz” (MOITA LOPES, 2006, p. 30).

Minha pesquisa começa no momento em que, para além do meu deleite, percebo que as narrativas e os ensaios de centenas de homens que, de alguma maneira, não se encaixam em padrões heteronormativos, produzem entendimentos e saberes, muitas vezes problematizando a maneira como foram ensinados no que diz respeito aos gêneros e às sexualidades. Esses Discursos acabam, então, incidindo diretamente sobre essas e outras vidas, criando problemas sociais; assim como as homossexualidades fazem parte da vida social, o patriarcado, o machismo, o racismo e, sobretudo, a homofobia também fazem.

É com um olhar direcionado a uma agenda ética, política e social que esta dissertação se insere no campo de uma Linguística Aplicada Transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006). O modo, então, de fazer pesquisa em Linguística Aplicada (L.A), assumindo uma postura indisciplinar e transgressiva, se estabelece na “tentativa de compreender nossos tempos e de abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir vozes que possam revigorar nossa vida ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Outro aspecto relevante para este trabalho é a decolonialidade, conceito que tem uma estreita relação com as perspectivas da L.A atual e os Estudos de Gênero, e tem como base a desconstrução de posturas coloniais. Na constante busca por contestar as lógicas da colonialidade, o pensamento decolonial, ao legitimar outros tipos de experiências políticas, culturais, de produção de conhecimento, problematiza o motivo pelo qual, de acordo com Pereira (2015), há uma geopolítica que transforma uns em fornecedores de experiências e outros em exportadores de teorias a serem aplicadas e reafirmadas. A partir desse pensamento, estaríamos subjugados a um cânone que diz respeito ao pensamento eurocêntrico, hétero, cisgênero e branco.

Nesse sentido, o conceito de colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) assume demasiada importância nesse estudo por dizer respeito a um modelo de dominação baseado na ideia de “raça” sendo, portanto, responsável pela “articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial” (QUIJANO, 2005, p. 117).

No que diz respeito à L.A, torna-se cada vez mais necessário levar em consideração que, conforme aponta Moita Lopes (2006), a constituição do sujeito social se encontra de maneira fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida. Não me cabe, então, ao longo deste trabalho, quando diante das narrativas disponibilizadas por esses homens, ou seja, de suas produções

discursivas, desconsiderar aspectos relativos às suas classes sociais, raça, gênero, sexualidade e outros.

Nesse sentido, as ideias do referido linguista aplicado convergem com as de Lugones (2008), na medida em que somos convidados a reconhecer o caráter interseccional entre essas categorias, almejando romper com o caráter binário que elas pressupõem. Em outras palavras, no que diz respeito ao gênero, é necessário que passemos a admitir seu caráter relacional e racializado. A referida filósofa argentina ao propor o conceito de sistema colonial de gênero, evidencia o caráter fictício relacionado à noção de gênero. Entendido como tal, ele passa a ser visto como parte indissociável e perpetuadora da colonialidade do poder, contribuindo também para a dominação racial e de gênero.

Então, sob esse ponto de vista, é a partir do momento em que há a capacidade de perceber a intereseccionalidade entre gênero e raça que será possível, ao longo deste trabalho, criar entendimentos a respeito de como a colonialidade do poder e o sistema colonial de gênero agem na maneira como, por exemplo, "homens gays negros" são brutalizados, objetificados, desumanizados, e assim por diante.

Ao trazer para a discussão a importância e a grandiosidade de pensamentos-outros, o pensamento decolonial e os Estudos de Gênero estabelecem seu ponto de convergência: ambos denunciam a universalidade compreendida através de uma lente cis-heteronormativa.

Em suma, nos termos de Pereira (2015, p. 417): "A teoria *queer* e o pensamento decolonial se abrem e apostam em outros corpos, histórias e teorias". Ao tensionar e refletir sobre como performances em torno de masculinidades são narrativizadas no Projeto Chicos, a presente dissertação pretende assumir, então, uma atitude decolonial[8] (MALDONADO-TORRES, 2015). Essa motivação se dá no interesse de problematizar e compreender esse conceito como uma maneira de contribuir para a "percepção sobre as relações de poder envolvidas na legitimação de saberes" (SANTOS, 2018, p. 12). A partir dessa breve introdução, descrevo a seguir a forma como optei por estruturar e organizar os capítulos desta dissertação.

Para a realização deste estudo, os dois primeiros capítulos trazem fundamentos teóricos essenciais para a discussão: no Capítulo 2 são tensionadas as práticas que são entendidas como "normais" para os comportamentos de gênero e sexualidade; e no Capítulo 3 trato da visão de discurso, gênero e narrativa como performances. Já no Capítulo 4, apresento a metodologia, o

[8] Assumir uma atitude decolonial, conforme Maldonado-Torres (2015) propõe, é procurar subverter, resistir, questionar e propor novos entendimentos e possíveis mudanças relacionadas aos padrões relativos à colonialidade do ser, do saber e do poder.

contexto de pesquisa e os procedimentos de análise. Após a discussão teórico-metodológica, apresento os dados de análise e as considerações chegadas.

2 MASCULINIDADES E HOMOAFETIVIDADES

Neste capítulo, teorizações de diversos campos dos saberes serão discutidas a fim de possibilitar a criação de entendimentos sobre aspectos relacionados às masculinidades e às homoafetividades. Assim, o diálogo entre estudos provenientes da Filosofia, Sociologia, Educação e História com a Linguística Aplicada se dá na medida em que esta direciona seus interesses para as "práticas sociais" (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

No presente estudo, então, trabalharei a favor de uma visão pautada em relação ao gênero e à sexualidade como algo socialmente construído e passível de constantes mudanças, rompendo com quaisquer atribuições essencialistas e baseadas na anatomia dos corpos. Além disso, à luz dos pensamentos de Connell (1995) e Connell e Messerschmidt (2013), recorro ao conceito de masculinidade hegemônica e suas consequências no mundo social, principalmente no que diz respeito às homossexualidades. Em seguida, apresentarei reflexões sobre como a cis-heteronormatividade, caracterizada como um regime de gênero e sexualidade, ao pressupor a heterossexualidade e a cisgeneridade como ordens naturais, estigmatiza, discrimina e violenta aqueles e aquelas que não compartilham dos mesmos desejos sexuais e comportamentos de gênero que esse sistema impõe.

Por fim, concluirei o capítulo refletindo sobre a importância do Projeto Chicos ao tentar abranger diversas performances de masculinidades que resistem, contestam e problematizam um ideal de masculinidade hegemônico amplamente difundido e tido como "normal" na sociedade, mesmo que, conforme demonstrado na introdução, a presença maciça de homens brancos, cis e magros nos leve a considerar a manutenção de determinadas normas a que esses corpos estão submetidos.

2.1 TENSIONANDO AS PRÁTICAS QUE SÃO ENTENDIDAS COMO "NORMAIS" PARA OS COMPORTAMENTOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

> Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar (Chimamanda Ngozi Adichie).

Em seu livro *Sejamos todos feministas*, Chimamanda Ngozi Adichie (2015) nos chama atenção sobre o fato de, durante muito tempo, o mundo em que vivemos ter sido governado

exclusivamente por homens. Em sua visão, em um outro momento, tal acontecimento pôde ser justificado devido a características fisiológicas e hormonais presentes nos corpos masculinos. Em sua natureza, homens apresentam maior força física que mulheres, e, em um contexto em que essa força representa um atributo necessário à sobrevivência, quanto mais forte o homem, maiores também eram suas chances de se tornar um líder. Entretanto, as mudanças trazidas pela evolução do ser humano para uma sociedade em que a força física não representa um diferencial que garante nutrição e proteção nos deixa questionar o fato de os homens ainda ocuparem de forma majoritária cargos de liderança e chefia. As grandes desigualdades que ainda são conferidas e perpetuadas entre os gêneros se manifestam enquanto um legado dessa visão essencialista e focada na anatomia em torno dos próprios gêneros, e não mais dos sexos.

Em diálogo com a ideia da escritora nigeriana, Joan Scott, em "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" (1995), traz para discussão a maneira pela qual o papel atribuído ao gênero tem organizado nossa sociedade. Para a historiadora norte-americana, o modo como aprendemos a significar e construir tais conhecimentos incide em determinados corpos, atuando de maneira decisiva na construção de suas experiências, permitindo e negando posições atribuídas a cada gênero baseadas na (re)produção de ideias naturalizadas ao longo da história. Sabemos, também, que vivemos em uma sociedade composta por regras e muitas delas dizem respeito aos gêneros e a ações "destinadas" a homens e mulheres, o que nos faz perceber que desde que nascemos, por exemplo, aprendemos a nos comportar de determinada maneira. Desde a mais tenra idade, é atribuído aos corpos um *sentido*, a saber, o de sua identidade de gênero.

Assim, ainda hoje, conforme Senkevics e Polidoro (2012), vivemos em uma sociedade em que os entendimentos sobre o que é ser homem ou mulher ainda estão relacionados a explicações anatômicas/fisiológicas, não levando em consideração outros fatores essenciais como aspectos culturais, sociais e políticos. Nessa perspectiva, olhar para o gênero a partir de um caráter determinista dessa forma tem agido para caracterizar o que comumente as pessoas atribuem às identidades de gênero e sexualidade. Dessa maneira, de acordo com Louro (2017, p. 26), "o gênero é construído socialmente, ou seja, é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros". O objetivo, então, é pensar no gênero enquanto mutável, particular e resultado da "(re)construção" de cada sujeito. Assim, sob esse ponto de vista, podemos pensar que há inúmeras formas relacionadas ao se fazer homem ou mulher, e é a partir disso que se faz necessário um rompimento com essa visão binária para que possam ser construídas novas possibilidades de compreensão sobre as masculinidades e as feminilidades, reconhecendo seu caráter de serem construídos socialmente.

Contudo, entendemos que, em alguns contextos, há uma visão que ignora e desconsidera que gêneros e sexualidade se constroem no âmbito das relações sociais e reproduz um comportamento rígido e polarizado em relação a esses conceitos. No que tange à sexualidade, de acordo com Louro (2016), uma visão polarizada também acaba excluindo o fato de que aprendemos sobre nossa sexualidade. Logo, como parte disso, há também inúmeras possibilidades de se viver e experienciar os desejos e os prazeres e esses se dão sempre de acordo com a maneira com que a sociedade os apresenta e até incentiva. Assim, não obstante, ela também é capaz, o tempo todo e a todo momento, de regulá-los, proibi-los, legitimá-los ou não. Desse modo, a partir de uma oposição binária, sujeitos sociais que não se "alinham" a essa "forma" são, muitas vezes, excluídos, negados, invisibilizados e violentados – física e simbolicamente. Consequentemente, a forma como muitos/as vivem as suas sexualidades é sempre estabelecida e codificada socialmente, conectada nas redes de poder.

Nessa lógica, nossa constituição enquanto sujeitos é realizada através das relações de saber-poder. Essas são significativas e orientam nossa forma de ver o outro, o mundo e a nós mesmos. Muitas dessas relações são produzidas através de uma norma que é estabelecida ao longo da história e diz respeito "ao homem branco, heterossexual de classe média urbana e cristão, e essa passa ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os 'outros' sujeitos sociais que se tornarão 'marcados', que se definirão e serão denominados a partir dessa referência" (LOURO, 2016, p. 15). Consequentemente, gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais são considerados desviantes da norma e sobrevivem a diversos atos de regulação de seus gêneros, orientações sexuais, identidades e performances. É a respeito desse caráter pré-estabelecido que Adichie (2014) também aponta sobre o caráter prescritivista que o gênero assume ao impor como devemos ser ao invés de contemplar e reconhecer quem de fato somos.

Dessa maneira, reconhecemos que muitas expectativas são depositadas a respeito do gênero e elas, por sua vez, exercem demasiada força no nosso processo de constituição e entendimentos de nossas subjetividades e isso já começa, por exemplo, com a escolha de nossos nomes. Assim, atribuir um nome a um bebê passa a ser, então, uma maneira de ilustrar como esse processo generificado dos corpos passa pelos mais diversos exercícios e estilos. É sobretudo através do gênero que vivemos nossas relações com o outro, principalmente na maneira como atribuímos sentidos e reconhecemos os trabalhos que são realizados através da linguagem de nossos corpos, mesmo que de forma regulada e repetida. Ademais, por reconhecer que estamos em constante processo de entendimento de quem somos, precisamos refletir a respeito dessa égide positivista

binária em que uma relação de inteligibilidade dos gêneros é dada, única e exclusivamente, a partir da anatomia.

Nessa perspectiva, conforme Butler (2003) aponta, atribuímos a verdade de gênero ao performá-lo, ao fazê-lo. Desde que nascemos, aprendemos a nos comportar de determinada maneira. Isso se dá, principalmente, devido a uma necessidade de adequar algo a uma determinada categoria e, consequentemente, a um determinado sentido. Mesmo a pessoa que se reconhece com a genitália com que nasceu precisa se vestir, comportar, falar da maneira da qual seu gênero é reconhecido. É nesse sentido, por exemplo, que a filósofa americana problematiza o fato de que desenvolvemos esquemas de sentido e padrões de humanidade. Assim, o não entendimento de alguns corpos possibilita o não reconhecimento de suas humanidades, o que faz com que esses corpos vivam em constante processo de vulnerabilidade social.

Esse processo de desumanização está, muitas vezes, relacionado ao fato de que são produzidos sentidos para tentar encaixar determinados corpos que são vistos como problemas sociais principalmente por não corresponderem a um modelo binário. Esse não entendimento de alguns corpos traz à tona o olhar preconceituoso que muitos têm com aqueles que possuem uma orientação sexual diferente da heterossexual. Essa visão preconceituosa, muitas vezes, diz respeito, conforme nos aponta Santos (2018), a um dos três modos principais de desigualdade estrutural nas sociedades modernas: o *patriarcado*, ou, mais precisamente, o *cis-hetero- patriarcado*. Esse modelo patriarcal, visto como um regime universal de opressão, naturalizou o desejo heterossexual e as identidades de gêneros.

Nesse sentido, principalmente pelo ponto de vista do discurso hegemônico e influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, esse regime pressupõe que suas vítimas são seres sem plena dignidade humana, sub-humanos, abjetos. Consequentemente, o preconceito (homofobia e transfobia) se insere em um dado momento em

> que a diferenciação grupal não permite um sentido de comparação que não seja de exclusividade, isto é, uma comparação que exige hierarquização, já que a existência de uma posição ameaça a soberania identitária de outra (PRADO; MACHADO, 2012, p. 22).

De modo geral, o preconceito social pode ser visto não só como um impulso necessário a fim de invisibilizar e deslegitimar outras formas de existência, como também sustentar, e dar coerência a um consenso hegemônico, uma posição hierarquicamente superior; nesse caso, a heterossexualidade e a cisgeneridade.

As relações de poder tiveram grande destaque nos estudos de Michel Foucault. O pensador, muitas vezes preocupado com os efeitos do poder, considera que seria importante que os mesmos fossem percebidos como estando articulados a “disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos” (1987, p. 29). Nessa continuidade, de acordo com o pensador francês, os dispositivos de poder são capazes de atribuir ao corpo um sentido de utilidade e de integração ao sistema econômico. Em contrapartida, para que possa fazer parte desse, ele precisa adquirir uma forma que esteja de acordo com regras bem definidas.

Dessa forma, através da continuidade dada a seus estudos, Foucault reconheceu a presença de técnicas de poder que agem de modo incisivo sobre os corpos dos indivíduos com o intuito de estabelecer sobre eles, de maneira contínua e permanente, uma espécie particular de controle, o qual denominou de “disciplina”. Técnicas de disciplina, para ele, então, são regulações capazes de propiciar o controle rigoroso das performances do corpo sendo, portanto, responsáveis por garantir a sujeição incansável de suas forças e lhes impor uma associação entre docilidade e utilidade. Assim, por conseguinte, a disciplina, enquanto um dispositivo de poder, age sobre os corpos dos indivíduos manipulando, restringindo e legitimando seus gestos e comportamentos, sendo capaz de não só dar forma a eles, como também de adestrá-los.

É interessante perceber que Foucault traz à cena o caráter produtivo e positivo do poder, desvinculado de somente seu caráter negativo e repressivo. Ainda pensando à luz das teorias foucaultianas, “lá onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade ao poder” (FOUCAULT, 1999, p. 91). Assumimos, então, a partir desse ponto de vista, que as manifestações de resistência são vistas como inerentes ao exercício de poder.

De uma maneira geral, através das narrativas e dos ensaios fotográficos e seus cenários, o Projeto Chicos, sobre o qual estamos a criar reflexões, não só tensiona, como também problematiza diferentes performances de gênero e sexualidade. Isso se dá, principalmente, devido ao fato de que, embora pertencentes a um mesmo grupo, esses homens que contradizem os padrões naturalizados de sexualidade e de gênero são retratados nus e cada um, à sua maneira, se posiciona contra ou a favor dessa norma que regula as identidades de gênero e sexualidade. Em suma, o que une os “Chicos” não é somente o fato de que eles contestam essa matriz de inteligibilidade conferida à sexualidade e ao gênero, principalmente pela presença no projeto de dois homens trans e um bissexual, mas, sobretudo, pelo caráter transgressivo no desejo de questionar e resistir aos ideais da masculinidade hegemônica (CONNEL; MASSERCHMIDT, 2013).

2.2 “ESTRANHANDO” O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino.
(Pepeu Gomes)

O ano era 1985 e o cantor Pepeu Gomes fazia enorme sucesso nas rádios e nos programas de TV com a sua música “Masculino e Feminino”. Em sua letra, percebemos a presença de um enunciador que assume e reconhece que a presença de características femininas não interfere na maneira como ele se entende enquanto sujeito do sexo masculino. Entretanto, ao longo do nosso processo de socialização, conhecemos as mais diferentes histórias de homens e mulheres que tiveram esse reconhecimento e liberdade cerceados em uma sociedade patriarcal e estruturalmente machista, que, apesar de predominantemente questionada pelas mulheres através do movimento feminista, também traz grandes danos aos meninos e homens - e é nesse contexto que ainda nos deparamos com esses sendo forçados a regular seus corpos e performances, uma vez que “homens não choram”, “homens não realizam tarefas domésticas”, “homens não usam rosa”, “meninos não brincam de boneca”.

Em grande parte de nossas vidas, nos deparamos com a ideia de que cabe aos mais diversos homens reproduzir papéis específicos nos mais diversos contextos, compelidos a regular e lapidar seus corpos a fim de construir uma referência de masculino e de feminino através de trejeitos, roupas, gestos e outros. Sob essa ótica, meninos ainda jovens aprendem que há um modelo de homem a ser seguido descrito por características pré-estabelecidas e em torno de um ideal de masculinidade que, por sua vez, se oporia ao de feminilidade. Em contrapartida, entendemos que a atribuição de papéis para cada um dos gêneros ajuda a reforçar entendimentos enviesados sobre tais assuntos, uma vez que “tais diferenças não são baseadas em objetivas discrepâncias, mas em puro preconceito construído lenta e solidamente” (MAGDHIMAN, 2021, p. 49). Sabemos, conforme já exposto neste capítulo, que o olhar essencializado em torno dos gêneros através das lentes da biologia não dá conta de explicar a complexidade que tais significados contêm, uma vez que “aprender a ser homem ou a ser mulher abarca trajetórias, experiências e jornadas que nunca se dão de forma solitária” (CADILHE, 2018, p. 38).

Advogar, então, a favor de um papel masculino é basear-se em uma ideia de comportamentos e presunções capazes de reforçar um ideal, uma *masculinidade hegemônica*

(CONNEL; MASSERCHMIDT, 2013), ou seja, “um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL; MASSERCHMIDT, 2013, p. 245). Esse conceito, então, diz respeito a um tipo particular de grupo masculino que passa a ser a referência socialmente legitimada e a ser seguida que pressupõe, através de uma lente misógina, que “ser homem” é uma grande qualidade, em contraposição a “ser mulher”, que passa a ser um grande defeito.

Adichie (2015) também aponta a definição que conhecemos de masculinidade como muito restrita. Os homens desde a mais tenra idade e, muitas vezes, sem saber o porquê, são obrigados a controlar seus corpos e a excluir qualquer característica que se assemelhe a um atributo feminino. A privação de traços femininos se dá, muitas vezes, como bem elucida Virginie Despentes (2016), a partir da regulação exigida pelo corpo coletivo e não em contextos permeados por necessidades individuais. Tal fato não leva em consideração, por exemplo, que a masculinidade se dá em relação à feminilidade (CONNELL, 1995). Nesse sentido, Milani (2017) também nos sugere o caráter relacional do termo masculinidade e reforça o fato de que devemos pensar no termo no plural, ou seja, devemos advogar a favor de masculinidades. Assim, para o referido autor, ao falarmos de masculinidades estamos lidando com um conjunto de *performances*. Entretanto, conforme já explicitado, uma dessas, ao ser encarada como uma espécie de protótipo, age para empregar e legitimar sentidos desde a respeito de como a linguagem é usada até em outras manifestações de significação, como formas de se vestir, agir e se portar.

Em virtude disso, meninos e homens, ao procurarem atingir um modelo hegemônico, em determinados casos inatingível, têm suprimidas questões relativas a suas humanidades, pois aprendem a duras penas que não podem ter medo, ser vulneráveis ou apresentar qualquer demonstração de fraqueza e são, então, “roubados” dos sujeitos de quem de fato são. Nesse sentido, se pensarmos em um processo de aprendizagem em relação às suas subjetividades, a primeira lição que meninos aprendem se dá de maneira inversa, através de uma negação, ou seja, que não devem ser femininos. É sob o viés de uma masculinidade conhecida hoje como “tóxica”[9] que investimentos

[9] Nesse estudo, não me refiro à masculinidade tóxica como um sinônimo de masculinidade hegemônica, mas utilizo- o conforme Moura (2020) que entende o termo como um conjunto articulado a normas, valores e atitudes que reforçam a dominação masculina. Assim, a manifestação da masculinidade tóxica, vista através de comportamentos sexistas, misóginos, homofóbicos, competitivos e agressivos traz grandes consequências não só para vida de muitas mulheres, homens e crianças, como também para a nossa sociedade em geral.

são feitos na vida de muitos meninos e rapazes a fim de convencê-los a não serem femininos ou homossexuais.

Nesse sentido, entendo, conforme aponta Connell (1995), que o processo de construção das masculinidades deve ser visto como um projeto em duas manifestações: coletivo e individual. Trata-se, então, de um "processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições e práticas" (LOURO, 2017, p. 53). Por mais que seja reconhecido que diferentes manifestações de masculinidades são fabricadas no mesmo contexto social, essas, por sua vez, agrupam-se ao redor e/ou em relação com a masculinidade tida como hegemônica (CONNELL, 1995). Em outras palavras, essa masculinidade mais legitimada e (re)produzida pela sociedade é produzida ao mesmo tempo e em relação com outros tipos de masculinidades.

Nesse sentido, conforme Milani (2017) sugere, devemos entender o processo de se tornar homem como um processo infindável e suscetível a constantes constrangimentos. Assim, embora reconheçamos que por mais que esse modelo hegemônico de ser homem coexista com muitos outros, ele ainda dita as regras normatizando uma série de corpos e sujeitos, principalmente porque está baseado e legitimado pelas diversas instituições como as igrejas, as escolas, o próprio Estado e diversos artefatos culturais. Entretanto, sabemos que alguns sujeitos assumem uma postura de resistência frente às regulações investidas aos seus corpos por parte de tais instituições. Mesmo assim, reconhecemos que eles, em algum momento de suas vidas, se defrontarão com a imposição desse modelo em diferentes momentos e instituições que poderão fazer parte de suas vidas, pois "essas normas não são enraizadas nas mentes das pessoas de modo randômico e idiossincraticamente, mas são sobretudo resultado de determinados desdobramentos sociais, culturais e históricos[10]" (MILANI, 2017, p. 66, tradução nossa).

Paralelamente a isso, Connell e Masserchmidt apontam para o fato de que "as masculinidades são produzidas no discurso, mas também são usadas no discurso" (2013, p. 257), uma vez que somos questionados/as por discursos que sugerem, indicam, atribuem sentidos e afirmam o que é ser homem e o que é ser mulher (TAKARA, 2017). Em outros termos, por um lado, os discursos, ou seja, a linguagem em ação, prescrevem como os corpos/sujeitos devem agir. Por outro e também como consequência de tal fato, aqueles que não performam no modelo hegemônico de masculinidade passam a ser "vítimas" de difamações, estranhamentos e "colocados" em uma posição em que são vistos como "anormais", uma vez que passam a ser penalizados através

[10] No original: "These norms are not ingrained in people's minds randomly or idiosyncratically, but are the results of particular social, cultural, and historical developments".

de diferentes manifestações de violência e xingamentos por desviarem da norma por se aproximarem de características femininas (MILANI, 2017). A linguagem, então, para além de prescrever inteligibilidades para esses corpos, passa a ser usada também para difamar, estranhar, colocar numa posição em que tais corpos não são vistos mais como de meninos "normais". Desse modo, essa "normalidade", conforme problematiza Cadilhe, diz de uma performance orientada "para o constante uso da força física e a demonstração enfatizada de algum tipo de bravura, valentia e até hostilidade com outros" (2018, p. 42).

Assim, é almejando romper com qualquer caráter rígido e pré-estabelecido em torno do termo *masculinidades* - principalmente porque muitos homens também se afastam, questionam, problematizam e resistem ao modelo tido como hegemônico - que tomo em seu sentido mais amplo e plural ao longo desta pesquisa. Consequentemente, pretendo também tentar romper com quaisquer essencializações que o termo pode assumir ao criar entendimentos sobre como os participantes do Projeto Chicos, através da diversidade no que tange os ideais de raça, gênero, sexualidade e corpo, são capazes de tensionar, reiterar ou até mesmo criar novas normas para além da ordem cis-heternormativa que ainda regula muitos sujeitos – conforme veremos na próxima seção.

2.3 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE CIS-HETERNORMATIVIDADE

Vivemos em uma sociedade em que aqueles que se consideram como heterossexuais e cisgêneros ainda gozam de uma posição hierárquica e determinados privilégios no que tange às relações sociais entre indivíduos. A verdade é que homens cis nunca deixaram de existir e continuam oprimindo, regulando, reprimindo e se apoderando de todos os espaços disponíveis. De certa maneira, isso só é possível, conforme sugere Miskolci (2006), porque a heterossexualidade é sustentada e depende de investimentos constantes dos indivíduos que perpetuam o sistema. Essa ordem, que privilegia a heterossexualidade e o binarismo de gênero como comportamentos ideais, normais e saudáveis, intitularam de heteronormatividade.

A heteronormatividade, conceito cunhado por Butler (2000), nos termos de Miskolci (2012, p. 48) "é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo". Assim, esse regime de gêneros deve ser visto como meios pelos quais normatizações sociais constrangem pessoas a partir de uma diversa gama de investimentos e vigilância nas mais diversas áreas como, por exemplo, o corpo, os trajes, as performances, a sexualidade, dentre outros a fim de reiterar que homens se comportem a partir de um ideal construído como masculino e mulheres a

partir de um ideal construído como feminino. Nesse sentido, conforme aponta Louro (2016), a conformação desses sujeitos em masculinos e femininos produz "marcas" que os acompanham durante suas trajetórias pessoais. O modo como essas marcas são perpetuadas ao longo tempo só se cumpre de modo efetivo porque uma série de investimentos são feitos sobre esses sujeitos:

> família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades de práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (LOURO, 2016, p. 25).

Esses investimentos são tão significativos e suas consequências tão profundas que acabam sendo responsáveis por causar intensos sofrimentos nos mais diversos campos na vida de muitas pessoas. A heternormatividade atua sobre todos e todas e muitas vezes age com mais força na vida daqueles cujo desejo sexual não é o heterossexual, por exemplo. Em contrapartida, enquanto pesquisador em Linguística Aplicada em diálogo com os Estudos *Queer*, acredito que persistir no uso exclusivo do termo heteronormatividade me impede de criar entendimentos a respeito do caráter multifacetado das normas de gênero e sexualidade sobre o qual este trabalho se propõe também a pensar. Desse modo, conforme citado na introdução deste trabalho, lançarei mão do termo cis-heternormatividade. Tal escolha recai sobre o fato de que, conforme muitas autoras transfeministas apontam, ao ser tomada como algo pressuposto, a cisgeneridade acaba desprezando a existência de pessoas trans*[11] (JARDIM, 2016; KAAS, 2011).

Assim, a partir da existência de uma cisnorma, por exemplo, uma pessoa cis tem sua subjetividade e privilégios mantidos, enquanto o mesmo não se verifica com uma pessoa trans*. Em outras palavras, homens e mulheres cis passam então a ser vistos como aqueles que apresentam uma questão de completo alinhamento entre seus corpos e gêneros. Dessa maneira, enquanto tais, acabam sendo reconhecidos como comuns, naturais, biológicos, ao passo que homens e mulheres trans* passam a ser subjugados como anormais e abjetos, principalmente por não se encaixarem em um modelo binário. Nesse sentido, o uso discursivo do termo cisgênero, conforme aponta o movimento transfeminista, nos possibilita tensionar e problematizar a cisgeneridade a fim de que ela passe a não ser mais encarada como algo natural, dado ou pressuposto. Até porque conforme

[11] Em Jardim (2016), o uso do termo com um asterisco é uma maneira evitar usar alguma classificação excludente, já que o símbolo ao final da palavra transforma o termo trans em um termo guarda-chuva, abarcando outras identidades trans, como transexual, transgênero e travesti. No presente trabalho, utilizo a palavra nessa acepção ampla, ainda que sem o asterisco.

Bagliali (2014) sugere, a eventualidade de um indivíduo cis rejeitar se identificar como cis é em si um privilégio exclusivo da cisgeneridade, ao passo que as pessoas trans* desconhecem tal direito.

Em diálogo com o pensamento da ativista transfeminista Viviane Vergueiro, o acréscimo do termo cis traz uma virada decolonial no pensamento sobre identidades e gêneros, uma vez que ele nos possibilita enxergar a cisgeneridade de outra forma. Ainda de acordo com a referida autora, somos capazes de deslocar a "posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans*, por exemplo" (RAMÍREZ, 2014, p. 6). Esse deslocamento diz respeito, sobretudo, à ordem discursivo-social, pois ao fazer uso dos termos homens-cis e mulheres-cis, tensionamos determinados usos linguísticos essencializadores, como, por exemplo, "homem biológico", "homem de verdade", "mulher de verdade", "homem nascido homem", e outros que tanto impactam na vida de muitas pessoas trans*.

Desse modo, em comunhão com o pensamento de Jardim (2016), compreendo que a cis-heteronormatividade estabelece um regime político-social que controla nossas vidas. A título de exemplificação, Alison (2019, recurso *online*), em seu depoimento no Projeto Chicos, disserta sobre como reconhecer-se gay lhe trouxe profundos questionamentos e insatisfações. Em seu ensaio, o mineiro de Belo Horizonte relata que, naquele contexto, ele, fundamentalmente, se pautava em padrões estritamente cis-heteronormativos tanto no que dizia respeito ao desejo sexual e às suas performances, quanto no desejo de constituição de uma família "tradicional", questão de que ele estaria impedido por assumir sua homossexualidade.

Assim, como exposto acima, através do depoimento de Alison, podemos refletir sobre a ideia de sucesso no que se refere a relacionamentos afetivos verificada através de uma ideia de formação de família. Naquele dado momento de sua vida, o "Chico" era capaz de entender que sua orientação sexual não lhe possibilitaria ter uma constituição familiar legitimada pela sociedade e isso lhe causava grandes sofrimentos. Esses, por sua vez, podem estar vinculados a preconceitos relacionados ao fato de que homens gays são vistos por uma parcela da sociedade como promíscuos, sendo incapazes também por esse motivo de construírem família. Ainda assim, mesmo que hoje no Brasil a adoção seja um direito concedido a casais homoafetivos, a constituição familiar formada por dois pais e filhas/filhos ainda é diferente do padrão heterossexual de família citado pelo "modelo".

Nesse sentido, o que a cis-heternormatividade pressupõe é essa normativização, que todos sigamos esse modelo heterossexual e cisgênero. Entretanto, no que diz respeito à constituição familiar, entendemos que os tempos são outros e os arranjos familiares heterossexuais estão cada

vez mais diversos e plurais, e que estão também passando pelos mais diferentes processos de diferenciação, como, por exemplo, casais divorciados criando filhos em casas separadas, mãe e pais solteiros, dentre outros exemplos. Mesmo assim, ainda entendendo que esses arranjos também passam por diferenciações, conforme apontam Prado e Machado (2012), as relações homoafetivas ainda tendem a reproduzir padrões heterossexuais, "tanto nos papéis de gênero que os casais assumem, quanto no modelo de relação estável, embasados muitas vezes pelas próprias demandas dos movimentos políticos" (PRADO; MACHADO, 2012, p. 55).

Fomos educados dentro da norma cis-heternormativa, ou seja, fomos criados pensando que só haveria uma forma de viver a sexualidade (heterossexual) e os gêneros. Essa ordem nos foi ensinada durante anos, na escola, na religião, em nossas casas, nos filmes, e assim por diante. Isso faz com que alguns gays, ao se abrirem para viver suas sexualidades, e homens e mulheres trans*, ao não se identificarem com seus corpos de nascimento, achem que estão fazendo algo de errado ou proibido, principalmente porque entendem que estão indo contra um "querer" social.

Esse processo, que pode durar a vida inteira para muitos, pode produzir entendimentos capazes de corroborar a ideia de que *ser gay ou ser trans* é algo errado*. Uma das consequências que tal percepção pode trazer está relacionada também a um conceito de beleza e "passabilidade"[12]. Assim, um corpo masculino entendido como bonito partindo de uma visão heteronormativa passa a ser aquele que apresenta um número considerado de músculos, um corpo trabalhado em academia. Nesse sentido, um corpo que passa a buscar e a seguir esse modelo é visto como mais masculino, porque para muitos, quanto mais músculos, mais "homem" uma cara passa a ser, rompendo então com certos atributos ligados à homossexualidade, como a fraqueza e a sensibilidade, por exemplo. No que diz respeito à passabilidade, um homem trans*, por exemplo, passa a ser visto em nossa sociedade como mais bem-sucedido quando, por conta de seu processo de transição, através de procedimentos cirúrgicos e hormonais, consegue atingir uma "aparência" baseada em padrões cisgêneros hegemônicos de masculinidade.

Nesse sentido, conforme Milani aponta (2017), esse desejo de reforçar tais atributos não está unicamente relacionado a um desejo de assumir uma performance mais masculina, mas sobretudo a uma vontade de que esse sujeito não seja reconhecido como homossexual ou trans*, uma vez que

---

[12] Faço o uso do termo "passabilidade" para fazer menção aos contornos e traços corporais que asseguram o quanto uma pessoa trans* aparenta ser uma pessoa cis do gênero com que se identifica. Entretanto, tal termo pode ser problematizado na medida em que assumir que uma pessoa trans* possui alto grau de passabilidade é também depreender que, enquanto tal, esse indivíduo reitera normas e convenções desejadas socialmente, excluindo sua capacidade de (re)inventar, re(des)construir sua identidade de gênero.

através da ótica da cis-heteronormatividade assumir tais identidades é algo altamente desvalorizado. Entretanto, essa incessante busca por uma performance prototípica de ser homem não se dá apenas no que tange a padrões de corpo e beleza: intensas regulações são investidas para que nenhum traço relacionado a feminilidade seja verificado no modo como falam, se vestem e se portam. Tais regulações para com aqueles que apresentem tais traços são capazes de gerar não só sofrimento, como também acentuar desigualdades, promover atitudes segregadoras e, por consequência, reforçar ações preconceituosas.

Se pensarmos, então, para além da fronteira existente entre aqueles que são heterossexuais e os que são homossexuais, existe um limite rígido imposto às performances e às masculinidades manifestadas naqueles pertencentes ao último grupo. Conforme Weeks (2016) aponta, dizer que se é gay, lésbica ou trans* significa, sobretudo, se posicionar e assumir um tipo de relação particular em relação aos códigos sociais dominantes. Assim, sabemos que aqueles que performam um modelo mais próximo ao cis-heteronormativo estão menos propensos a serem vítimas de violência/preconceito, seja de qual forma for.

Nesse sentido, entendemos que são os saberes construídos sobre essa fronteira que tornam as relações entre os sujeitos rígidas, inflexíveis e segregadoras, mesmo entre aqueles que pertencem à mesma comunidade, a saber, LGBTQIA+. Há, então, uma “norma” que regula aqueles que já são considerados como fora dela em outros contextos. Um desses atos de regulação e constrangimento Lisa Duggan (2002) denominou homonormatividade. Para a autora, enquanto uma forma de política, tal regime não questiona os propósitos e pensamentos relacionados à heteronormatividade, mas, acima de tudo, os apoia, os incorpora e os sustenta, normatizando os sujeitos e suas subjetividades.

Como consequência disso, sabemos que em relação aos estereótipos a respeito de questões que envolvem gênero e sexualidade, muitos são aqueles que sofrem por serem afeminados e isso se dá devido ao grande valor dado àqueles que apresentam uma performance “mais masculina”, ou seja, em que não se verificam características femininas. Tal valorização reforça o que Baker (2008) nomeou como “homossexualidade hegemônica”, que diz respeito a uma intensa valorização de atributos que reforçam a tradicional masculinidade hegemônica heterossexual ou uma aproximação dela. Esses que assumem uma performance mais heteronormativa não só sofrem menos episódios de violência, como também podem ser mais comumente preferidos para relacionamentos afetivos devido a uma espécie de passabilidade, tão valorizada na sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, homens gays que adotam uma estética masculina e um estilo de vida hegemônico sofrem

não só menos violência, como também podem contribuir com a manutenção dos poderes e dos privilégios da cis-heteronormatividade.

Em contrapartida, “o incômodo” gerado por aqueles que performam suas identidades de gênero em desacordo com os ideais de masculinidade e feminilidade, por exemplo, são passíveis de não serem reconhecidos, de serem estranhados pela sociedade. Ainda assim, a existência desses homens gays que apresentam trejeitos afeminados, também conhecidos como bichas fechativas (NONATO, 2017), são importantes na medida em que subvertem, borram e resistem aos discursos cis-heteronormativos. Entretanto, o estranhamento atribuído a esses sujeitos pode trazer algumas consequências drásticas, como, por exemplo, atribuir a esses corpos uma condição de serem entendidos como abjetos. De acordo com Miskolci (2012), o juízo de valor negativo envolvendo o desejo homoerótico pode ocasionar experiências de abjeção. Essa, por sua vez, em termos sociais, “constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça a uma visão homogênea e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2012, p. 24). Consequentemente, tal processo se torna responsável pela intensa estigmatização, discriminação e violência de pessoas que não partilham dos mesmos desejos sexuais e comportamentos de gênero que, segundo esse sistema, são naturalizados como a ordem natural humana.

Desse modo, essa estigmatização e violência contra aqueles que destoam desse modelo nos possibilita refletir sobre a força que a cis-heterormatividade também exerce dentro da comunidade gay, uma vez que ser efeminado não exclui o fato de essa pessoa ser também heteronormativa. De maneira oposta, o fato de ser mais masculino não implica atribuir a qualquer homem gay a denominação de heteronormativo. A forma como as pessoas performam os gêneros não são determinantes para justificar determinados atos. Em suma, a heteronormatividade pressupõe o pensamento de que ser gay é ser inferior. Destarte, é importante frisar que ser afeminado ou mais masculino constituem diferentes variações de ser homem. A reflexão é sobre essa legitimação em torno da multiplicidade que ser homem pode abarcar, principalmente porque suas experiências não estão limitadas somente a questões ligadas à orientação sexual, mas contêm as mais diversas interseccionalidades, que discutiremos na próxima seção.

2.4 *“EU DEIXO DE SER HOMEM POR GOSTAR DE OUTRO HOMEM?”*: O PROJETO CHICOS E O POTENCIAL CRÍTICO À COLONIALIDADE DAS MASCULINIDADES

> A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são

> incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história (Chimamanda Ngozi Adiche).

Em seu livro intitulado *O perigo de uma história única* (2019), a escritora Chimamanda Adichie problematiza o fato de que durante grande parte de nossas vidas não nos foram contadas diferentes versões de uma mesma história. Nesse sentido, Adichie (2019), ao longo de sua obra, tece considerações sobre o fato de que em momentos de sua vida ela se defrontou com asserções preconceituosas e errôneas sobre seu povo e cultura. Como a escritora nigeriana mesmo aponta, essas narrativas estão imbricadas em relações de poder capazes de determinar quem as conta, a maneira e quando são contadas; sendo, portanto, responsáveis por criar, muitas vezes, histórias baseadas em estereótipos que enfatizam mais as nossas diferenças do que nossas semelhanças.

É sob essa perspectiva que o diálogo entre a epígrafe trazida e os significados sobre ser homem se dá: é reproduzida e perpetuada uma única versão a respeito do que é *ser homem.* É assim, também, que a questão se relaciona com o conceito de *colonialidade do ser* (QUIJANO, 2005), ao sugerir que a partir de padrões identitários se estabeleça um apagamento de sujeitos "outros", principalmente por estes serem submetidos a processos de negação constantes.

Assim, a partir do que Segato (2012) constrói em seu texto "Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial", torna-se de extrema importância encarar a maneira pela qual as relações de gênero foram alteradas, perpetuadas e reproduzidas ao longo da história pelo colonialismo por meio da produção de conhecimento advinda da colonialidade. Ainda de acordo com a referida autora, é preciso que se leve em conta que a colonialidade em si conta com uma forma interna que não se pauta exclusivamente a partir dos classificadores de raça e poder. Nos termos da pensadora, "existe também uma história das relações de gênero dentro do cristal patriarcado" (2012, p. 113).

Assim, de acordo com Gomes (2018), perspectivas decoloniais foram capazes de demonstrar que o gênero pode assumir também uma forma de colonialidade ao fabricar discursos capazes de camuflar o caráter múltiplo e diverso que as experiências anteriores à imposição do sistema colonial/moderno compreendiam. À medida, então, que o Estado modernizador colonizava novos povos e terras impondo suas instituições e mercado, as nações colonizadas foram levadas a uma espécie de desordem, tendo renegados seus modos de ser, viver e agir. As pressões que o colonizador impôs sobre as diversas formas de sexualidade nos tempos imperiais, por exemplo, foram registradas pelo trabalho de Giuseppe Campuzano ao observar crônicas e documentos dos séculos XVI e XVII (CAMPUZANO, 2006, 2009a, 2009b). Ao observar esses documentos, o

estudioso constatou que havia uma série de imposições conferidas pelas normas através de ameaças e punições a fim de consolidar as práticas na matriz heterossexual binária do conquistador. Essa matriz, por sua vez, foi responsável por não só impor ideias de pecado até então não consideradas como tal pelos povos colonizados, como também foi capaz de atribuir um olhar pornográfico às práticas sexuais. Nesse sentido, pode-se depreender que o olhar essencializador e moralizante sobre os gêneros e as sexualidades são heranças de costumes e tradições modernos. Em outras palavras, o que conhecemos hoje por "homofobia" e "transfobia", por exemplo, são produtos de uma colonialidade que age como tal para tentar colocar fim a algo que ela mesma criou.

Desse modo, conforme Lugones (2008) aponta, o sistema colonial de gênero necessita ser compreendido como parte intrínseca e sustentadora da colonialidade do poder, propiciando também a dominação racial e de gênero. Frente a isso, pode-se concluir que as normas de gênero fazem parte da colonialidade do poder, do saber e do ser (GOMES, 2018, p. 69). Isso traz à discussão aqui compreendida uma relação em que se torna demasiadamente difícil pensar nos gêneros sem tratar da colonialidade, ao passo que tratar da colonialidade sem trazer para discussão assuntos relacionados aos gêneros também não se verifica.

Nesse sentido, tal qual Gomes (2018) nos incita a pensar, o gênero passa, então, a ser encarado como uma categoria de análise decolonial, visto que nos possibilita desestruturar os conceitos de o que é *ser homem* e *mulher* na medida em que gênero e raça são vistos interseccionalmente. Assim, quando se trata de colonialidade do gênero, é necessário levar em consideração que o gênero passa a não ser somente informado pela raça, como a raça é também informada pelo gênero.

Assim, nos termos de Lugones, "a interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra" (2008, p. 81). A ideia, então, é pensar nessas categorias como indissociáveis. Nesse sentido, a referida filósofa argentina nos convida à reflexão sobre o fato de que o modo como pensamos em gênero e raça, por exemplo, ainda se dá através de categorias binárias, ou seja, através do dualismo "homem e mulher", "branco e negro". Reforçando o que a referida autora problematiza, Segato nos convida à reflexão a respeito de que

> no mundo da modernidade não há dualidade, há binarismo. Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Quando um desses termos se torna "universal" quer dizer, de representatividade geral, o que era hierarquia se

> transforma em abismo, e o segundo termo se converte em resto e resíduo: essa é a estrutura binária, diferente da dual (2012, p. 122).

É a partir, então, desse olhar universalizado e essencializador sobre uma forma de existência, que se classifica a produção do "outro" como algo inferior, perpetuando assim uma maneira hierarquizada de encarar as relações advindas da visão colonial. Dando continuidade a essa linha de pensamento, Maria Lugones (2014) levanta a discussão em torno da desumanização através do binarismo "humanos e não-humanos". De acordo com a autora, esse é um processo intrínseco da colonialidade do ser, uma vez que não se trata meramente de uma forma de categorização dos povos "em termos de poder e gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de subjetificação e a investida de tornar o/a colonizado/a como menos que seres humanos" (LUGONES, 2014, p. 939).

Desse modo, sob influência do pensamento de Santos e Nicolau (2018), torna-se cada vez mais necessário desafiar todo o caráter essencializador e natural concedido a determinados corpos por sua cor e raça, seu gênero e sua sexualidade. Na verdade, é preciso reconhecer não só essas, mas também diversas outras características entendidas como naturais que são atribuídas a partir de processos históricos que as fabricaram e possibilitaram, assim, a criação de um padrão de humanidade (universal) que está relacionado a um modelo masculino, branco, cristão e cisgênero.

Seguindo essa linha de pensamento, Butler (2018), ao questionar sobre quais vidas são qualificadas como "vidas humanas", passíveis de luto e de pesar, fornece mais material para a problematização a respeito da colonialidade do ser. Na visão da filósofa estadunidense, os gêneros são percebidos como uma maneira de atribuir critérios de humanização e desumanização aos indivíduos. Assim, uma vez que a visão a respeito do gênero esteja vinculada a um protótipo estável capaz de compreender apenas dois polos, através de noções naturalizadas de masculino e feminino, o gênero passa a contradizer sua fluidez performativa e serve a uma política reguladora das identidades (BUTLER, 2014; SANTOS; NICOLAU, 2018).

Essa política de identidade, então, pressupõe que

> para os corpos serem coerentes e fazerem sentido [...] é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2015, p. 258).

Esse modelo estável a respeito do que é masculino/feminino acaba atribuindo às diferentes manifestações de corpos e de identidades de gênero noções de incongruência e abjeção. Essas

noções, ainda de acordo com a filósofa estadunidense, são construídas interseccionalmente: é preciso que se leve em conta outros marcadores sociais, como, por exemplo, idade, raça/etnia, classe social e outros elementos usados como mote para constrangimento e preservação das regulações em torno dos binarismos de gênero e da sexualidade tidos como normais. Aqueles e aquelas que se encontram exteriores à construção normativa de gênero, sexualidade, raça, acabam não tendo sua subjetividade legitimada, tendo retirados, em termos, seu status de "humano".

Assim, principalmente no que diz respeito a homens gays, é através da grande estigmatização frente àqueles que não performam um modelo cis-heteronormativo que cada vez mais diferenças são acentuadas, dificultando o processo de reconhecimento como iguais, tornando esses homens cada vez mais excluídos, afetados diariamente em todos os campos de suas vidas, comprometendo-os desde a esfera social, em questões relativas a trabalho, escola e lazer, por exemplo, até níveis a respeito de saúde mental e autoestima.

No que tange, então, a discussão aqui pretendida, o rompimento com esse olhar determinista torna possível observar, por exemplo, o modo com que outras questões - como raça, classe social, idade, orientação sexual e etnia - também atravessam as performances de masculinidades. Conforme Milani (2017) também aponta, esses marcadores estão tão conectados às vivências de cada homem gay quanto a ideia de congruência que muitos têm sobre questões relacionadas a gênero e a sexualidade. Entender esses marcadores em sua imbricação nos permite perceber que questões ligadas às homossexualidades não estão somente relacionadas a performances afeminadas ou cis-heteronormativas. Tal olhar, por conseguinte, nos proporciona criar entendimentos não somente sobre esses aspectos, mas também outras questões que vão perpassar esses marcadores e os contextos sociais, históricos e culturais.

Entretanto, para que isso seja possível, precisamos, conforme nos convida Preciado (2018), criar novas metodologias

> e produção do conhecimento e uma nova imaginação política capaz de confrontar a lógica da guerra, a razão heterocolonial e a hegemonia do mercado como lugar de produção do valor e da verdade. [...] Trata-se de modificar a produção de signos, a sintaxe, a subjetividade, os modos de produzir e reproduzir a vida (p. 46).

Cabe, então, àqueles considerados "subalternos" produzir esse conhecimento e legitimar formas alternativas de ser, viver e agir, uma vez que os soberanos/dominadores não irão fazê-lo. Aos "subalternos", então, não resta nenhuma alternativa a não ser resistir e enfrentar a visão cis-heteronormativa a que ainda estão submetidos. É, então, inspirado pelo pensamento de Preciado (2018) sobre o processo de escrita como uma "tecnologia da subjetividade" (2018, p. 57) que

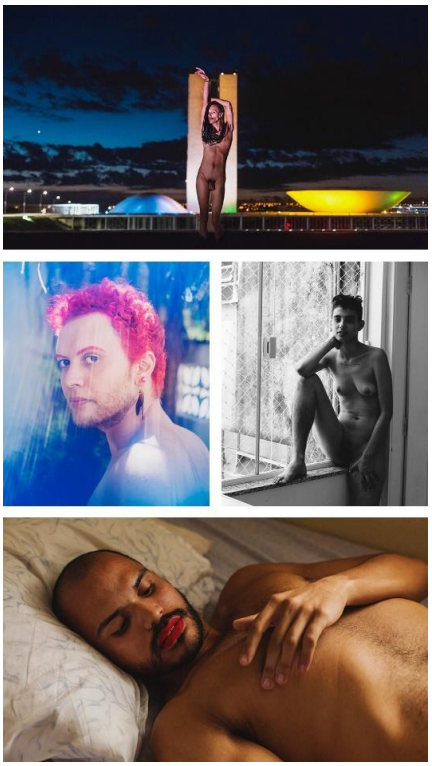
afirmo encontrar no Projeto Chicos, através de seus ensaios e narrativas, uma prática performativa de produção e legitimação de vidas "outras", mesmo que exista também em seu grande arquivo relatos e fotografias que, de uma forma ou outra, colaborem para a manutenção da norma.

Nesse sentido, acredito que o Projeto Chicos, a partir do seu posicionamento artivista, nos mostra a possibilidade de criar maneiras alternativas de viver, de existir e essas, por sua vez, são capazes de brincar, borrar, negociar e (re)fazer o gênero binário.

O projeto (LAMOUNIER, 2016), então, através do conteúdo produzido, proporciona a criação de diversos entendimentos a respeito de um modelo de masculinidade não formatado, pensando para além daquilo que está posto ou nos foi ensinado como "natural". Tais características podem ser verificadas, a título de exemplificação, no ensaio fotográfico de David Lean, que mostra seu corpo curvilíneo e trejeitos afeminados em frente às duas torres do Congresso Nacional[13]; no ensaio de Isac, ao afirmar que se vê parte de uma diagonal dos gêneros[14]; no de Jonseli, ao ser fotografado de saia e batom[15]; no de Ariel, ao tecer comentários a respeito da sua vivência enquanto homens trans[16]; no de Matheus, ao tratar da sua bissexualidade[17], dentre outros.

[13] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/david/. Acesso em: dez. 2020.
[14] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/isac/. Acesso em: dez. 2020.
[15] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/jonseli/#. Acesso em: dez. 2020.
[16] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/ariel/#. Acesso em: dez. 2020.
[17] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/matheus/. Acesso em: dez. 2020.

Figura 1 - Algumas fotos dos ensaios mencionados

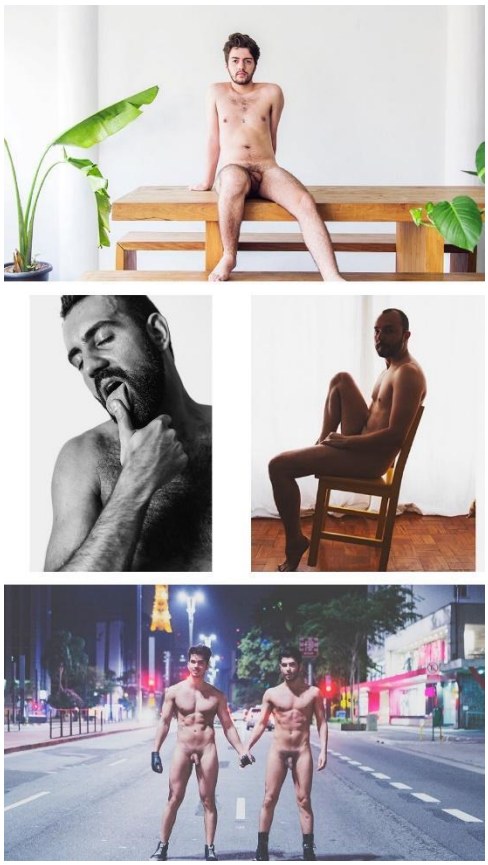


Fonte: Projeto Chicos[18].

Entretanto, ainda assim, dizer que há também uma (re)produção e manutenção das normas em determinados ensaios e narrativas faz parte da agenda de discussão desta pesquisa. A forma como isso se dá, no entanto, é manifestada também através de um olhar novo e criativo, como podemos ver pelo ensaio e entrevista de Eliude Alves[19], ao tratar sobre sua vivência enquanto homem gay religioso; no de Felippe e Marlon, ao posarem nus na Avenida Paulista[20]; no de Junior[21], ao tratar sobre a não aceitação de sua família e o quanto isso ainda impacta em suas experiências de vida; no de Charlie[22], ao tratar sobre ser gay e trabalhar em uma oficina mecânica – ambiente tipicamente machista.

[18] Disponível em: http://www.chicos.cc/home/. Acesso em: mai. 2021.
[19] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/eliude/. Acesso em: mai. 2021.
[20] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/felippe-e-marlon/#. Acesso em: mai. 2021.
[21] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/junior/. Acesso em: mai. 2021.
[22] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/charlie/. Acesso em: mai. 2021.

Figura 2 - Algumas fotos dos ensaios mencionados



Fonte: Projeto Chicos[23].

Para além desses, há também uma intensa manifestação em torno da hipersexualização do homem gay negro, como podemos observar no ensaio do “Chico” Leandro. Ele, ao dissertar sobre estereótipos atribuídos aos homens negros, nos faz refletir sobre como a figura do homossexual negro foi e ainda é, de modo exclusivo, produzida discursivamente pelos atributos de seu corpo, impondo-lhe uma performance mais masculina e, por conseguinte, mais sexualizada. Assim, por meio de seu depoimento, somos capazes de reconhecer que através de uma intensa objetificação do corpo do homem negro, não é atribuída aos homossexuais negros a mesma dignidade humana que é garantida aos brancos. Estamos diante, então, de um grupo que é considerado inferior na escala do ser, e essas vidas pouco valor têm para quem as oprime, sendo, por isso, facilmente descartáveis.

Nesse sentido, é principalmente por meio dos discursos, da linguagem em ação, que as narrativas dos “Chicos”, por exemplo, nos fazem pensar no papel que a linguagem opera como uma forma de encaixar os corpos em regulações tidas como coerentes entre sexo, gênero e raça, sendo

[23] Disponível em: http://www.chicos.cc/home/. Acesso em: mai. 2021.

capaz de reforçar ainda mais determinados estereótipos relacionados a um ideal de masculinidade amplamente difundido na sociedade. Ao relatarem suas vivências, esses homens nos apresentam possibilidades de ler, conhecer e refletir sobre formas alternativas de vida. Suas histórias, dispostas no grande arquivo que o Projeto Chicos compreende, nos apresentam não só diferentes trajetórias, lugares e entendimentos, como também acabam conferindo outras formas de representação às experiências que a multiplicidade dos homens gays abarca.

Iluminado pelo pensamento de Louro (2004), acredito que, em determinada maneira, os "Chicos"

> sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e viver. Acolhem com menos receios fantasias, sensações e afetos e insinuam que a diversidade pode ser produtiva. Indicam que o processo de se "fazer" como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer. Fazem pensar além dos limites conhecidos, para além de limites pensáveis (p. 23).

Penso, então, que enquanto um espaço também de reflexão, luta e resistência, o Projeto Chicos, através da categorização por parte dos próprios sujeitos/modelos em uma grande gama de possibilidades identitárias, sejam elas de acordo com posturas de gênero, raça, peso, classe social e espaço geográfico, garante e legitima a existência de uma infinidade de performances identitárias de diversos homens gays, que não só se diferem do modelo hegemônico, como também habitam os mesmos espaços e sociedade e, por conseguinte, merecem ter atribuídos a si os mesmos patamares de dignidade humana. Isso só nos ajuda a reafirmar a complexidade e rejeitar todo caráter essencialista que o termo masculinidade pode abarcar.

Por fim, é através do conhecimento de que as identidades de gênero e orientações sexuais existem para além das categorias binárias masculino/feminino e homossexual/heterossexual, que reafirmo o compromisso desta pesquisa tal qual aponta Moita Lopes (2009), que as mudanças verificadas no mundo social requerem um processo de construção de conhecimento que necessariamente implica em mudanças na vida social. Dessa forma, fazer pesquisa em L.A passa a ser visto como um ato político, porque passa a se implicar frente às mudanças que enfrentamos na vida social, principalmente porque a produção científica de conhecimento em diálogo com a leitura do mundo não deve ignorar vidas, sujeitos e práticas de existência.

Logo, os relatos desses "Chicos" nos interessam porque neles estão descritas formas de viver e de ser que criam histórias, que sugerem enredos e que nos oferecem outras formas de agir no mundo. Eles não só questionam a identidade "gay", muitas vezes encarada com um olhar essencialista universalizado, como também se posicionam almejando romper e/ou problematizar os

ideais da masculinidade hegemônica tidos como “normais”. Por fim, os “Chicos”, ao se engajarem em performances narrativas, falando de si e de suas vivências sem medo, nos revelam a importância do fato de que, ao escutarmos o “outro”, somos capazes de perceber que as experiências vividas não conseguem ser reduzidas a conceitos; que vivê-las é algo muito intenso, sendo impossível, portanto, resumi-las a categorias. É sobretudo através das performances discursivas que os sentidos são (re)produzidos ou (re)negociados, tanto no que diz respeito às masculinidades, quanto ao gênero e à sexualidade, como será abordado no próximo capítulo da presente dissertação.

3 DISCURSO, GÊNERO, SEXUALIDADE EM PERFORMANCES NARRATIVAS

Neste capítulo, através de uma breve introdução, procurarei firmar meu comprometimento com uma visão performativa de linguagem. Desse modo, buscarei também estabelecer compromisso com as teorias de performances na medida em que possibilitam criar entendimentos de que é na produção dos sentidos que construímos entendimentos sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o mundo social. Na segunda seção, apresentarei a favor da visão de discurso como performance como uma maneira de refletir a respeito dos efeitos que a linguagem exerce enquanto identidades são formadas, demarcando, assim, meu interesse de pensar a maneira pela qual, ao fazermos uso de diversos recursos linguísticos, diferenças de gênero são produzidas. Na terceira seção, discutirei sobre o fato de que assumir gênero e sexualidade como performance nos possibilita pensar em significados que fazemos com a linguagem de nossos corpos através de um infinito seguimento de ajustes e adaptação, passando por inúmeros processos de regulação e legitimação. Por fim, a partir de uma perspectiva socioconstrucionista da narrativa, argumentarei sobre como, ao se engajarem em performances narrativas, os sujeitos não só constroem os eventos e aqueles que deles fazem parte, mas também são capazes de reproduzir e reinscrever relações de poder, propiciando profícuas problematizações sobre o mundo social.

3.1 POR UMA VISÃO PERFORMATIVA DE LINGUAGEM

> Tudo é vário. Temporário. Efêmero. Nunca somos, sempre estamos! (Chico Buarque de Holanda)

O mundo em que vivemos hoje já não é mais o mesmo de ontem: assistimos e experienciamos mudanças a todo instante nas mais diversas instâncias e mais rapidamente que nunca, tendo em vista a velocidade com que acessamos a informação. Ainda que, esperançosos, acreditemos que seja um processo contínuo de evolução, muitos sentidos que criamos e atribuímos com relação a nós mesmos, ao outro, a nossas práticas e, principalmente, ao modo como usamos a linguagem, ainda persistem conectados a uma lógica binária e essencialista. Acreditar em uma lógica dicotômica de atribuição de sentidos traz inúmeras consequências ao modo como enxergamos e vivemos o mundo social. É frente a esse panorama que Rajagopalan (2004) aponta para a necessidade de romper com uma “lógica que nos aprisiona como uma camisa-de-força e

pensar o mundo como composto de entes cujas identidades se acham em permanente estado de renovação e recriação" (p. 114).

Como advogar a favor de um caráter essencialista no que tange aos processos de significação em um mundo em constante processo de transformação? Entender que o sentido é atribuído, de acordo com Saussure (2006), através da correspondência entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito) resulta, muitas vezes, em uma dificuldade em compreender que os significados podem ser apreendidos para além de um único referente. Partir do pressuposto de que os processos de significação se dão de modo estável, previsível e, também, a partir de relações de verdade, é desconsiderar, por conseguinte, o caráter inovador, variável e transformativo da linguagem. Entretanto, ao nos desvencilharmos da visão de que os significados são fixos e estáveis, novos caminhos emergem, sendo possível produzir também novos entendimentos sobre os processos de significação. Consequentemente, esses passam a ser vistos como multifacetados, heterogêneos e em constante (re)negociação.

Conforme propõe Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* (1999, p.17), muito mais do que corresponder a uma realidade pré-determinada, "representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida" .Desse modo, para o filósofo austríaco, é o uso que dá sentido às palavras. Em outros termos, o significado de uma palavra é manifestado através do seu uso na linguagem. O entendimento de uma mesma frase, então, passa a ser cabível de maneiras diversas, pois as formas de vida são diferentes e, por conseguinte, participam de jogos de linguagem diferentes. Logo, ao proferir sentenças estaríamos, então, em constante atividade, ou nos termos de Wittegenstein (1999), "jogando" com a linguagem.

Esses *jogos de linguagem* se relacionam com o modo de vida das pessoas, suas maneiras de ser e viver, nas quais a fala está inserida, e se manifestam através de uma riqueza de espécies e tipos de frases que são usadas em situações específicas, sendo regidos por diversas regras em contextos determinados. Nos termos de Marcondes:

> Parece-me que o ponto fundamental da concepção wittgensteiniana é precisamente que não devemos dissociar o significado de uma sentença de seu uso em um jogo de linguagem, isto é, em um tipo de situação determinada cuja consideração envolve necessariamente elementos contextuais, extra-lingüísticos (1986, p. 83).

Assim, Wittegenstein (1999), já naquele contexto, trazia um olhar crítico para o processo de significação, sendo esse capaz de ir além da ideia de referenciação. Esse direcionamento do entendimento dos significados para além das fronteiras da representação linguística ecoa em

Rampton (2006), na medida em que os sentidos de nossas ações passam a exercer um papel determinante na constituição do lugar onde vivemos, e tais ações, muitas vezes realizadas através de usos linguísticos, podem reforçar estereótipos, agir preconceituosamente e segregar sujeitos: o modo como usamos e agimos sobre e com a linguagem tem relações diretas com nossas crenças, valores e sociabilidades. Ademais, acreditar no poder de mutação dos processos de significação é também acreditar no poder de transformação da vida social, nos fazendo capazes de repensar e refletir sobre quem somos e o mundo em que vivemos. Assim, se procuramos criar entendimentos sobre como a linguagem age intensificando desigualdades sociais e relações de poder, precisamos, como Kumaravadivelu (2006) aponta, encarar a linguagem como discurso e não como um sistema somente.

Nesse sentido, de acordo com Foucault (2008), o conceito de discurso diz respeito a "práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam" (2008, p. 55) e uma grande contribuição dessa ideia é a possibilidade de trazer para discussão o caráter estruturador dos discursos. Entretanto, no presente estudo, ao entendermos que a noção de discurso está para além de práticas, nos alinhamos ao conceito de D/discurso para Paul Gee (2005). Segundo o autor, há uma diferença entre "discurso", com "d" minúsculo, e "Discurso", com "D" maiúsculo. O primeiro refere-se aos aspectos linguísticos em um contexto de uso da língua. O segundo é a junção do "discurso" com características não linguísticas, como maneiras de agir e interagir, sentir, acreditar e assim por diante.

> Discurso integra modos de falar, ouvir, escrever, ler, agir, interagir, acreditar, valorizar, sentir e usar vários objetos, símbolos, imagens, ferramentas e tecnologias, com a finalidade de ativar identidades e atividades significativas, socialmente situadas (GEE, 2005, p. 210).

Dessa forma, numa visão em que discurso e realidade se encontram, o uso da linguagem assume demasiada importância e poder, pois pode dar origem a regimes de verdade, da mesma forma que os sentidos, por sua vez através dos discursos, também produzem, sistematizam e estruturam toda a nossa experiência. Eles são capazes de determinar o que é dizível ou não; o que é legitimado ou não, o que deve ser entendido como um tabu social ou não. Assim, podemos dizer que os discursos produzem e afetam vidas.

Se partirmos, então, desse pressuposto de que os significados são múltiplos e estão sempre em processo de (re)constituição, podemos afirmar, conforme Pinheiro (2014), que a nossa experiência de real está sempre em processo de refeitura, ou seja, é efeito de práticas discursivas. A

partir dessa perspectiva, o mundo que conhecemos nos é dado através do uso que fazemos com e através da linguagem: *Dizer* passa, então, a ser sinônimo de *fazer*.

Este trabalho se ancora em uma perspectiva que vê a linguagem como ação por acreditar que os sujeitos são constituídos nas práticas sociais. Entender a linguagem em seu caráter performativo (AUSTIN, [1962]1990; PENNYCOOK, 2007; BUTLER, [1990]2003) é compreender que ela "forma, edifica ou performa/encena os vínculos sociais e, neles e com eles, a identidade, a diferença e a alteridade dos interlocutores" (REGUERA, 2008, p. 18). Ao sermos capazes de agir das mais diversas formas com a linguagem, ela, por sua vez, nos deixa suas consequências, nos deixa marcas capazes de alterar nosso modo de entender o mundo social. É nessa capacidade de tentar entender o mundo social que, conforme Rajagopalan (2004, p. 125) aponta, "trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente". Agir politicamente, então, é acreditar no poder transformador da linguagem e na construção de um mundo melhor, onde os binarismos são colocados à parte e novas sociabilidades são compreendidas como situadas na fronteira, sem identidades fixas (MOITA LOPES; BASTOS, 2011). Se nós fazemos coisas através da linguagem, entendemos também que os discursos têm efeitos e consequências na vida do outro, passando a serem vistos, então, como algo central tanto na reivindicação de nós mesmos quanto na do outro. Segundo Pennycook (2007), é por meio da linguagem enquanto ação no mundo que agimos nas práticas sociais e somos capazes de nos inventar: a essa correlação entre linguagem e ação deu-se o nome de *performance*.

A questão em torno da *performance* já vem sendo discutida há algum tempo no campo dos Estudos Linguísticos. De acordo com Pennycook (2007), as dicotomias fundantes da Linguística, como os pares *língua* (o sistema) x *fala* (o uso, a performance) em Saussure, e *competência* (o conhecimento subjacente da gramática da língua) x *desempenho* (performance - o uso) em Chomsky, não atribuíam ao uso da língua, ou seja, à performance, algo de extrema importância. Isso se dava, principalmente, pelo fato de que enquanto realização linguística concreta, ela apresentava desvios com relação à norma. Assim, mantinha-se uma distinção entre sistema e realização, com o foco da linguística no primeiro termo.

Em outro contexto, performance passa a ser, também, um conceito empregado por Erving Goffman em seu livro *A Representação do Eu na vida cotidiana* ([1959]2014). Nesse trabalho, o autor, ao tomar emprestado esse termo do campo do teatro, procura refletir sobre a vida social a partir de uma análise das interações face a face. Compreender, conforme nos aponta Goffman, que os indivíduos não performam o mesmo *self* em todas as circunstâncias da vida social, nos possibilita entender que nossas encenações podem variar em um *continuum* capaz de classificá-las em

verdadeiras ou falsas. Ademais, as ideias do sociólogo canadense nos trazem a importante contribuição de fazer ver que ao desempenharmos papéis, formamos e/ou criamos concepções não só de nós mesmos, mas também dos outros.

É dessa forma que entender que atribuímos sentidos através daquilo que dizemos-fazemos, ou seja, através de nossas performances, possibilita produzir compreensões que tangem não só os estudos relacionados aos discursos, como também os de gêneros e sexualidades. Refletir sobre o que esses discursos em suas manifestações performáticas apontam, ou indexicalizam (SILVERSTEIN; URBAN, 1996), passa a ser uma forma de garantir ganhos tanto epistêmicos como também éticos ao visibilizar a existência e (re)produção de novas narrativas capazes de criar inteligibilidades sobre o sofrimento humano.

3.2 DISCURSO COMO PERFORMANCE

O *performativo* como objeto de reflexão na filosofia da linguagem remonta a Austin em 1962 no livro *How to do things with words*, traduzido como *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Nessa obra, o filósofo inglês se distancia de uma visão lógico-positivista comum na filosofia inglesa naquele contexto. Tal visão se pautava em uma perspectiva de linguagem em que a significação de uma proposição poderia ser verificada através da composição das palavras que constituíam a sentença. Resumidamente, caberia à estrutura da linguagem, através de declarações/frases, uma espécie de correspondência ou não ao mundo real. Em contraposição a esse ponto de vista exclusivamente referencial da linguagem, Austin se preocupou em refletir se o uso primordial da linguagem era somente descritivo. É nesse cenário que surge o termo performativo, que ecoa não somente nos estudos filosóficos e linguísticos, como também em estudos sobre gêneros e teorias *queer* através da visão da filósofa estadunidense Judith Butler.

Atos performativos, então, segundo Austin, seriam enunciados que realizam ações quando ditos. Esses atos, por sua vez, se distinguiam dos atos constativos. Cabem a estes descrever coisas que podem ser atestadas através de condições de verdade ou falsidade. Desse modo, uma enunciação como “Este carro é azul” é descritiva, e como tal pode ser atestada segundo critérios de verdade ou falsidade. Em contrapartida, vejamos os seguintes exemplos[24]:

a) “Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth.” – quando proferido ao quebrar-se uma garrafa contra o casco de um navio;

[24] Exemplos retirados da obra de Austin.

b) “Aposto cem cruzados como vai chover amanhã.”

Os exemplos acima, retirados da obra de Austin, se adequam à categoria de declaração e apresentam, em ambos os casos, o uso da primeira pessoa do singular da voz ativa. Esses, diferentemente dos constativos, realizam uma ação ao serem pronunciados e, por não estarem a descrever a realidade, logo não necessitam ser julgados sob critérios de verdade ou falsidade. Por outro lado, precisam ser avaliados como felizes e infelizes, considerando seus efeitos no mundo. Desse modo, para a “felicidade de um ato de fala performativo”, algumas condições necessárias precisam ser atendidas, como ser pronunciado por pessoas apropriadas em contextos específicos com certo pensamento ou certa intenção de conduta. Assim, por exemplo, a frase “Eu vos batizo João” passa a ter efeito, é feliz, se dita por um padre/pastor em uma cerimônia de batismo.

Entretanto, Austin entendia que quando o proferimento não obedece às condições adequadas ocorre um desacerto, e, assim, o ato de fala pretendido passa a ser sem efeito, ou seja, infeliz. Consequentemente, se a mesma frase “Eu vos batizo João” fosse dita por uma pessoa não constituinte do clero, em um ambiente não institucionalizado para realização dessa cerimônia, o ato performativo não se concretizaria porque em sua enunciação pré-requisitos adequados não foram atendidos.

Além dessas condições, há ainda um outro princípio relacionado à falta de sinceridade. Em se tratando desse, tem-se como exemplo a questão a respeito da enunciação de uma promessa sem que exista o desejo de seu cumprimento ou ainda sem que aquele que a profere tenha o poder de cumpri-la. Na visão do filósofo inglês, a promessa passa a ser considerada como vazia em razão da ausência de sinceridade, principalmente porque há um abuso da fórmula.

Nesse sentido, para que ocorram de fato, os atos performativos precisam atender a uma série de critérios. Esses dizem respeito a circunstâncias corretas em que se faz necessária a intenção de que tais atos ocorram no mundo real. Entretanto, Austin, na década de 1990, abandona a distinção entre constativos e performativos e chega à conclusão de que todos os atos de fala são, por sua vez, performativos. Logo, dizer passa a ser sinônimo de fazer.

A posteriori, Jacques Derrida afirmou que os atos performativos realizam fazeres devido às condições de citacionalidade e iterabilidade. De acordo com o filósofo francês, o que possibilita o êxito ou não de enunciados performativos é o modo pelo qual o uso da linguagem torna-se efetivo por repetição e citação. Para o referido autor, a questão fundamental acerca da performatividade da linguagem não se relaciona tanto ao atendimento das condições convencionais/formais que dão força a um ato de fala, mas sim ao caráter de repetição e citação próprio da linguagem em uso.

Nesse contexto, Derrida (1977) passa a questionar o mecanismo que faz a linguagem em geral funcionar. Para ele, um ato performativo alcança uma força acumulada através da força da citacionalidade. A citada força, nos termos de Rodrigo Borba (2014), diz respeito ao fato de que "em nossa vida linguística e social repetimos incansavelmente os recursos semióticos a nós disponíveis, mas tal repetição nunca é uma simples réplica: iterabilidade implica repetir e mudar ao mesmo tempo" (p. 464-465).

É também nesse sentido e principalmente através da força que os enunciados reportáveis assumem que as ideias de Butler sobre os atos performativos dialogam com as de Derrida: para ambos os pensadores, é através da capacidade de reportar os enunciados que os atos performativos ganham força. Para a filósofa estadunidense, um ato de fala performativo tem êxito na medida em que "essa ação ecoa ações anteriores e acumula a força de autoridade pela repetição ou citação de um conjunto de práticas de autoridades anteriores à ação". (BUTLER, 1993, p. 226-227). Dessa forma, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, começavam a ser desconstruídas as noções em torno de uma existência de referente atrás de um *eu*, em direção a um eu individual que fala como "uma citação do lugar do eu no discurso" (BUTTLER, 1993, p. 225). Em diálogo com tal ideia, Derrida, através de seu conceito de *différance*, postula que o processo de significação se dá de maneira infinita, sendo difícil continuar a advogar a favor de uma teoria que dê conta das relações entre referentes. A impossibilidade dessa relação se dá, sobretudo, devido ao processo de iterabilidade, uma vez que "a maioria dos enunciados não é única, nunca antes formulada, mas discursos produzidos, previamente semelhantes" (LIVIA; HALL, 2010, p. 116).

É, sobretudo, na sobreposição sobre o que é repetido/modificado e replicado/transformado que as performances linguísticas tornam os enunciados bem-sucedidos. Reiteramos que "a força da linguagem aparece aí relacionada à repetição e à relocalização, que sempre produz algo novo, perpassado de um sentido de tempo/movimento, em contextos diversos e com novos arranjos" (GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2016, p. 293).

Sabemos que, conforme nos aponta Bourdieu (1982), as palavras possuem poder e esse não se constitui de modo externo à linguagem. Dessa maneira, entendemos que o uso que fazemos dela tem impactos sociais e um deles, por exemplo, pode ser verificado através das relações de gênero. Nesse sentido, através da noção de performatividade de gênero, Butler traz luz ao fato de que, antes de gênero ser uma construção social de sexualidade (LIVIA; HALL, 2010), é uma construção discursiva. Então, conforme a visão butleriana, gênero deve ser entendido como performativo porque o que caracteriza e mantém a sua existência são pronunciamentos felizes. Assim, para Butler

“o gênero se mostra como performativo - ou seja, constitui a identidade que reivindica o ser. Nesse sentido é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito de quem se possa dizer que preexiste à tarefa” (1990, p. 33). Nesse sentido, a noção de performatividade de Butler traz a ideia de que, na verdade, “desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de *performances* sociais e culturais em vez de uma expressão de uma identidade anterior” (PENNYCOOK, 2006, p. 80, grifo do autor).

Desse modo, de acordo com Pennycook (2006), a questão a respeito da performatividade nos proporciona refletir de maneira significativa a relação entre linguagem e identidade. Nesse contexto, o interesse para as noções de identidades se desloca a favor de que essas são performadas, desmitificando a ideia de que há uma essência, um caráter fixo ou pré-determinado. Assim, desconstruindo a ideia de que há uma identidade fixa e pré-determinada *a priori*, abrem-se caminhos para pensar nos possíveis efeitos que a linguagem exerce enquanto identidades são formadas. Em contraposição à ideia muito difundida na Sociolinguística de que as pessoas falam da maneira como falam devido ao fato de serem quem são, a visão pós-moderna, segundo Cameron (1997), advoga a favor de que as pessoas são quem elas são devido (entre diversas coisas) ao modo como falam. Essa perspectiva nos possibilita refletir sobre o papel da linguagem nos processos de generificação das identidades. Muito mais do que se preocupar com a maneira como homens ou mulheres falam ou usam a linguagem, o interesse recai sobre como as pessoas, ao fazerem uso de diversos recursos linguísticos, produzem diferença de gênero.

Se pararmos para pensar que gênero e sexualidade são categorias inventadas na linguagem, é de suma importância que pensemos também nos efeitos que são produzidos no mundo hoje. Nós fazemos muitas coisas com a linguagem e, em retorno, ela também faz muito conosco, pois além de nos marcar, ela não só confere existência como também mata vidas. Se é na e pela linguagem que as coisas acontecem, devemos também sempre nos perguntar para quais valores e crenças determinados usos linguísticos apontam.

É desse modo que, no uso do típico e mais famoso exemplo “É uma menina!”, Butler chama atenção para uma ação performativa: o abandono de um caráter meramente descritivo e a admissão de um caráter prescritivo. A partir de tal exemplo, uma realidade é imposta a quem tal frase é endereçada: é esperado, através de atos e regulações, que vão desde o jeito de se sentir, vestir, sorrir, que o gênero em questão seja performado em consonância com determinadas normas culturalmente conhecidas e legitimadas. Abrem-se, então, caminhos para a reflexão a respeito do

caráter produtivo da linguagem na constituição das identidades, ou seja, o sujeito passa a ser produzido no discurso.

Entretanto, essa constituição não se dá de modo randômico, ao contrário, se dá de modo rígido, regulado, adequando-se a regras e estruturas em que possibilidades são cerceadas. Desse modo, pensar no discurso como performance nos possibilita pensar na linguagem em ação através do corpo, da sociedade e da história. Portanto, é através da relação entre performatividade e performance linguística que somos capazes de refletir sobre o fato de que o processo identitário é múltiplo e infindável. Em outras palavras, ele compreende um constante entendimento de quem somos. Essa relação, então, ao romper com a ideia de que as identidades são pré-dadas, ou seja, refletidas através do uso da linguagem, se desloca a favor de uma visão em que elas são formadas na performance linguística. Assim,

> a visão da linguagem como performance [...] inverte a relação entre competência e performance (a última como produto da primeira), ou de modo mais significativo, acaba com tal distinção: o que une diversas performances não é uma competência que subjaz o indivíduo, mas um amplo leque de forças sociais, culturais e discursivas (PENNYCOOK, 2007, p. 60).

Nesse sentido, uma vez que foram trazidos conceitos a respeito da performance discursiva, torna-se de suma importância trazer para este estudo reflexões acerca de como a performatividade pode nos possibilitar criar entendimentos sobre as intersecções entre raça e corpo, por exemplo. De acordo com Butler (2008), a performatividade é resultado de atos de poder repetidos e reiterados pelo discurso. Como consequência, a materialização dos corpos passa, então, a ser resultado de uma série de exercícios do poder. Como tal, conforme Colling, Arruda e Nonato (2019, p. 10), a noção de corpo em Butler é

> o efeito que a série de repetição iniciada na linguagem promove; as repetições promovem um efeito sobre o corpo, materializando-o expressivamente. O corpo é nutrido, a partir das repetições performáticas que corporificam, em movimento, o gênero. Dessa forma, o sujeito só é autor no processo de fabricação de seu corpo/gênero quando, vivendo, aproxima-se mais ou menos das normas que orientam as suas repetições cotidianas. O sujeito não é autor, mas resultado das forças culturais que o levam a se comportar mais próximo ou mais distante das normas que uma analítica da linguagem faz aparecer como códigos que modulam as repetições.

Essa citação, então, nos possibilita criar entendimentos de que a performatividade de gênero age sobre os corpos construindo uma compatibilidade entre sexo e gênero através do uso dos corpos. O que a filósofa estadunidense pretende é que sejamos capazes de desnaturalizar a compatibilidade entre sexo, gênero, desejo e prática social. Com isso, Butler tensiona o fato de que os mecanismos pelos quais os corpos são vistos como legítimos são exclusivamente calcados em uma ordem cis-heteronormativa. Para a autora, um sujeito e seu corpo são entendidos como inteligíveis porque são resultado de práticas cotidianas consolidadas, cujo poder advém da sua capacidade de repetição e citação. Entretanto, por mais que a noção de performatividade de gênero não seja caracterizada pela agência do sujeito, mas como resultado das repetições constrangidas pela norma, uma parte dessas repetições nem sempre será realizada/performada da maneira como as normas impõem.

Já no que diz respeito à racialidade dos corpos, a noção de performatividade nos possibilita entender, conforme Guimarães (2003), Costa de Paula (2010), Guimarães e Moita Lopes (2016) sugerem, que tal qual gênero e sexualidade, o entendimento que temos sobre raças também é produto discursivo acerca de determinados grupos informados nas práticas sociais. Uma consequência desse processo pode ser verificada quando o reconhecimento desses grupos/dessas pessoas está vinculado a traços associados a aspectos fisionômicos, atributos morais, intelectuais, fisiológicos e outros. Nesse sentido, é através, sobretudo, de piadas e crenças racistas, objetificação de corpos, reiteração de estereótipos que se dá a materialização do corpo negro. Por conseguinte, raça passa a ser considerada como um efeito de sentido.

Assim, entendendo que os processos relativos ao ser não compreendem um caráter pronto e finito, procuramos, neste trabalho, refletir como os *discursos/Discursos* são performados em torno das masculinidades. Ademais, reconhecer o caráter produtivo dos Discursos a respeito de tal temática nos possibilita, também, observar como os sujeitos no Projeto Chicos ecoam outras vozes no que diz respeito às dissidências de gênero e sexualidade. Desse modo, tal visão nos fornece uma maneira interessante de entender como determinadas ideias passam a ser tidas como verdades e adquirem forças político-sociais causando inúmeros efeitos e consequências na vida desses sujeitos enquanto produzem entendimentos sobre quem, de fato, são.

3.3 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO PERFORMANCE

Nossa constituição enquanto sujeitos é realizada através das relações de saber-poder. Como já afirmado, elas são significativas e orientam modos de ver o outro, o mundo e a nós mesmos. Entender a linguagem em seu caráter performativo nos possibilita criar entendimentos a respeito da maneira como nossas identidades são construídas. É através da performance, conforme exposto na seção anterior, que os mais diversos sentidos são construídos em torno dos sujeitos sociais e de seus modos de viver seus gêneros, sexualidades, por exemplo. É, por conseguinte, a partir de efeitos semânticos e também pragmáticos, que passamos a nos entender como homens, brancos, homoafetivos, dentre outras classificações. Assim, a herança de Austin ([1962], 1990), através do seu interesse em entender a maneira como agimos usando a linguagem, possibilitou que muitos teóricos, em sua maioria denominados como pós-estruturalistas, começassem a refletir sobre os efeitos que os Discursos exercem no mundo.

Discursos engendram ordens e normatividades ao manter relações com os acontecimentos econômicos, históricos, socioculturais, produzindo o mundo social e trazendo, também, implicações sobre as noções de gênero e sexualidade. Assim, podemos dizer que a materialidade conferida aos gêneros da forma como conhecemos hoje está relacionada a performances ritualizadas e repetidas cuja gênese está imbricada em fatores sócio-históricos culturais e econômicos (FOUCAULT, 2008). Em contraste às noções advindas de uma política de identidades, muitos dos pensadores pós-estruturalistas buscaram romper, principalmente, com a ideia essencialista de um “eu” autônomo cujas ações (jeito de olhar, falar, vestir, de manifestar desejo, etc.), muitas vezes baseadas no corpo anatômico, consequentemente seriam responsáveis por determinar sua subjetividade. Nesse contexto, começou-se a pensar na maneira como o Discurso passa a ser um lugar em que as subjetividades são formadas e a realidade é produzida.

Nesse sentido, Butler argumenta a favor de uma não-essencialização, ou um caráter pré-estabelecido a respeito dos gêneros, das sexualidades e desejo como uma forma de correspondência a um corpo anatômico específico. A filósofa, então, põe em jogo o fato de que toda a materialidade e aparência dada aos gêneros, ou seja, aquilo que conhecemos como feminino ou masculino são resultados de ações que são desempenhadas, ou performadas, repetidas e reguladas pelas mais diversas instituições sociais. Nos termos de Judith Butler ([1990]2003), então, o gênero “é a estilização repetida do corpo, uma série de atos repetidos dentro dos quais um enquadramento

altamente rígido e regulador se solidifica com o passar do tempo para produzir a aparência de substância, um tipo natural de ser" (p. 59).

Desse modo, os gêneros passam a ser entendidos/vistos através do trabalho realizado com a linguagem considerando também o corpo. Em outras palavras, o que regula, então, os corpos, é o caráter performativo, enquanto as adequações que cada um realiza podem ser vistas como performances. Assim, para Butler ([1990]2003) "o gênero se mostra como performativo - ou seja, constitui a identidade que reivindica o ser. Nesse sentido é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito de quem se possa dizer que preexiste à tarefa" (p. 33). Para a filósofa, a necessidade de encaixar algo em uma determinada categoria é capaz de dar origem ou categorizar aquilo a que esse ato se refere, atribuindo-lhe sentidos. Sujeitos e suas identidades são produzidos através de noções de subjetividade em que corpos aprendem, através da linguagem, como agir e em quais lugares habitar. Tais sentidos, através de uma visão performativa de gênero, podem ser produzidos a partir do que dizemos através da ação dos nossos corpos. Atribui-se, então, verdade de gênero no *fazer* o gênero.

Para Butler ([1990]2003), esse *fazer gêneros* pode dialogar com o uso de máscaras. Tal visão rendeu à filósofa severas críticas, uma vez que atribuíram a essa perspectiva uma ideia de que o gênero poderia ser visto como algo que se poderia alternar de acordo com a vontade e disposição dos sujeitos. Entretanto, o que ela sugere é que ele pode ser visto como uma sobreposição infinita de máscaras. Em outros termos, essa visão implica em podermos entender o gênero como uma espécie de *mimese* incessante que acaba se materializando como uma substância, uma ideia de real e natural, que acabou sendo sedimentada através do tempo. Entretanto, a origem dessa substância, ou o momento em que se vê a primeira máscara no rosto, passa a ser algo de difícil acesso, pois como efeito de uma incessante repetição, naturalizam-se ambos, gênero e máscara. Consequentemente, o que era um adorno para a face passa a ser visto como natural, assim como uma essência em torno do gênero passa a impor no nosso jeito de viver e performá-lo, atingindo uma ideia de naturalidade também.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, podemos pensar também em como performamos gênero: engajados em uma interação social, em um infinito processo de ajustes e adaptação, passando por inúmeros processos de regulação e legitimação. Assim, enquanto "homens" e "mulheres", espera-se que esses sujeitos desempenhem papéis legitimados que coincidam com as características atribuídas aos sexos anatômicos. Isso explica, dentre outras coisas, como há um caráter rígido forte com dadas performances, ou seja, espera-se que um homem - heterossexual ou

não - desempenhe ações que coincidam com sua genitália, porque são essas que são reconhecidas e legítimas na sociedade. Atribuir uma legitimidade a essas performances traz inúmeras consequências na vida desses sujeitos.

Desse modo, Butler ([1990]2003) questiona e problematiza os mecanismos sociais e culturais que corroboram a manutenção do que ela denominou como matriz de inteligibilidade de gênero. Essa matriz, por sua vez, é determinante na sedimentação de ideias binárias e dicotômicas com relação aos gêneros, segregando-os única e exclusivamente em “masculino” e “feminino”. Como exemplo, podemos citar a atribuição de características opostas relacionadas a cada um dos sexos: a ser “homem” atribui-se agressividade, racionalidade e força, e numa visão também freudiana vem a se relacionar à posse do pênis, órgão genital fálico projetado externamente; enquanto do ser “mulher” se exige passividade, emoção e fraqueza, atribuições de um órgão genital interno. Esse modo binário e dicotômico atribuído aos gêneros é um dos pilares do que sustenta o que conhecemos como heterossexualidade e cisgeneridade compulsória, o que pressupõe uma naturalidade, universalidade e normalidade (LOURO, 2014) à heterossexualidade. A manutenção de tais atributos por parte dos sujeitos é o que sustenta a matriz que nos permite “reconhecer” os gêneros em dois, uma vez que “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, [1990]2003, p. 37).

Nesse sentido, podemos considerar, conforme Tchalian (2018) aponta, que a ideia relacionada ao caráter binário dos gêneros e dos sexos está amalgamada ao processo de construção de subjetividade. Consequentemente, toda essa estruturação compreendida na cisão em somente feminino/masculino interfere e agrega à manutenção da agência do poder do Estado que, por sua vez, incide sobre os corpos, principalmente aqueles que não condizem com tais categorias. Desse modo, se determinados corpos não se encaixam em algum sentido já legitimado, eles são considerados como problemáticos pela dificuldade que há em não saber lidar com aquilo que não corresponde inteligivelmente a um modelo binário já tão sedimentado. É nessa perspectiva que determinados corpos passam a ser vistos como problemas sociais e vítimas de atos de violência física ou simbólica.

Entretanto, mesmo reconhecendo que o processo de atribuição se dá de modo controlado e rígido, Butler traz à cena o fato de que não se é obrigado a performar os gêneros do modo em que os sujeitos são introduzidos e iniciados desde a mais tenra infância repetidamente pelo resto de suas vidas. É dialogando com as ideias de Butler e propondo também uma não rigidez com relação às

performances identitárias e discursivas que Cameron ([1998]2010, p. 133) argumenta que "as pessoas desempenham gênero de modos diferentes em contextos diferentes e, algumas vezes, comportam-se de uma maneira que pode ser associada ao 'outro' gênero". Ao responderem a essa "formatação" de modo transgressor, subversivo, novos efeitos e sentidos podem ser e são produzidos. Assim, refletir sobre novas oportunidades de descategorização e possível fluidez no que diz respeito às relações de gênero nos possibilita construir entendimentos sobre a condição de que "homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino" (BUTLER, [1990]2003, p. 24).

Uma vez que advogo a favor do caráter socialmente construído dos gêneros e das sexualidades, procuro criar entendimentos de como o Projeto Chicos coloca em tensão diferentes performances de gênero e sexualidade. Tais tensões, por sua vez, se dão devido ao fato de que os participantes do projeto se engajam em performances narrativas. É, sobretudo, performando suas histórias que os "Chicos" produzem sentidos, muitas vezes não só sobre si mesmos, mas também sobre o mundo social.

3.4 NARRATIVA COMO PERFORMANCE

> Somos tão adeptos da narrativa que ela parece ser tão natural quanto a própria linguagem (BRUNER, [2002]2014, p. 13).

Em seu livro *Fabricando histórias – direito, literatura, vida*, Jerome Bruner, já no primeiro capítulo, problematiza a real necessidade de um livro discutir sobre o conceito e a finalidade das narrativas. Afinal, muito do que conhecemos do mundo e das relações diz respeito às histórias que ouvimos e também contamos. Dessa forma, a maneira como são narrados alguns eventos pode resultar não só em diferentes entendimentos, mas também em um questionamento da nossa visão de como o presente está sendo construído, bem como do nosso próprio processo de formação de subjetividade.

Desde meados do século XX, o estudo das narrativas tem sido utilizado por diferentes áreas do saber. O caráter interdisciplinar concedido a elas contribuiu para o surgimento do que ficou conhecido como "Virada Narrativa" na década de 1990. Uma grande contribuição desse movimento diz respeito ao fato de que epistemes provenientes da Psicologia, da Educação, dos Estudos Sociais, entre outros campos em que se faz imprescindível a análise conjunta do indivíduo e da sociedade

em que ele se insere, começaram a utilizar as narrativas também como ferramentas analíticas para se pensar e compreender a realidade. Nesse sentido, no que diz respeito aos estudos situados na área da Linguagem, os primeiros trabalhos, realizados por Labov e Waletzy (1968) e Labov (1972), se detiveram a analisá-la, observando sua estrutura e organização, ou seja, preocuparam-se em olhar para os termos e características formais linguísticas. Assim, a abordagem de Labov trouxe como um grande ganho teórico a capacidade de entender as narrativas como uma forma de possibilitar uma síntese de experiências vividas a partir de uma ordenação sequencial dos termos que compõem as enunciações.

Verificou-se, então, a existência de um padrão na organização das narrativas, que diz respeito a funções de *referencialidade* (referência a eventos, personagens, organizações) e de *avaliação* (o porquê de a narrativa ser contada e o motivo pelo qual o público deve escutá-la). A partir disso, estabeleceu-se que uma boa narrativa poderia ser observável a partir de seis critérios, que, de modo sucinto, são compreendidos como partes da narrativa e denominados:

a) Resumo: sumarização da narrativa a ser contada;

b) Orientação: apresentação das personagens e ambientação física e temporal;

c) Complicação: sequência de acontecimentos que culmina em um clímax;

d) Avaliação: apresentação de informações subjetivas à narrativa;

e) Resolução: solução para acontecimentos narrados;

f) Coda: considerações finais elencadas pelo narrador (síntese da narrativa e reflexões).

Embora a abordagem laboviana acerca das narrativas tenha trazido inúmeras contribuições aos estudos da Linguística, ela também foi alvo de inúmeras críticas, grande parte devido ao tratamento estritamente formal concedido a elas. Além disso, ao dar primazia a determinados tipos, tal abordagem acabou desprivilegiando outros modelos menos canônicos, conforme apontado por Bastos e Biar (2015) ao proporem um resgate histórico do trabalho com narrativas. Assim, ainda segundo esse levantamento de tais pensadoras, diferentes formas de motivações e contextos interacionais são capazes de gerar formas alternativas de narrativas, como, por exemplo, relatos de ações habituais, histórias hipotéticas e também outras possibilidades de “pequenas histórias”, ou *small stories* (GEORGAKOUPOULOU 2006, BAMBERG; GEORGAKOUPOULOU 2008, BASTOS 2008), a saber, foco de interesse desta dissertação.

Nesse contexto, novos trabalhos surgiram após as pesquisas de Labov, porém trazendo à concepção de narrativa um novo interesse e conceito: o olhar privilegiado para a estrutura passa a se deslocar para o contexto em que elas se inserem, para o papel social que os sujeitos assumem nesse

processo, principalmente através da interação estabelecida no momento em que as histórias são contadas. Dessa maneira, atentou-se para o caráter socioconstrutivista das narrativas (BRUNER, 1997 [1990]; SACKS, 1984; MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005,). Assim, sob essa perspectiva, através do ato de narrar, somos capazes de criar entendimentos sobre nós e os outros e também de refletir sobre a vida social (MOITA LOPES, 2001). Nesse estudo, a análise de narrativas ocupa um lugar de destaque principalmente porque, conforme Bastos e Biar, essa

> configura-se como uma ferramenta útil a esse projeto na medida em que: (i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear as identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para os modos como os atores sociais se constroem para fins locais de performação (Butler, 1990) e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária (2015, p. 102 e 103).

Frente ao que foi exposto até aqui, cabe tecer considerações sobre o tipo de narrativas as quais passarei a privilegiar neste estudo: “as pequenas histórias” (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Conforme Bamberg e Georgakopoulou (2008, p. 381),

> [...] pequenas histórias é empregado como um termo guarda-chuva que cobre uma gama de atividades narrativas sub-representadas, como narrativas de acontecimentos em curso, eventos futuros ou hipotéticos, eventos (conhecidos) compartilhados, mas também alusões a narrações, adiamento de narrações e recusas a narrar. Elas são tipicamente pequenas quando comparadas a páginas e páginas de transcrição verificadas nas entrevistas narrativas.

Conforme observado, o termo “pequenas histórias” não se restringe ao tamanho da narrativa em si e os temas abordados podem ser os mais diversos. Estes podem compreender desde a narração de eventos recentes até mesmo os que estão prestes a se desenrolar; podem abarcar algo que pode ou não acontecer; e inclusive fazer uma referência a uma espécie de “nada”, no sentido em que a conversa coloquial se dá (em outros termos, faz alusão ao fato de que o que estiver sendo topicalizado não se compreenda ou não seja do interesse de quem está a ouvir que, por alguma circunstância, não faz parte da interação). O que passa a importar, então, é a maneira como, tendo como base a interação, os participantes desse tipo alternativo de histórias constroem sentidos sobre quem são.

É sob a luz das pequenas histórias que procuramos entender, através dos depoimentos de alguns “Chicos”, como suas experiências de vida foram e ainda são determinantes no modo como eles enxergam os ideais de masculinidade que são ensinados e reproduzidos por diversas instituições e sujeitos, na perspectiva de adequar os homens a posições sociais consideradas desejáveis. Assim, no que tange à análise das narrativas, Bamberg e Georgakopolou (2008) reforçam o fato de que essas devem ser vistas como ferramentas de interpretação a fim de que possamos ver através do seu caráter funcional e no uso da língua em geral um modo de entender como as narrativas performam nas vidas das pessoas.

Essa capacidade de criar entendimentos sobre identidades coletivas e individuais ao contarmos uma história diz respeito ao fato de que “narrativa e identidade estão, geralmente, conectadas. As narrativas são vistas como principal veículo através do qual as identidades são expressas” (DE FINA 2015, p. 351). Entretanto, se assumimos uma visão socioconstrutivista, precisamos também reafirmar nosso compromisso com a proposta não essencialista acerca das identidades. Conforme aponta Moita Lopes (2002), precisamos levar em conta que as identidades sociais são fragmentadas, contraditórias e não-fixas. Em outras palavras, pensar num processo de construção das identidades sociais sob esses três aspectos aponta para que se considere o caráter interseccional das identidades, sendo impossível, portanto, pensar em um sujeito sem pensar em sua raça, gênero, classe social. Não há uma coerência em quem somos todos os tempos: nossas identidades não são fixas ou pré-determinadas, mas, sim, (re)feitas nas performances linguísticas (PENNYCOOK, 2007).

Assim, as performances narrativas de homens gays produzidas pelos “Chicos”, estabelecidas no aqui e agora, ou seja, no próprio ato de narrar, estão imbricadas em muitos dos Discursos disponíveis no mundo. Esses, por sua vez, conforme aponta Moita Lopes (2002), produzem e influenciam em como atribuímos significados e entendimentos no mundo social. As narrativas, enquanto organizadoras discursivas, ao passo que podem reproduzir e reinscrever relações de poder, podem servir, também, como uma forma de contestação e problematização dessas, possibilitando o surgimento de novos sentidos, uma espécie de contestação do *status quo*. Por conseguinte, no caso do Projeto Chicos, por exemplo, as performances narrativas não só criam um sentido de pertencimento a um grupo, como também abordam diferentes sociabilidades, legitimando uma maneira alternativa de construção da vida social, seja na maneira como esses sujeitos pensam sobre os gêneros, as sexualidades, as masculinidades, mas também em relação à ideia de família, amor, as relações, e outros elementos.

Ao mobilizarem diferentes formas de ser e de se entender enquanto homossexual, essas performances são capazes de problematizar questões que envolvem um caráter rígido e pré-estabelecido sobre as identidades através de um determinado tipo de senso-comum amplamente difundido e sedimentado na sociedade. Como poderemos ver na seção de análises, muitos dos "Chicos", ao narrativizarem suas experiências, se posicionam frente aos estereótipos a respeito de questões que envolvem gênero e sexualidade.

Nesse contexto, a noção de posicionamento é outra ferramenta bastante útil a este trabalho porque, principalmente, "tornou-se um conceito estabelecido para elucidar como identidades são mobilizadas e negociadas em narrativas" (DEPPERMANN, 2015, p. 369). Dessa maneira, ao narrar, estamos, a todo momento, projetando e negociando nossas posições ativamente (BAMBERG; GEORGAKOPOLOU, 2008). Nossos posicionamentos se dão através e nos discursos, proporcionados por meio de práticas sociais, e são capazes de acentuar o caráter multifacetado das identidades (DEPPERMANN, 2015). A tríade estabelecida entre os estudos de narrativas, identidades e posicionamentos é consideravelmente profícua por possibilitar maneiras de não só contestar a respeito de como esses sujeitos se veem e/ou são vistos, mas também, portanto, de refletir sobre a norma que regula seus corpos, trazendo ainda um modo de revisitar atitudes passadas, sendo estas passíveis de serem corrigidas ou colocadas em busca de legitimidade.

Em suma, entender as narrativas enquanto performances nos possibilita reconhecer a relevância do Projeto Chicos ao narrar histórias outras capazes de produzir entendimentos sobre diferentes formas de sociabilidades, dando voz e legitimando uma nova dinâmica em torno, principalmente, dos gêneros e das sexualidades. O conjunto dessas histórias, sobrepostas umas sobre as outras, passa a oferecer não só um sentimento de pertencimento para tantos outros homens gays, como também novas alternativas no que diz respeito às dinâmicas em sociedade e uma espécie de encorajamento para que outras histórias também possam também ser contadas produzindo ainda mais entendimentos sobre o mundo social e inspiração.

4 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é delinear as etapas metodológicas para a discussão dos dados. Para isso, na primeira seção, discutirei aspectos relacionados à natureza da pesquisa; na segunda, tecerei breves considerações sobre o Projeto Chicos; na terceira seção, refletirei sobre os caminhos que me direcionaram no que diz respeito a conceber o projeto em questão como passível de investigação científica; na quarta seção, discorrerei sobre o recorte e a seleção dos depoimentos. Por fim, na quinta seção, recorrerei à síntese de algumas ferramentas teórico-analíticas nas quais me baseio para a análise dos dados, como discutido no capítulo anterior: *pequenas histórias, posicionamento, e pistas indexicais.*

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa se enquadra sob inspiração etnográfica virtual (HINE, 2000) e, através do trabalho de análise de discursos, se situa em uma perspectiva qualitativa de caráter exploratório. A abordagem qualitativa passa, então, a ser um caminho a ser seguido por estar de acordo com os objetivos do presente estudo, uma vez que fugimos de essencialismos e pontos de vista deterministas. Nessa perspectiva, os pesquisadores qualitativos, nos termos de Denzin e Lincoln, "buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado" (2006, p. 17, grifo dos autores). Em outros termos, o foco da abordagem qualitativa está no processo, e não em um resultado apenas; logo, os significados serão subjetivos e construídos.

Nesse sentido, minha intenção é, particularmente, em detrimento de informar resultados inquestionáveis, refletir sobre como os Discursos, muitas vezes, engendram diferentes visões relacionadas aos gêneros e às sexualidades. Assim, com o intuito de investigar sobre esse processo e criar entendimentos sobre esse fenômeno, reconheço que tal abordagem me encaminha em direção a compreender sobre como esses discursos são criados, reiterados e também contestados.

Assim, por esse trabalho estar alinhado a uma Linguística Aplicada atrelada a uma perspectiva Indisciplinar e Transgressiva, pretendo, ao longo da discussão dos dados, apontar possibilidades de reflexão sobre os problemas encontrados nos contextos de pesquisa tais quais eles se colocam no mundo. Essa é uma maneira, sobretudo, de reconhecer a Prática adiante da Teoria, uma vez que, como bem se sabe, as diferentes manifestações de gênero e sexualidade se fazem

presentes nas mais diversas esferas da vida social, como, por exemplo, nas famílias, nos ambientes de trabalho, na escola/universidade, nos círculos de amizade, e outros.

Desse modo, tal postura está de acordo com o que Moita Lopes (2009) pontua sobre o fato de que as mudanças verificadas no mundo social requerem um processo de construção de conhecimento que necessariamente implica em mudanças na vida social. O posicionamento do célebre linguista aplicado incita ao questionamento acerca dos nossos modos de fazer pesquisa. Dessa forma, fazer pesquisa em L.A passa a ser visto como um ato político porque passa a se implicar frente às mudanças que são enfrentadas na vida social. Em outras palavras, é chegada a hora de serem questionadas e/ou problematizadas as teorizações e metodologias usadas para que elas sejam, de fato, pertinentes e relevantes em um mundo em que as certezas se mostram cada vez mais contingentes. A partir disso, abrem-se caminhos e possibilidades de questionamentos e problematizações sobre o que é encarado como verdade na produção de conhecimento.

Dessa forma, em nossa sociedade, nos deparamos e conhecemos formas de identidades de gênero e sexualidade além da masculina/feminina e da homossexual/heterossexual. Assim, no que diz respeito à observação de discursos relacionados ao gênero e à sexualidade tal qual eles são verificados no mundo, uma visão puramente referencialista de linguagem não dá conta de entender suas complexidades. Para tanto, é preciso transgredir limites, assumir uma postura INdisciplinar Radical a que nos convida Fabrício (2017, p. 608), capaz de ir além "das fronteiras normativas em relação a línguas, gêneros e sexualidades, raças e classes sociais, bem como às práticas de governo e exclusão que essas barreiras ensejam que, por sinal, já são nossas velhas conhecidas".

No que tange ao nosso trabalho com a linguagem, só poderemos, então, ir além, transgredir tais limites, quando assumirmos o compromisso de revisitar a herança modernista a que estamos submetidos e que diz de um repertório de sentidos produzidos através de uma relação sócio-histórica. É preciso, então, aceitarmos o convite de Fabrício (2017) e nos ocuparmos dessa crítica radical da modernidade e do que foi por ela forjado nesse sentido. Como consequência, assumirei uma proximidade crítica de produção de conhecimento que me proporciona a constante reflexão sobre a herança Ocidental, Colonizadora e Predadora da Diversidade a qual ainda estou submetido.

Isso posto, questiono-me: como colaboramos para que essa mudança de fato aconteça? Compreendo que uma alternativa bastante produtiva seja começarmos a questionar os fatos tidos como essenciais e universalizantes e nos direcionarmos para uma prática interpretativista dos fatos. Dessa forma, começaremos, de fato, a pensar na produção de conhecimento como sendo responsivo ao mundo social do qual fazemos parte. Tal pensamento abre espaço para uma nova indagação:

como isso seria possível? Vejo o Paradigma Qualitativo Interpretativista como um caminho profícuo, uma vez que o fato de estarmos imbricados no conhecimento que produzimos é uma possibilidade de começarmos a nos afastar de uma lógica estritamente positivista e objetiva.

Dessa forma, não há mais espaço para distanciamento verificado entre pesquisador e pesquisa. Não devemos nos dissociar daquilo que estudamos. Isso, mais uma vez, diz de um compromisso ético, já que estamos e sempre estaremos interligados a uma visão de mundo. É nesse sentido que ao fazer pesquisa Qualitativa Interpretativista, conforme Jung, Silva e Santos (2019), podemos advogar a favor de que "todo conhecimento é social, político e histórico e, ao mesmo tempo, uma forma de autoconhecimento" (p. 152). Nessa continuidade, as autoras encontram diálogo em Garcez e Schulz (2015), que afirmam que tal exercício nos proporciona "buscar entendimentos sobre a invisibilidade da vida cotidiana: fazer o que é familiar ficar estranho, problemático, visível, passível de exame e reflexão" (p. 31).

Isso posto, adoto o paradigma interpretativista como orientador de meu fazer científico. Nesse sentido, as interpretações que neste estudo serão feitas não se darão pautadas em números, ou estatísticas, muito menos almejando produzir generalizações. De maneira oposta, elas serão construídas através das interpretações dos sujeitos, uma vez que está implícito o pensamento de que a realidade social não existe de modo anterior às práticas. Em outros termos,

> [...] toda pesquisa é interpretativa, guiada por um conjunto de crenças e sentimentos sobre o mundo e como ele deveria ser compreendido e estudado. Algumas dessas crenças podem ser tomadas como garantidas, aceitáveis; outras são altamente problemáticas e controversas. Contudo, cada paradigma interpretativo faz demandas particulares ao pesquisador, incluindo as questões que são feitas e as interpretações que são dadas (DENZIN; LINCOLN, 1994, p. 13, tradução nossa).

Seguindo essa linha de raciocínio, assumir uma postura interpretativista dos dados é também considerar os sujeitos como criadores do mundo social e dos significados atribuídos a ele, de modo que diversas realidades são possíveis e, por conseguinte, uma ampla gama de Discursos sobre os mais variados assuntos entram em contato, nos possibilitando pensar que não há mais espaço para pensamentos absolutistas. Assim sendo, o presente estudo, conforme já afirmado, ao ter um olhar direcionado a uma agenda ética, política e social, inserido no campo de uma L.A Transgressiva atrelada aos estudos de Gênero e Sexualidade, pretende permitir criar entendimentos sobre diferentes formas de ser e de se entender, ao passo que será possível problematizar questões que envolvem um caráter rígido e pré-estabelecido sobre as identidades através de um determinado tipo

de senso-comum amplamente difundido na sociedade sobre as masculinidades, feminilidades, homossexualidades e também das transexualidades.

Incorporada à perspectiva de análise qualitativa para a concretização desta pesquisa, optei por, no que tange à constituição dos dados, realizar uma etnografia de textos em contexto digital como um encaminhamento metodológico. Tradicionalmente, a etnografia é conceituada como

> uma abordagem naturalística para os procedimentos de pesquisa social através da observação direta de situações concretas. Ela situa a fala que ocorre naturalmente no centro do interesse da pesquisa, considerada como um modo de atividade social que está situada em um contexto completo que inclui a comunidade inteira ou a sociedade bem como a cena imediata da vida social local em que o discurso ocorreu por si mesmo (ERICKSON, 2004, p. 6-7).

Por esse ângulo, a etnografia, à medida que encarada como metodologia, pode ser vista como altamente flexível, podendo ser atribuída às mais diversas situações, incluindo, sobretudo, interações e ambientes *online*. Dessa forma, segundo Melo e Moita Lopes (2003, p. 250) iluminados pelo pensamento de Hine (2000), uma grande contribuição da etnografia virtual reside no fato de que esse viés metodológico "nos permitiria responder alguns questionamentos ocorridos no ambiente *online*, tais como: a experiências vivenciadas na rede, como as performances de identidade neste espaço, entre outras".

Assim, a internet, quando vista como um grande e produtivo portal de dados, uma vez que de modo gratuito podemos acessar uma grande e diversa gama de textos, nos possibilita estar em contato com um universo de possibilidades de estudos realizados por diversas formas de olhar e investigar os fenômenos sociais. Conforme Barton e Lee (2015) apontam, no que diz respeito à investigação de textos e práticas *online*, essa disponibilidade em si não só visibiliza como garante novos caminhos metodológicos no que tange a pesquisas em Linguística. Esse "novo" jeito de fazer pesquisas em contextos digitais se deu, de certa maneira, porque a Web 2.0 foi capaz de mudar as coisas substancialmente e, portanto, de resultar em novos processos de interação. Conforme Moita Lopes (2010) pontua, ela garantiu a oportunidade de seus/suas usuários/as não apenas *consumirem* informação, e é dessa forma que a Web 2.0 está relacionada à concepção da internet como *locus* de conhecimento compartilhado, construído colaborativamente entre os indivíduos, o que contribui, então, para que passamos a reconhecer a internet também como um *lugar*.

No que diz respeito ao presente estudo, por exemplo, uma questão demasiadamente importante tem relação com criar entendimentos sobre como, através de elementos multissemióticos, os "Chicos" falam de si mesmos, de situações ocorridas, e se representam nesse

ambiente *online*, o qual é o site do projeto. Podemos pensar ainda que, através das mais diversas formas de manifestações de linguagem, esses homens, ao performarem suas histórias e ao posarem para os ensaios fotográficos - nos mais diferentes cenários, utilizando, em determinados casos, diferentes acessórios -, negociam fatores relacionados às suas intersubjetividades.

Há também no contexto *online* um ambiente para uma construção compartilhada de sentidos, uma vez que os "Chicos" podem se posicionar - e, de fato, o fazem - frente aos mais diversos temas. É, sobretudo, sob esse ponto de vista que o digital passa a ser compreendido como um espaço político: através de novas formas de participação e interação, as pessoas, mesmo que atravessadas pelos mais diversos pontos de vista e ideologias, podem ser mais reflexivas, contestando determinadas verdades absolutas, e viabilizando, assim, uma intensa problematização de discursos tidos como hegemônicos.

Nesse contexto, ao usar a linguagem, as pessoas agem em relação a outros grupos e comunidades de várias maneiras, incluindo também aquelas das quais fazem parte. No que diz respeito ao nosso processo investigativo, por exemplo, o que é produzido no Projeto Chicos pode ser visto sob essa perspectiva: as narrativas juntamente com as fotografias podem servir não só como produção artística e de conhecimento endereçada a outros homens gays a fim de refletirem e criarem entendimentos sobre suas próprias questões, mas também podem atuar como um "relicário", ao criarem memória coletiva para um grupo já tão estigmatizado. Ademais, por considerar o Projeto Chicos como uma maneira de produção artivista, o que é produzido pelo site também pode ser visto como uma forma de garantir resistência e existência a tantas pessoas cujas vidas são afetadas pelo discurso hegemônico, seja no que diz respeito aos gêneros e às sexualidades, seja no que diz respeito a relações afetivas, padrões de beleza, dentre outros fatores.

Em um extenso trabalho sobre a linguagem *online*, Barton e Lee (2015) apontam que a partir do momento em que essa passa a ser encarada como um conjunto de práticas, a linguagem oferece uma maneira de "situar uma teoria da linguagem numa teoria da vida" (2015, p. 41). Assim, estendendo o que foi proposto pelos referidos autores, ao narrar suas histórias - momento em que a linguagem tem um papel central -, os "Chicos" deixam registros capazes de gerar informações das quais outras pessoas podem vir a usufruir, compreendendo desde entendimentos sobre questões relativas à própria existência até servindo como inspiração e dados para pesquisas acadêmicas como esta.

Outra grande contribuição que a internet oferece a este presente estudo é a possibilidade de compreender o processo de construção de significados através de elementos multissemióticos. No

que tange ao Projeto Chicos, grande parte das suas publicações são compostas por trechos das entrevistas juntamente com um ensaio fotográfico e, em determinados casos, um curto vídeo cujo conteúdo diz respeito ao que está postado nas narrativas. Em diálogo com as ideias de Barton e Lee (2015), acreditamos que a mobilização de imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita contribuem de modo significativo com o processo de construção de sentido do que está sendo performado narrativamente ao (re)afirmar suas relações com os significados expressos. Dessa forma, cabe ainda ressaltar que esse entrecruzamento não se dá conferindo supremacia da linguagem escrita em detrimento das fotografias ou vídeo, nem tampouco o contrário se verifica. Assim, como os próprios autores propõem, acredito que "novas relações de linguagem e imagem estão se desenvolvendo. A imagem não está substituindo a linguagem; mas estamos percebendo novas formas de esses modos trabalharem poderosamente em conjunto" (BARTON e LEE, 2015, p. 33).

Entretanto, por mais que a internet cada vez mais se configure como um *locus* profícuo para realização de pesquisas e algumas de suas justificativas para tanto tenham sido descritas acima, precisamos ainda, mesmo que de maneira sucinta, refletir sobre questões éticas relacionadas a esse modo de se fazer pesquisa. Cabe, então, o seguinte questionamento: o que é postado na internet é de domínio público ou privado? Parto, então, da crença de que não há uma rigidez ou resposta fixa a essa pergunta, e, portanto, acredito na sensibilidade do pesquisador frente ao que examina.

Assim, cabe mencionar que, segundo a Resolução n° 510, pesquisas que "utilize[m] informações de acesso público, nos termos da Lei no 12.527, de 18 de novembro de 2011" e pesquisas que "utilize[m] informações de domínio público" não precisam ser avaliadas pelo sistema CEP/CONEP. O presente objeto de estudo desta pesquisa está situado em um site, o "Chicos", de domínio público, e todas as informações ali organizadas podem ser obtidas por qualquer indivíduo que pretenda acessá-lo. Dessa forma, não se faz necessária a submissão a comitês de ética. Em contrapartida, no que tange a esta dissertação, por exemplo, como faremos uso, sobretudo, de fotografias e das narrativas, recontextualizando-as para fins diferentes do que as fazem estar presentes no site, estabeleci contato com os idealizadores do projeto a fim de ter o consentimento deles. Nesse sentido, com o aval dos idealizadores do projeto, na próxima seção discorro sobre o Projeto Chicos.

4.2 O PROJETO CHICOS

Esta pesquisa foi conduzida com o Chicos, um projeto que apresenta postagens de fotografias e depoimentos de diversos homens dissidentes dos padrões naturalizados de sexualidade e de gênero retratados nus. Nos termos dos idealizadores, pode ser caracterizado como "um projeto/publicação de arte, gay e independente, que busca essa pluralidade por meios de registros que nós dois realizamos, e também de colaboradores que dialoguem com este tema" (LADEIRA; LAMOUNIER, s.d., recurso *online*). Entretanto, cabe ressaltar que embora haja a preocupação em dar representatividade a masculinidade fora do padrão naturalizado, há uma intensa participação e publicação de ensaios e entrevistas de homens que se encaixam bem nesse padrão. Reitero que tal fato, a presença de corpos bastante homonormativos, não deve ser encarado como um problema em si e nem tampouco invalida a relevância e potência do projeto no empreendimento dessa investigação científica.

Atualmente, o projeto conta com um *site*, de onde foram extraídos os dados da presente dissertação, e dois perfis bastante populares em redes sociais, a saber, o *Facebook* e o *Instagram*. Conforme descrito na introdução, além da difusão *online*, há também um livro impresso publicado em 2016. No que diz respeito ao site, o material é publicado pelos próprios autores do projeto e segue o seguinte padrão: são disponibilizados um ensaio fotográfico abrangendo de 3 a 7 fotografias e um texto escrito no qual há uma contextualização sobre o ensaio e a relação dos autores do projeto com o "Chico" a ser fotografado, além de pequenos relatos nos quais esse sujeito não só disserta sobre os mais diferentes assuntos, como também narra suas experiências pessoais enquanto homem gay. Há, em grande parte dessas publicações, a presença de uma espécie de entrevista em vídeo, cujo conteúdo é semelhante ao descrito no corpo do texto escrito. Atualmente, o site conta com 148 ensaios e, em alguns desses, há também outros elementos como cartas e bilhetes escritos à mão que, concomitantemente com os já descritos, atuam no processo de construção de significado do que está sendo narrativizado.

Após um ano de intenso trabalho no site, fotografando e ouvindo as histórias dos mais diversos "Chicos", os autores do projeto resolveram celebrar esse feito por meio de um livro. De forma independente e através da captação coletiva de recursos, o *Chicos: the book* (2016) foi caracterizado pelos autores como uma espécie de

> *coletânea das fotografias e histórias mais emblemáticas*, buscando a maior pluralidade possível de corpos, cores, experiências e vivências. Do erótico ao melancólico, do alegre ao sensual, queremos trabalhar *sensações, texturas e texto* de uma forma que o site ainda não proporcionou (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016b, recurso *online*, grifos dos autores).

Estão contidos no livro 124 ensaios, 35 trechos de depoimentos transcritos e uma contextualização realizada pelos autores do projeto a respeito da história das fotografias homoeróticas.

No que diz respeito às redes sociais, a página do *Facebook* hoje conta com 15.181[25] seguidores. Durante uma investigação nesse espaço virtual, pude perceber que ele se destina(va) a ser um ambiente de divulgação dos ensaios realizados. Entretanto, a última publicação é datada de 2019. Em contrapartida, atendendo a uma demanda natural que, muitas vezes, se dá na migração de usuários de uma rede social para outra, há um intenso movimento de postagens realizado pelo projeto no *Instagram* e isso pode ser verificado devido a sua popularidade no contexto atual brasileiro. Assim, no referido espaço, as publicações no *feed* e nos *stories* abrangem os mais diversos assuntos.

Em relação àquele, estas se propõem, essencialmente, a divulgar e a promover ensaios antigos. Entretanto, devido à situação que vivemos hoje, uma das medidas mais eficazes de combate a pandemia da COVID-19 é o isolamento social e, nesse contexto, surgiu um mini-projeto dentro do Chicos para ser publicado especificamente no *Instagram*: o "Pelado & em Casa". Através desse novo projeto, em seus ensaios, outros "Chicos" compartilham suas experiências de como têm levado esse período com relação aos desejos sexuais, a relação com o próprio corpo, atividades cotidianas, referências culturais, e outras questões. Assim sendo, gostaria de afirmar que, apesar de seguir as referidas páginas dos Chicos nas redes sociais, detenho minha atenção e objeto de pesquisa na página principal do site, onde tudo começou, e eventualmente no livro publicado pelo projeto também.

Seguindo com a descrição do projeto, o nome Chicos, "emprestado do espanhol e dos 'Franciscos'" (LADEIRA; LAMOUNIER, s.d., recurso *online*), em uma primeira leitura, pode pretender reforçar uma ideia de pertencimento que o próprio projeto almeja problematizar, pois há o interesse em "aproximar diferentes experiências de identidade, sexualidade, e corpo em um espaço onde elas possam coexistir sem os tabus sociais" (LADEIRA; LAMOUNIER, s.d., recurso *online*). Entretanto, de acordo com o compromisso firmado em criticar a colonialidade, não posso deixar

---

[25] Número de seguidores disponibilizado na página do projeto no *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/aboutchicos/. Acesso em: 24 abr. 2021.

passar despercebido o fato de que o uso masculino genérico no nome do Projeto Chicos, ao mesmo tempo em que tenta aproximar experiências de muitos homens gays, também propicia uma forma de exclusão de determinadxs "Chicxs" do projeto. Por conta disso, questiono: o participante Isac Bento, que se define como fazendo parte de uma diagonal entre gêneros, se enquadraria como um "Chico"? Reconheço que o projeto não tem a necessidade de abarcar todas as experiências relacionadas aos gêneros e às sexualidades, principalmente porque pode ser que, ao nomearem o projeto, talvez não vislumbrassem encontrar sujeitos com identidades tão diversas e significativas. Ainda assim, o referido uso do masculino genérico nos permite problematizar questões relativas à transparência e/ou naturalidade no que diz respeito a questões envolvendo a linguagem, o gênero e a sexualidade.

Os ensaios e as entrevistas lá publicados estão organizados em uma seção denominada *"los chicos"* e estão disponibilizados através de uma ordenação cronológica inversa, do ensaio mais recente em direção aos mais antigos. O acesso às publicações não reivindica nenhuma forma de login/cadastro. Qualquer pessoa *online* pode ter acesso aos conteúdos publicados no site do projeto e navegar por ele da forma que quiser, uma vez que as publicações não pressupõem um elo de ligação no que tange ao conteúdo entre elas, podendo ser efetuadas buscas através do nome do "Chico" desejado e/ou palavras-chaves. No site, há abas em que se tem acesso à descrição do projeto e dos seus autores, a loja em que o livro está disponível para compra e uma seção "entre em contato", em que é disponibilizado o e-mail do projeto para uma possível interação.

O site é, portanto, um ambiente que, apesar de teoricamente voltado para homens gays, tem o poder de estremecer a lógica essencialista. É ao trazer estes sujeitos de maneira tão diversificada que o projeto rompe com a ideia de universalização e, por conseguinte, de atribuir estereótipos aos mais diversos grupos, um dos principais danos causados pela cis-heteronormatividade. Assim, a multiplicidade não é um elemento chave somente no que diz respeito às características físicas dos "Chicos", mas também dos assuntos abordados/atravessados em suas vidas. Nessa perspectiva, na próxima seção discorro brevemente sobre o caminho que me levou a ver o projeto como um ambiente profícuo para investigação científica.

4.3 O PESQUISADOR

Conforme já apresentado na seção de Introdução desta dissertação, estou completamente inserido na prática que estudei. Muito do meu interesse na busca por referências e produção

bibliográfica no que diz respeito a assuntos de gênero e sexualidade se iniciou através de uma intensa busca de tentar me compreender melhor enquanto homem gay e, a partir daí, criar entendimentos não só a respeito da comunidade da qual faço parte, como também uma maneira de trazer conforto ao sofrimento que eu sentia.

Vivendo no século XXI, seria quase impossível passar ileso aos efeitos da globalização atual (KUMARAVADIVELU, 2006), me encontrando completamente imerso em uma sociedade que vem trazendo, cada vez mais e rapidamente, uma quantidade imensurável de informações. Nesse contexto, através dos mais diferentes meios, a internet me trouxe a possibilidade de acompanhar não só diversas discussões e reflexões, como também me propiciou ter conhecimento sobre inúmeros temas relacionados a gênero e a sexualidade. Foi assim, então, que eu conheci o Projeto Chicos.

Quando isso aconteceu, eu ainda não havia iniciado meus estudos no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mesmo assim, me lembro das emoções que a mim foram causadas durante a leitura da primeira entrevista. Tratava-se do depoimento do mineiro Alison que, assim como eu, havia passado por momentos de intensa negação no que dizia respeito à sexualidade, estava a criar também entendimentos sobre o seu corpo, dissertava a respeito da eterna busca por referências capazes de auxiliá-lo nesse processo de construção de identidade e a reafirmação do compromisso político, algo que ambos não enxergavam com tamanha clareza, e que hoje me traz aqui, almejando investigar o papel crucial que a linguagem exerce na medida em que os Discursos engendram diferentes modos de enxergar questões ligadas aos gêneros e às sexualidades.

À medida em que eu lia a entrevista, me via também completamente encantado pelas fotografias do ensaio de Alison. O “Chico” se posicionava nu em uma cachoeira em um dia ensolarado e totalmente cercado por uma área verde. À época, eu só consegui pensar na beleza da feição espontânea e singela que o “Chico” trazia e em como ele se sentia à vontade ali, naquele lugar, sendo abençoado pela natureza. Aquelas fotos (re)afirmavam toda a naturalidade que as homossexualidades abraçam. Naquele dia, me senti um pouco Alison. Nas próximas vezes, me aproximei de muitos outros. Hoje, me considero também um pouco “Chico”.

Concomitantemente com meu amadurecimento pessoal, através da disciplina “Linguagem, Cultura e Diversidade”, ministrada pelo meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Cadilhe, meu olhar sobre o projeto encontrou um sentido outro: o de investigação. À medida que as discussões dos textos teóricos avançavam, eu compreendia a potência do projeto como um espaço propiciador de grandiosas e importantes reflexões a respeito de questões relacionadas a gênero, sexualidade,

masculinidades, linguagem e sociedade. Assim, a partir da relação estabelecida entre esses temas, tecerei comentários a respeito da seleção e recorte dos dados, conforme será mais detalhado a seguir.

4.4 RECORTE E SELEÇÃO DOS DADOS

A busca pelos dados de análise foi realizada no arquivo do site do Projeto Chicos. Como já informado, essa seção do site é aberta para o público em geral. Através da seção “Los Chicos”, qualquer pessoa tem acesso aos ensaios e entrevistas e esses estão caracterizados pelos nomes dos participantes. Em um primeiro momento, realizei a leitura das 147 narrativas autobiográficas no interesse de me familiarizar e estabelecer diálogos com as histórias narradas. Nesse contexto, pude perceber que a grande maioria dos depoimentos lá transcritos segue um *script* básico, construído através de perguntas comumente repetidas, como, por exemplo: “*O que é ser gay para você?*”; “*Como foi sair do armário para você?*”; “*Como é a sua relação com seu corpo?”;* “*Como você se percebeu gay?*”. Resolvi, então, a princípio, focar na resposta à primeira pergunta aqui elencada, o que não excluirá trazer dados destas outras, uma vez que tais experiências agem também na construção da identidade desses sujeitos enquanto homens gays.

Em seguida, tendo elaborado uma pergunta-problema orientadora desta pesquisa, a qual, a repito, é "*como as narrativas do Projeto Chicos produzem performances de masculinidades homoafetivas?*", retornei aos dados a fim de selecionar algumas entrevistas que me possibilitassem criar entendimentos a partir da questão aqui apresentada.

Pude perceber, então, que um fator presente nas histórias de vida desses “Chicos” é que todos eles passaram por uma ressignificação do que é ser homossexual. Tal processo, conforme poderemos ver na seção de análises, se dá através da substituição de uma visão negativa por uma positiva. Uma discussão também bastante recorrente nas narrativas selecionadas é a relação que cada “Chico” tem com o próprio corpo, que nos propicia refletir sobre a necessidade que cada um sentiu ou ainda sente de tentar se encaixar em um tipo de corpo para serem mais aceitos e se sentirem bonitos nesse processo de se entenderem como homens gays. Nesse contexto, é demasiadamente difícil não propor questionamentos como “Mas que conceito de beleza é esse?”; “Esse conceito é bonito para todo mundo da mesma forma?”; “Quais estereótipos envolvendo corpo e beleza são atribuídos às pessoas nesse processo de entendimento do que é ser gay?”

Outro tema bastante recorrente nos depoimentos é o papel das referências na vida dos “Chicos”, sejam elas as relacionadas aos ideais de masculinidade e as estabelecidas pela cis-heteronormatividade, sejam as disponíveis através dos mais diferentes artefatos culturais e capazes de atuar positiva ou negativamente no processo de construção identitário de qualquer ser humano,

mas aqui, através do ponto de vista e encaradas pelo homem gay. Nesse sentido, é de meu interesse tensionar, durante o processo de análise dos dados, a maneira como essas referências são entendidas, como elas agem sobre esses sujeitos, dentre outras questões.

Entretanto, de uma maneira geral, os temas abordados nas quatro entrevistas escolhidas não se restringem somente a esses elencados. Nesse sentido, a princípio, foram escolhidas três narrativas de diferentes "Chicos". A primeira narrativa a ser analisada neste trabalho é a do Fabricio, homem cis branco e padrão, que em seu depoimento questiona a visão patológica atribuída à homossexualidade masculina. Em sua performance narrativa, o sujeito em questão também disserta sobre o seu processo de aceitação, atribuindo uma carga muito importante à forma como a sua família o recebeu nesse contexto e lida com a sua homossexualidade.

Dando continuidade, a segunda narrativa a ser analisada é a do Ariel, homem trans, branco, que ao trazer em sua experiência uma forma alternativa de ser, também estremece a visão binária com relação à sexualidade. Também em seu relato, o "Chico" em questão se posiciona a respeito da masculinidade tóxica e de como ressignificou e tomou o termo "viado" para si, reconhecendo seu caráter político. Por fim, a terceira e última narrativa pertence ao Leandro, homem cis, negro e gay que, através de sua performance narrativa, reflete sobre as consequências sofridas por fazer parte de uma sociedade racista e machista como a brasileira. Em seu depoimento, ele também encontra a oportunidade de questionar a hipersexualização conferida ao homem negro gay.

Assim, por mais que as narrativas dos "Chicos" escolhidos, em essência, não se assemelhem em determinados pontos/experiências, pois são atravessadas por diferentes marcadores sociais, como raça, religião, corpo, espaço geográfico e outros, cada uma delas traz importantes e potentes depoimentos capazes de nos propiciar profícuas discussões sobre outras maneiras de se pensar os gêneros e as sexualidades, pensando sempre e sobretudo nas consequências que o pensamento moderno colonial conferiu às masculinidades. As três histórias de vida que trago sob escrutínio neste trabalho resistem à colonialidade do ser, do gênero e do poder, reafirmando através de suas narrativas formas alternativas de vida.

Nesse sentido, serão investigados os depoimentos nos quais os "Chicos", ao dissertarem sobre suas experiências, as narrativizam. Tal escolha se dá, fundamentalmente, pelo fato de que tais trechos apresentam, tanto na estrutura quanto no conteúdo, questões que dialogam com os pressupostos teóricos apresentados neste estudo. Nessa perspectiva, passemos, então, a descrever as ferramentas analíticas na próxima seção.

4.5 OS CONSTRUTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

Como já mencionado neste capítulo, as narrativas escolhidas para análise dos dados foram produzidas a partir de entrevistas e ensaios fotográficos para publicação no site do Projeto Chicos. Desse modo, como já mencionado no Capítulo 3, o registro disponibilizado dessas narrativas sobre as quais aqui estamos a criar entendimentos são compreendidas como "pequenas histórias" (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), tanto por serem narrativas de pequena extensão, se comparadas com narrativas canônicas, quanto por estarem relacionadas a eventos da vida social em uma concepção micro, como, por exemplo, situações de homofobia e posicionamentos intolerantes quanto aos gêneros e às sexualidades que, em alguns casos, poderiam passar despercebidos.

Assim, as pequenas histórias que aqui estamos a analisar fazem parte de um grande arquivo de dados alocados no site do Projeto Chicos. Embasada pelos pressupostos teóricos da Antropologia Linguística, a investigação dessas narrativas alocadas em um site se fundamenta no método que Wortham e Reyes (2015) denominaram como "Análise de Discurso de Documentos Arquivísticos[26]". Tal método dialoga com o que foi denominado como "análise documental", uma vez que ambos, a partir de diversos materiais, se dedicam a entender, compreender e analisar determinados documentos. Nesse sentido, iluminados pelo pensamento de Godoy (1995), entendemos que as entrevistas concedidas pelos "Chicos" juntamente com seus ensaios fotográficos se configuram como documentos pelo fato de poderem ser examinados como uma fonte natural de informação, ao passo que foram realizados em um cenário histórico, econômico e social particular, sendo capazes, então, não só de retratar esse cenário, como também de fornecer dados específicos sobre ele.

Ademais, o conceito de documentos para Phillips (1974, p. 187) como "[...] quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano" justifica nossa escolha na medida em que os idealizadores do Projeto Chicos caracterizam o conteúdo do site como "composto de entrevistas e ensaios: todos relacionados com a experiência pessoal e coletiva do que somos no dia-a-dia, o nosso corpo, nossas descobertas e opiniões. [...] Um olhar de dentro da história e experiência individual de cada participante gay" (LADEIRA; LAMOUNIER, s.d., recurso *online*).

[26] Discourse analysis of archival data, no original.

Nesse sentido, se procuramos compreender questões de gênero e sexualidade relacionadas à idealização de condutas de masculinidade, levando em conta seu caráter construído social, histórica e culturalmente, a escolha pelo método de pesquisa através da análise de documentos arquivísticos se justifica, sobretudo, pelo fato de que assim como outras formas de pesquisa, ela "propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 14).

Dando prosseguimento à descrição sobre as ferramentas utilizadas para a análise dos dados, o presente estudo ao adotar, então, as pequenas histórias como ferramenta analítico-metodológica, concebe, nos termos de Fabrício (2006, p. 192), o processo narrativo como um conjunto "instaurador de realidades sociais". Nesse sentido, conforme Wortham (2000) aponta, na nossa entrega em contar histórias sobre nós mesmos, muitas vezes, não só enfatizamos, como também (re)produzimos o tipo de pessoa que acreditamos que somos. Nessa lógica, o que os "Chicos" relatam em suas performances narrativas nos possibilita refletir sobre como as pessoas são e se comportam em um dado contexto histórico e social.

Se o ato de narrar passa a se configurar como constitutivo de quem somos, uma vez que ele é resultado de nossas interações e performances, ele também nos posiciona, demarcando não só a postura de um falante em relação ao que diz, como também a quem o enunciado é dirigido. Assim, o conceito de posicionamento (BAMBERG, 2002; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; DEPPERMAN, 2015) nos possibilitará entender se os "Chicos", ao se engajarem em performances narrativas, problematizam ou reforçam a existência de uma identidade "gay" muitas vezes encarada sob pontos de vistas essencialistas.

Portanto, na análise desempenhada, almejo com as "pequenas histórias" contidas nas entrevistas dos "Chicos" construir entendimentos acerca dos posicionamentos identitários que foram engendrados por cada sujeito em questão nas performances narrativas das quais fazem parte. Para que eu possa, então, me deter à observação dos depoimentos narrativizados pelos três "Chicos" escolhidos, apresentados no próximo capítulo, faz-se necessário delimitar o que entendo sobre os conceitos de narrativa do evento e o evento narrado a partir do que foi proposto por Wortham e Reyes (2015). Dessa forma, entendo que o conceito de "evento narrativo" está relacionado àquilo que está acontecendo no evento comunicativo. Em contrapartida, a ideia em torno do "evento narrado" é entendida como o que é contado nesse evento. Tais conceitos, então, assumem demasiada relevância no presente estudo porque me permitem entender qual ação social está ocorrendo no momento da interação descrita.

Dessa maneira, para pensar sobre como esses sujeitos se posicionam ao refletirem a respeito dos modos como se veem, no sentido de questionar a norma que também regula seus corpos, faço uso de cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001) no que tange à observação de posicionamentos interacionais, muito úteis para o presente trabalho. Essas ferramentas, por sua vez, são conhecidas como referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; índices avaliativos e modalização epistêmica, descritas a seguir:

a) Referência e predicação: estão relacionados à maneira como determinados termos linguísticos se referem e/ou predicam personagens da narrativa, posicionando-os; da mesma forma, quem está a narrar também se posiciona em relação aos personagens e aos eventos.

Ex: *"Nunca precisei me sentar para elas e dizer "**sou homossexual**[27]"* (VICTOR, 2015, recurso *online*).

b) Descrição metapragmática: compreende os verbos de dizer (*discendi*) que são capazes de apontar a maneira como os narradores se referem a quem disse o quê em determinados eventos narrados.

Ex: *"Nunca precisei me sentar para elas e dizer "sou homossexual"* (...), **me conta**, mas logo puxa para as experiências na escola." (*ibidem*)

c) Citação: diz respeito à inserção de outras vozes na história e, ao mesmo tempo, ao posicionamento diante delas, podendo ser direta ou indiretamente.

Ex: *"Meu pai chegou perto de mim e falou: **"quer que eu te ajude?"**[28]* (RODRIGO, 2016, recurso *on-line*).

d) Índices Avaliativos: são considerados como pistas e nos auxiliam a criar entendimentos sobre as posições sociais dos personagens e a posição do narrador com relação a elas.

Ex: *"Sempre soltavam um **viado, bicha e afins**[29]*" (EZEQUIEL, 2017, recurso *on-line*).

e) Modalização epistêmica: está relacionada ao alcance que o narrador possui do evento narrado e tem a ver com a postura que ele assume nas histórias: é um espectador da história contada ou dela participa ativamente?

Ex: *"**Eu sei que** vocês querem muito que eu seja feliz e querem conhecer a minha vida, só que se eu não falar isso, não vou conseguir ter essa intimidade".* (*ibidem*)

---

[27] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/victor-2/
[28] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/rodrigo/
[29] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/ezequiel/

Dessa forma, considero que tais pistas nos ajudam a empreender um caminho produtivo para pensar como as identificações de gênero e de sexualidade são construídas no momento em que a performance narrativa se dá.

Conforme já descrito até aqui, o percurso analítico empreendido neste estudo vai de um contexto mais específico para um mais abrangente, o que nos possibilita refletir sobre como marcadores identitários relacionados à masculinidade hegemônica, por exemplo, não só são socioculturalmente cristalizados, como também passíveis de serem problematizados e/ou desconstruídos. Isso se dá, fundamentalmente, através do diálogo entre os conceitos trazidos acima. Assim, gostaria de reiterar que, descritas todas as ferramentas analítico-metodológicas, seguirei para as análises.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analiso três de pequenas narrativas selecionadas a partir dos percursos metodológicos e das perspectivas teóricas indicados anteriormente. Para tanto, empregarei como estratégia analítica o que foi apresentado por Wortham e Reyes (2015) que, a saber, diz respeito a: 1) reconhecer o evento narrativo e o evento narrado; 2) identificar as pistas indexicais buscando compreender quais são, de fato, significativas e capazes de pressupor outros contextos; 3) especificar, por meio dos indexicais, quais Discursos, julgamentos e posicionamentos são apontados; 4) entender como os indexicais se organizam, ou seja, como eles fazem parte da situação comunicativa; e, por último, 5) compreender as ações nos eventos narrados como uma maneira de entender quais ações sociais são desempenhadas pelos enunciadores no texto.

Assim, os relatos os quais analisarei me permitirão, de acordo com os objetivos apresentados na Introdução deste trabalho, formar entendimentos sobre como os Discursos criam distintos meios de compreender questões de gênero e sexualidade relacionadas a particularidades sócio-histórico culturais.

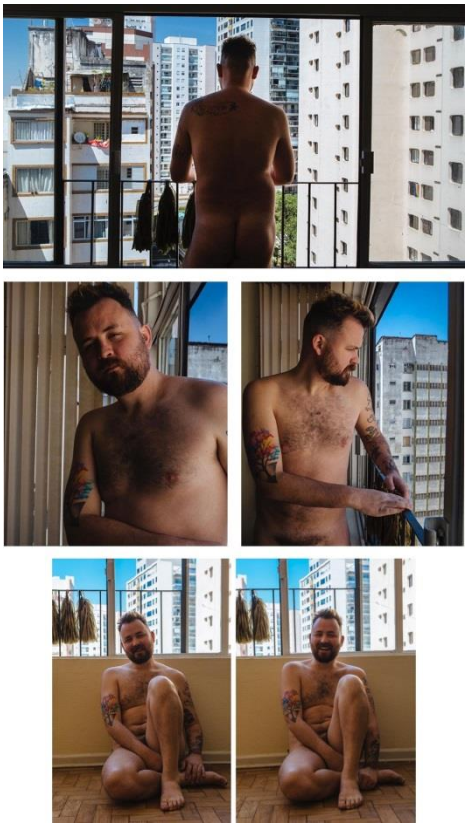
5.1 FABRICIO

As duas pequenas histórias analisadas nesta seção fazem parte da entrevista realizada com Fabricio publicada no site do Projeto Chicos no dia 13 de novembro de 2016. Como de costume, em todas as publicações os idealizadores do projeto escrevem um pequeno texto em que descrevem as circunstâncias pelas quais conheceram o participante e a maneira como ocorreu o ensaio. Com o paulista, esse *script* foi mantido. De acordo com o ponto de vista dos autores, entrevistado e fotógrafos gozam de uma amizade recente. Ainda assim, dentro desse curto espaço de tempo, eles puderam acompanhar algumas mudanças avaliadas como positivas na postura e posicionamento dele nas redes sociais, como sugerem no texto do ensaio: “Foi incrível ver a cada novo post seu suas mudanças, sua autoestima aumentando para que ele chegasse um dia a tirar toda a roupa e ser clicado por nós para o projeto” (LADEIRA; LAMOUNIER, 2016, recurso *online*).

Na ocasião, Fabricio disserta sobre os seguintes tópicos, que se encontram separados em parágrafos distintos na publicação do site: o significado de ser gay para ele, o processo de adaptação e assimilação familiar frente a sua orientação sexual, situações em que ele possa ter sido vítima de algum tipo de homofobia e a relação que tem com o próprio corpo. No que diz respeito ao ensaio,

ele foi fotografado em um apartamento que dispõe de itens de decoração associados à cultura LGBTQIA+. Tais adornos compreendem desde quadros com imagens que expõem troncos masculinos desnudos a um que traz um bordão mundialmente conhecido proveniente do programa *RuPaul's Drag Race*. Através das fotografias, o "Chico" se mostra bem à vontade, uma vez que na maioria de suas fotografias ele se posiciona mirando as lentes da câmera. Em minha leitura, agir como tal pode servir como uma alegoria para o fato de que ele esteja encarando também de frente os seus/as suas possíveis interlocutores/as. Nesse sentido, acredito que o produto final de seu ensaio fotográfico seja também parte importantíssima do processo de construção de significado do que é dito por Fabricio em sua entrevista: que é feliz, que vê sua homossexualidade de forma natural, que se aceita e se orgulha de ser tal qual é.

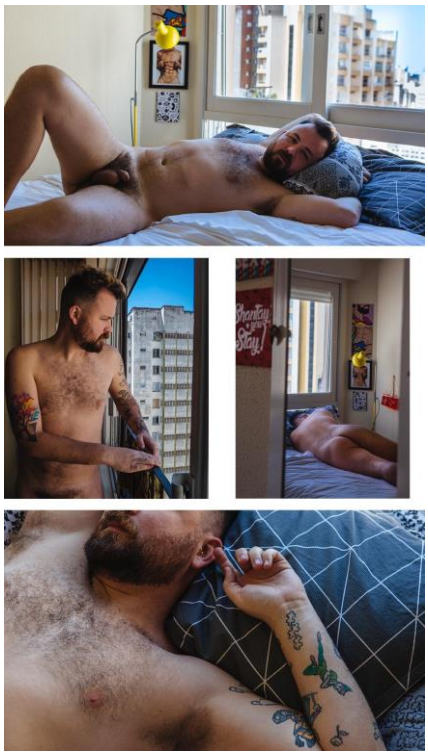
Figura 3 - Fabricio. Chicos (2016), retirada da página do projeto



Fonte: Projeto Chicos[30] (2016).

[30] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/fabricio/. Acesso em: jan. 2021.

Figura 4 - Fabricio. Chicos (2016), retirada da página do projeto



Fonte: Projeto Chicos[31] (2016).

Assim, no que diz respeito às duas pequenas histórias narrativizadas pelo "Chico" em questão, o conceito de evento narrativo está relacionado à conversa/entrevista entre Fabricio e os idealizadores do Projeto Chicos. Já a ideia de evento narrado se relaciona com os entendimentos sobre as duas narrativas aqui trazidas para observação, ou seja, cada uma tem a ver com um determinado tópico: a primeira está relacionada ao processo de aceitação e sair do armário e a segunda, por sua vez, diz respeito à atitude preconceituosa por parte do superior de Fabricio ao associar sua orientação sexual e perda de peso ao vírus HIV/AIDS.

5.1.1 "[...] percebi que não tinha nada errado comigo, eu era gay, e ser feliz era minha meta."

Em um primeiro momento, Fabricio disserta sobre as implicações e interpretações que ele possui a respeito do que é ser gay. Na mesma oportunidade, em suas próprias palavras, ele relembra que "tanta coisa boa surge quando penso na pessoa que me tornei no momento que eu me vi gay"

[31] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/fabricio/. Acesso em: jan. 2021.

(FABRICIO, 2016, recurso *online*). Nesse sentido, sobre o momento de se aceitar enquanto homossexual e de revelar à mãe a sua orientação sexual, segue abaixo o excerto:

Excerto 1: o processo de aceitação de Fabricio

```
1    Quando fiz 18 anos, percebi que não tinha nada errado comigo, eu era
2    gay, e ser feliz era minha meta. Então a primeira coisa que fiz foi
3    contar pra minha Mama (como eu chamo minha Mãe). A aceitação veio
4    desde de o primeiro momento, acho que assim como muitas mães sentiu
5    medo pelo sofrimento que eu poderia passar. Mas sempre me apoiou e
6    esteve do meu lado, até pergunta sobre fantasias do próximo
7    carnaval. Hoje família, amigos e colegas de trabalho sabem que sou
8    gay, nunca escondi
```

Ao iniciar seu relato, o “Chico” em questão, através da pista indexical de predicação “nada errado” (linha 1), reflete sobre o lugar que a cis-heteronormatividade constrói para aqueles/aquelas que destoam da norma. Ocupar tal lugar pode ter contribuído para que ele tenha, até os 18 anos, como ele mesmo cita, se constituído com a ideia e a referência de que tinha algo errado com ele e o modo de viver seus desejos. Essa ideia construída a respeito dos conceitos dicotômicos de certo e errado e a internalização desses na vida dos sujeitos que são dissidentes em sexualidade, como é o caso de Fabricio, articula-se proficuamente com o que Foucault cunhou como processo de subjetivação. Esse processo, então, para o autor, exige de cada indivíduo um agrupamento de ações que necessitam de um trabalho rigoroso e atento que, em alguns casos, podem demandar um sacrifício pessoal. Nos termos do autor, a política de subjetivação envolve a constituição “de um sujeito que é subjetivado pela extração da verdade que lhe é imposta” (FOUCAULT, 2008, p. 243). Em outros termos, “é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, [1984]2004, p. 236). Entretanto, é importante reforçar que essa relação se dá também com os outros, uma vez que os sujeitos se constituem através das relações que estabelecem entre si. A existência então de um indivíduo não se legitima na ausência de relações sociais, ou seja, ele precisa de um encontro social para que possa compreender a sua existência.

Com isso, dando continuidade a essa linha de raciocínio, cabe, então, à política de sujeição não só propiciar a extinção de hábitos reconhecidos como ruins, como também de falsas convicções que possam ser recebidas por diferentes modos e fontes, como, por exemplo, da família, da massa e, principalmente, do meio. No caso do “Chico” em questão, esse olhar que constrói uma visão negativa em torno de sua sexualidade está intimamente ligado ao fato de aqueles/aquelas cujos

desejos sexuais se destinam a parceiros/parceiras do mesmo sexo ainda sejam inferiorizados na nossa sociedade. Assim, ao longo do processo de construção de suas subjetividades, de uma maneira geral, muitos homens gays, por exemplo, como é o caso de Fabricio, acabam assimilando nesse percurso características sociais e psicológicas a eles destinadas, reforçando ainda mais esses traços e consolidando os mecanismos e as formas de preconceito que são atribuídos a eles. Desde cedo, aprendem a controlar seus gestos, seus desejos, maneira de falar em prol da eliminação de hábitos considerados como ruins.

Nas linhas 1-2, a sentença “eu era gay” pode ser compreendida como uma pista indexical. A partir da referida enunciação, um dado ser é produzido no discurso, no caso, o próprio “Chico”. Assim, ao se nomear, se intitular, ele se produz enquanto gay na situação discursiva. Entretanto, cabe ressaltar que esse processo não é neutro, a escolha do termo “gay” não deve ser entendida através de uma categoria dada, pois ela envolve uma escolha. Nesse sentido, Fabricio poderia ter feito uso de outros termos como, por exemplo, “bicha”, “viado”, “biba”, “baitola”, “mariquinha”, dentre outros. A escolha de uma palavra envolve um trabalho ideológico que se realiza a partir de um dado contexto, principalmente porque nasce do Discurso. Desse modo, me coloco aqui a discutir sobre as implicações que a escolha de Fabricio de usar o termo *gay* pode sugerir em detrimento da escolha do vocábulo *bicha*, por exemplo.

Segundo as pesquisas de Fry e MacRae (1985), o signo linguístico “bicha” não está somente relacionado à caracterização de um homem por ter relação com outro. O signo em questão traz consigo uma relação com a performance desse homem, caracterizando-o concomitantemente como afeminado. Conforme apresentado no Capítulo 2, o processo de construção das masculinidades se dá em comparação com as feminilidades e por essas acabarem tendo a si atribuídas em nossa sociedade um papel social menor, o mesmo pode ser ainda verificado com a palavra “bicha”. O termo em questão, por mais que esteja atualmente passando por um processo de inversão performativa da injúria dentro da comunidade LGBTQIA+, foi difundido em nossa sociedade atrelado a uma carga semântica negativa, depreciativa, servindo, muitas vezes, como um dispositivo discursivo a serviço da agressão, da ofensa e da criminalidade.

Assim, conforme observa Zamboni (2016), o gay que se adequa às normas impostas pela cis-heteronormatividade se sustenta através da recusa da bicha. Nos termos do autor:

> Pretende-se assim demonstrar que o bom homossexual é o gay e que a bicha é uma má cópia do homossexual ideal igualitário. Mais ainda, ela é uma cópia degradada, um simulacro da essência real da homossexualidade que o gay representa. Sendo

> assim, a bicha não chegaria nem mesmo a ser um conceito, mas apenas um preconceito a ser exterminado (p. 22).

A escolha do vocábulo “gay” por Fabricio pode estar vinculada ao fato de que tal termo comumente não é engendrado com discursos pejorativos. Em diálogo com essa afirmação, Lima e Cerqueira apontam que a palavra gay,

> Originária do inglês norte-americano, quer dizer alegre, feliz e supõe uma identidade social que se coadune com essa ideia. Essa identidade prevê uma relação sexual e afetiva igualitária entre os parceiros, a ideia do casal feliz, bem ajustado socialmente, tal como os modernos casais heterossexuais. Tende a condenar ou vê com maus olhos o sexo promíscuo ou o sexo perigoso com prostitutos e pessoas de classe, raça e etnia inferiorizadas. Além disso, é ordenada por hábitos de consumo de bens materiais e simbólicos que nem sempre estão disponíveis àqueles que, em virtude da posição de classe, raça, faixa etária ou origem étnica, são excluídos do consumo (2007, p. 4-5).

Em contrapartida, o mesmo não se verifica no vocábulo “bicha”. Em nossa sociedade, os discursos religiosos, médicos e de direito reverberam pelos mais diversos locais e, por consequência, informam, prescrevem, impõem que ser uma bicha é estar em desacordo com as normas e estar propenso a sofrer os mais variados atos repressivos. A bicha, então, nos termos de Oliveira (2018), resiste; e a gay, se ajusta. Por esse motivo, essa oposição semântico discursiva entre gay e bicha não só nos ajuda a entender a posição político-ideológica assumida por Fabricio, como também fornece subsídios para criar inteligibilidades sobre o incidente descrito na próxima seção, uma vez que, *grosso modo*, no imaginário de seu chefe, o “Chico” em questão parece mais se adequar a um imaginário preconceituoso criado a respeito do termo “bicha”, acrescendo em seu significado características como a performance sexual como passivo e promiscuidade, justificando assim o episódio de humilhação sofrido. Nesse sentido, pensar na oposição desses termos nos traz condições de criar entendimentos sobre como as relações de masculinidades homoafetivas são estruturadas na nossa sociedade.

Dando seguimento à observação aqui pretendida, o uso do verbo “percebi” na linha 1 aponta para os processos os quais podem ter contribuído de maneira significativa para que ele pudesse romper com tais concepções e sentimentos. Nesse sentido, esse momento de ruptura com o achar que havia algo errado com a sua orientação sexual pôde se dar na medida em que estiveram disponíveis para o “Chico” diferentes Discursos e leituras a respeito do que “é ser gay”, enquanto esses foram capazes de tensionar as construções e os saberes patológicos e moralistas a que as homossexualidades podem vir a ser e ainda são associadas.

Assim, destaco a sentença “ser feliz era minha meta” (linha 2), por poder ser analisada como pista de referência e predicação. Essa enunciação é bastante importante nessa performance narrativa porque permite que sejam produzidas reflexões sobre a cronologia da narrativa. A questão a respeito de se impor “uma meta” também sugere que havia algo a ser perseguido, que ele havia traçado um caminho em prol de um único objetivo: o de ser feliz. A narrativa de Fabricio adquire um tom confessional, pois a partir dela pode-se constatar o estado emocional em que o “Chico” se encontrava: o da infelicidade. Isso posto, até o momento em que ele declara a sua homossexualidade à mãe, aos 18 anos, ele se auto predica como infeliz. Anteriormente a essa idade, então, as experiências do “Chico” em questão parecem ter sido permeadas por investimentos que não o faziam se sentir feliz por completo.

Essa questão a respeito da (in)felicidade na vida do Fabricio encontra na palavra “aceitação” (linha 3) mais um espaço de problematização. O fato de sua mãe ter o acolhido bem frente à declaração sobre sua homossexualidade fez com que tudo mudasse em sua vida dali para frente. Assim, a partir daquele momento, o “Chico” em questão passou não só a não esconder mais sua orientação sexual das pessoas que fazem parte do seu convívio social, como também a contar com o apoio da “mama”, como ele mesmo a chama, em todos os momentos, encontrando assim o estado de felicidade que tanto almejava, perseguia.

Nessa continuidade, a palavra “aceitação” (linha 3) indexicaliza um Discurso social mais amplo que está relacionado a um sentimento que perpassa a vida de muitos homens gays. Isso diz respeito a uma necessidade de validação/apoio frente aos Discursos em que a homossexualidade foi e ainda é vista e colocada por diversas instituições que (re)produzem intensos momentos de rejeição e vergonha, fazendo com que muitos ainda estejam sujeitos a viver momentos de abjeção. Isso se dá, conforme Prado e Machado (2012) sugerem, através da distinção estabelecida entre os homossexuais e os heterossexuais, rotulando a heterossexualidade como um desejo natural, sadio e correto. Em contrapartida, a homossexualidade estaria, então, destinada a categorias de crime, pecado e doença.

Assim, tais interpretações em torno das homossexualidades colaboram para que Fabricio mencione o “sofrimento” (linha 5) pelo qual muitas mães receiam que seus filhos passem. Tal sofrimento pode ser entendido com relação à maneira em que as homossexualidades são e foram entendidas ao longo dos anos. Se pensarmos no contexto da ditadura militar, houve intensa repressão por parte dos militares sofrida pelos homossexuais, inclusive muitos destes perderam suas

vidas[32]. Ao tomarmos o contexto atual, sabemos, através dos mais diversos meios de comunicação, que muitas são as experiências de abandono, violências físicas[33] e simbólicas direcionadas àqueles que diferem da cis-heteronormatividade.

Podemos relacionar então que tal ideia por trás da aceitação pode ter contribuído para que Fabricio tenha, como ele mesmo afirma, nunca escondido sua orientação sexual. O fato de viver abertamente sua homossexualidade garante-lhe a possibilidade de viver sua vida e desejos de forma plena, assegurando não só legitimação por parte do ambiente familiar, como também de outras esferas sociais as quais ele necessita atravessar durante sua vida. Experienciar plenamente a sua vida sexual é a maneira pela qual Fabricio contesta as consequências provenientes da colonialidade do ser. Ter a possibilidade de não esconder quem de fato ele é confere a ele a possibilidade de resistir e lutar contra o processo de negação a que muitas vidas homossexuais ainda estão submetidas. É ocupando os espaços e podendo ser quem de fato ele é que ele contribui demonstrando que não só o *espectrum* relativo às masculinidades pode ser amplo e diverso, como também o que se relaciona às identidades homossexuais. Em outros termos, através de suas performances, ele serve como elemento responsável por mostrar que assim como não há uma única maneira de ser homem, não há também uma forma inequívoca de ser gay.

Nesse sentido, sabemos que a referência que "nunca escondi" (linha 8) faz é apontar para uma maneira na qual muitos outros caras ainda vivem: "no armário". Na sociedade em que vivemos, por exemplo, a não-heterossexualidade foi e ainda é intensamente censurada pelo discurso hegemônico, que está intimamente relacionado pelo discurso médico-científico e religioso (PRADO; MACHADO, 2012). Isso se dá porque, para muitos, esse armário é um meio de sobrevivência, que garante permanência e acesso a elementos importantes e necessários para o seu próprio desenvolvimento enquanto sujeitos como, por exemplo, moradia, alimentação, ensino, lazer, trabalho. Sair do armário é um processo que se dá de diferentes formas e pode levar a uma condição de vulnerabilidade, uma vez que estar fora dele é se inconformar com a ordem cis-heterossexista. Afinal de contas, o armário gay não se restringe somente a um traço existente na vida das pessoas

---

[32] De acordo com o jornalista Jefferson Puff, em uma artigo escrito para a BBC Brasil cujo título é *"LBGTs sofriam torturas mais agressivas, diz CNV",* somente na cidade de São Paulo no período de 1960-1984, mais de 1,5 mil travestis, gays e lésbicas foram levados à prisão através de rondas policiais cujo intuito era "higienizar" a sociedade. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguicao_ditadura_rb. Acesso em: dez. 2020.

[33] De acordo com o mais recente relatório apresentado pelo Grupo Gay da Bahia, em 2019, 329 LGBTQIA+ foram vítimas de morte violentas advindas de homotransfobia no Brasil. Informação disponível em: https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/. Acesso em: dez. 2020.

homossexuais, como também pode ser visto como um aparelho que propicia a regulação da vida social (COSTA; BIAR, 2017; SEDWICK, [1993]2007). Um reflexo desse processo para Fabricio, por exemplo, se deu em seu ambiente de trabalho, que foi ter tido sua orientação sexual relacionada ao vírus do HIV/AIDS mediante a sua perda expressiva de peso, conforme podemos ver na próxima seção.

5.1.2 "Nossa! você emagreceu! Tá com AIDS? [...] É só dar a bundinha com camisinha"

Em uma parte de seu depoimento, Fabricio, após comentar sobre suas experiências amorosas, relata sobre já ter sido vítima de algum tipo de violência, seja ela física ou simbólica. Na visão dele, nenhum xingamento nas ruas e nas estações de metrô já ouvidos antes equivaleram a uma situação acontecida no ambiente de trabalho. Nesse sentido, o eixo central da sequência analisada refere-se ao fato de que, prestes a entrar de férias, o "Chico" diz ter emagrecido 12 kg para conhecer as cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte sem a imposição de grandes restrições. Assim, próximo ao dia da viagem, ele foi indagado pelo diretor da companhia onde trabalhava se havia contraído o vírus da AIDS, motivo que, na visão do seu interlocutor, justificaria o seu emagrecimento.

Nesta seção, então, irei examinar como Fabricio, ao relatar sua história envolvendo uma relação assimétrica de poder, a saber, diretor (alguém que ocupa um cargo de chefia) x subordinado, não só reposiciona e reflete sobre percepções preconceituosas relacionando o vírus HIV/AIDS à homossexualidade masculina, como também problematiza o caráter pedagógico, desrespeitoso, condescendente e moralizante que o Discurso do chefe assume ao longo da interação, como veremos através do trecho selecionado abaixo:

Excerto 2 - O diálogo entre Fabricio e seu chefe

1 Já fui xingado nas ruas, metrôs, etc... Mas a mais foda foi em um
2 emprego que tive. A sensação de impotência foi horrível! Eu estava a
3 alguns dias de tirar férias, fiz uma super dieta para poder conhecer
4 RJ e BH sem culpa e emagreci 12 kg. Estava no café e um diretor
5 chegou e falou, "Nossa! Você emagreceu! Ta com AIDS?" Foram segundos
6 que duraram uma eternidade, eu não sabia o que dizer, o que fazer.
7 Eu só queria chorar. Mas quando eu achei que não podia piorar, ele
8 endossou com: "É só dar a bundinha com camisinha" e saiu… Eu me
9 tranquei no banheiro e chorei, eu queria sumir dali, nunca mais
10 aparecer na frente dele. Me veio na cabeça a dor que pessoas
11 portadoras passam pelo preconceito da doença, e quando são gays, o
12 duplo preconceito que carregam. Lembro que fiquei "away" durante uns
13 dias, não rendia no trabalho. Ate o dia que minha chefe me chamou, e
14 questionou o que estava acontecendo, e eu expus tudo

Ao dar início ao seu relato sobre situações de violência sofridas, Fabricio faz o seguinte comentário: "Já fui xingado nas ruas, metrô e etc… Mas *a mais foda* foi em um emprego que tive. A sensação de impotência foi *horrível*!" (FABRICIO, 2016, recurso *online*, grifo nosso). Nesse contexto, os termos "mais foda" (linha 1) e "horrível" (linha 2), de acordo com Wortham (2001), são considerados como pistas indexicais de predicação. Através das características atribuídas, o "Chico", antes mesmo de descrever a situação em si, já constrói por meio desses vocábulos um contexto extremamente negativo com relação à situação a ser narrada. Tais termos, então, possibilitam criar entendimentos sobre o impacto que tal acontecimento teve em sua vida. A classificação do que vai ser descrito como a situação "mais foda" (linha 1) me faz pensar que o "Chico" em questão silencia outros momentos em que tenha sido vítima de homofobia, principalmente porque ele menciona já ter sido insultado em vias e transportes públicos. Nessa continuidade, inclusive o uso de "etc" (linha 1) aponta para o fato de que outras ocasiões semelhantes a essas já tenham acontecido. Assim sendo, episódios que envolvam situações de violência física, verbal ou simbólica parecem fazer parte não só do cotidiano de Fabricio, mas também de muitos outros sujeitos pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

A repetitividade da ideia de que aquele tenha sido um dos piores momentos experienciados por ele pode ser compreendida como constituinte de uma série de estratégias discursivas, que ajudam a imprimir um tom negativo àquela experiência que pode ser verificado pelas frases: "Mas quando eu achei que não podia piorar" (linha 7) e "eu queria sumir dali, nunca mais aparecer na frente dele" (linhas 9-10). Esse posicionamento é intensificado quando ele comenta: "Lembro que fiquei 'away' durante uns dias, não rendia no trabalho" (linhas 12-13) - Fabricio faz referência,

então, ao modo como esse fato em específico influenciou negativamente seu rendimento no trabalho, o que ocasionou uma abordagem da sua chefe.

Ao se engajar na descrição de sua narrativa, Fabricio faz uso das pistas indexicais de citação nas seguintes sentenças: "um diretor chegou e falou, '*Nossa! Você emagreceu! Tá com AIDS?*'" (linhas 4-5) e "ele endossou: '*É só dar a bundinha com camisinha*'" (linha 8). A utilização, então, de duas citações diretas corresponde ao esforço do "Chico" em questão de tentar recriar o que foi dito, de fato, pelo seu chefe, atribuindo-lhe agência frente ao ocorrido. Nesse sentido, trazer o que lhe foi falado e se engajar em revisitar esse evento em específico, confere ao "Chico" a possibilidade de poder ressignificar o que aconteceu, pois ao narrar esse acontecimento de sua vida, ele não só é capaz de elaborar novos entendimentos, como também de criar novas inteligibilidades a respeito de fenômenos e acontecimentos que perpassam cotidianamente a sua vida.

Desse modo, esse novo processo de construção de sentido pode se dar não só a partir de um posicionamento mais assertivo frente ao que aconteceu de modo geral, mas também como uma forma de responder especificamente ao diretor. Ao relatar tal episódio em que ouviu "Nossa! Você emagreceu! Tá com AIDS?" (linhas 4-5) e "É só dar a bundinha com camisinha" (linha 8), Fabricio tem a possibilidade de tensionar essa ideia distorcida que muitos/muitas ainda podem ter ao relacionar o vírus do HIV/AIDS com a homossexualidade masculina, e de se mostrar também mais empático frente àqueles que, de fato, convivem com a doença, sejam eles homens gays ou não, uma vez que ele faz uso dos seguintes termos: "Me veio na cabeça a dor que pessoas portadoras passam pelo preconceito da doença, e quando são gays, o duplo preconceito que carregam" (linhas 10-11).

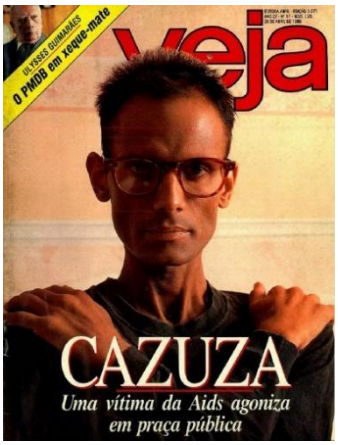
No que diz respeito ao diretor, ele, por sua vez, ao proferir "Nossa! Você emagreceu! Tá com AIDS?", indexicaliza em sua fala um Discurso que associa o vírus da AIDS com a homossexualidade masculina, instituindo aquele como sendo quase que parte integrante da sexualidade. O que ele faz, então, nesse contexto, é reiterar uma ideia equivocada que nos remete à segunda metade da década de 80, em que o vírus do HIV/AIDS ficou reconhecido mundialmente como "GRID – Gay Related Disease", ou como "doença gay". No contexto brasileiro, por exemplo, conforme apontam Caetano, Nascimento e Rodrigues (2018), a doença ficou conhecida como "peste gay" ou "câncer gay". Nessa época, tanto no contexto norte-americano quanto no brasileiro, a epidemia de AIDS ocasionou um dos maiores "pânicos sexuais de todos os tempos" (MISKOLCI, 2012, p. 22). Naquele contexto, houve uma grande influência tanto do discurso médico quanto da grande imprensa na relação entre diagnósticos relativos ao HIV/AIDS e a prática sexual entre homens. É nesse sentido que o referido sociólogo aponta que

> a epidemia é tanto um fato biológico como uma construção social. A aids foi construída culturalmente e houve uma decisão em delimitá-la como DST. Uma epidemia que surge como a hepatite B, ou seja, uma doença viral, acabou sendo compreendida como uma doença sexualmente transmissível, quase como um castigo para aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional (MISKOLCI, 2012, p. 23).

Ao associar o emagrecimento de Fabricio ao vírus da AIDS, o diretor em questão entextualiza a imagem que a grande mídia daquela época fez questão de retratar em suas manchetes e estampar em seus noticiários e revistas: pessoas muito magras, extremamente debilitadas, sofrendo dos mais dolorosos acometimentos por parte da doença para que, naquele tempo, não havia os tratamentos disponíveis hoje. Esse cenário escandaloso por parte da mídia foi capaz de criar uma versão a respeito da doença que ainda permanece viva e circula através dos tempos. Por esse ângulo, conforme Caetano, Nascimento e Rodrigues apontam, "a agregação da doença a discursos religiosos aprofundava a ideia de que o amor homossexual era pecado e, que, portanto, a AIDS seria o castigo de Deus" (2018, p. 285). Essa leitura, então, em torno da doença era capaz de reforçar ainda mais os investimentos e ensinamentos extremamente discriminatórios no que tange à homossexualidade.

De tal modo que, no contexto brasileiro, por exemplo, muitas pessoas associam ainda a doença à figura do cantor Cazuza, cuja principal imagem doente, muito explorada por uma imprensa sensacionalista que soube manipular o fato de ele ter sido a primeira personalidade brasileira que lutou contra o vírus publicamente, diz respeito ao seu emagrecimento. Nesse sentido, a revista Veja de 26 de abril de 1989, que traz o próprio cantor na capa, nos possibilita reiterar tais ideias, principalmente se considerarmos o título da publicação, que antecipava de maneira extremamente moralizadora e degradante o fim da vida do cantor. Através da articulação entre imagem e linguagem escrita, podemos reconhecer o poder que determinados Discursos operam nas vidas de muitos e muitas ao não só reforçarem estereótipos, mas também intensificarem preconceitos.

Figura 5 - Capa da Revista Veja do dia 26 de 1989



Fonte: Blog Observatório de Mídia[34] (2017).

No que diz respeito à passagem "*É só dar a bundinha com camisinha"*, o diretor indexicaliza o Discurso moral religioso que relaciona a homossexualidade com permissividade ao sugerir que as relações homossexuais são promíscuas e sem precaução, pressupondo uma ideia animalesca de relação sexual. Ademais, esse sujeito se mostra falsamente pedagógico ao apontar também para um Discurso médico quando sugere o uso da camisinha como uma maneira de cuidado e/ou prevenção. Isso se percebe, sobretudo, ao se levar em conta a situação de poder em que ele se encontra, ou seja, é como se ele, enquanto chefe, estivesse ensinando um subordinado sobre o uso do preservativo, pressupondo, em determinada medida, que o "Chico" desconhecesse tal método, estando esse desconhecimento intimamente relacionado ao modo de vida dos homossexuais.

Através da predicação "dar a bundinha" (linha 8), o diretor não só expõe o que ele compreende como sexo homossexual, como também o deslegitima e o diminui ao usar o indexical "*bundinha*" (linha 8), no diminutivo. Com essa expressão, o superior de Fabricio engendra o Discurso por trás de uma crença de que a AIDS é contraída mais facilmente pelo sexo anal receptivo do que pelo vaginal. Isso justifica, de determinada maneira, o seu uso de "dar a bundinha" (linha 8), ao invés de simplesmente se referir a "transar com camisinha".

O papel assumido pelo chefe de Fabricio ocupa uma posição de bastante destaque nessa narrativa, porque através dele são representados os ideais e as crenças forjadas pela modernidade a partir de uma herança Ocidental, Colonizadora e Predadora da Diversidade, conforme bem aponta

[34] Disponível em: https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a. Acesso em: 02 ago. 2020.

Fabrício (2017). Ele age como um sujeito que julga as performances, restringe tudo o que considera como excesso, incita, controla, orienta, informa o que pode ser visto e também valida determinadas experiências. Através de sua posição de superioridade, ele é capaz de propor hierarquias e valorações, assegura o que é aceitável ou não, permitido e proibido

Em contrapartida, ao narrativizar esse episódio, Fabricio tem a oportunidade de incentivar positivamente muitos outros homens gays a não se calarem e a relatarem abusos sofridos assim como ele fez. Olhar novamente para o que aconteceu, principalmente através de um projeto que é destinado a tantos outros caras suscetíveis a passar por momentos tão semelhantes como o relatado, também proporciona a Fabricio a alternativa de problematizar a forma como esse Discurso social mais amplo, produzido em um contexto sócio-histórico cultural específico, envolvendo gênero e sexualidade com o vírus HIV/AIDS, não só reforça estereótipos, age preconceituosamente, segrega sujeitos, mas também pode marcar negativamente a vida de muitos, assim como a dele. Ao resistir, questionar e proporcionar entendimentos outros sobre formas alternativas de se viver as sexualidades, as pequenas histórias trazidas nessa seção borram a visão rígida e incontestável conferida às sexualidades através da visão cis-heteronormativa.

5.2 ARIEL

A pequena história à qual se destina a observação nesta seção faz parte do depoimento concedido por Ariel postado no *site* do projeto na data de 20 de setembro de 2016. Assim como fizeram na postagem de Fabricio, analisada na seção anterior, os idealizadores do projeto contextualizaram a forma pela qual conheceram Ariel. Foi através de uma mensagem pela rede social *Facebook* que o primeiro contato foi estabelecido. Na ocasião, o “Chico” em questão se ofereceu para participar do projeto.

Os autores afirmam que na ocasião em que finalmente se conheceram, Ariel se mostrou totalmente à vontade retirando as vestes na sala do apartamento alugado por eles onde também aconteceria o ensaio. Naquele espaço, o “Chico” dissertou sobre assuntos relacionados à sua identidade de gênero e sexualidade, sobre o processo de transição de gênero no qual se encontra, uma vez que é homem trans, sobre aspectos políticos relacionados à sua condição e sobre momentos pelos quais passou por violências verbais na rua ao ser chamado de viado, bicha e, a partir desses episódios, como ressignificou o significado que essa palavra hoje tem para ele.

Figura 6 - Ariel. Chicos (2016), retirada da página do projeto

Fonte: Projeto Chicos[35] (2016).

Em um ambiente totalmente limpo de móveis e decoração, o ensaio fotográfico de Ariel dá um relevo e importância bastante significativos ao seu corpo e às suas performances. Das 13 fotografias postadas no site, em somente uma delas não é dado foco a determinadas características anatômicas femininas como, por exemplo, os seios e a vagina, que o classificariam, então, como uma mulher. Por isso essas fotos são muito caras a este trabalho porque reforçam a ideia defendida aqui de que as identidades de gênero devem ser entendidas através de qualidades socioculturais, principalmente porque uma visão binária, justificada em atributos anatômicos, fisiológicos, expressos através dos atributos corpóreos e essencialista a respeito dos gêneros não consegue caracterizar determinados significados que, por sua vez, dizem respeito a contextos muito específicos. Em seu ensaio também pode-se perceber que o "Chico" em questão investe em trabalhos semióticos (poses, corte de cabelo, pelos nas axilas) que o aproximam de uma aparência mais próxima da que é legitimada pela cis-heteronormatividade.

[35] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/ariel/#. Acesso em: jan. 2021.

Em seu ensaio, Ariel parece se sentir bem à vontade com a relação estabelecida pelo seu corpo, identidade de gênero e sexualidade. Através de suas feições, ele demonstra se sentir feliz consigo mesmo, uma vez que na maioria de suas fotos aparece sorrindo. Ademais, em grande parte das fotos, ele olha diretamente para a câmera, e esse encarar de frente o fotógrafo dialoga intensamente com as situações descritas pelo "Chico". Esse olhar de frente nos serve como uma alegoria de que ele se posiciona fisicamente encarando seu interlocutor.

Figura 7 - Ariel. Chicos (2016), retirada da página do projeto

Fonte: Projeto Chicos[36] (2016).

Um elemento que também salta aos olhos nas fotografias é a existência de uma tatuagem no braço com a palavra "transviado", uma das formas com que ele se predica, nomeação a partir da qual faço apontamentos sobre os (in)sucessos dos atos performativos de gênero. Entretanto, não há nenhuma pista discursiva ao longo da entrevista de que se trata de uma tatuagem definitiva ou que tenha sido escrita especificamente para o ensaio. No que diz respeito aos conceitos de Wortham e Reyes (2015) de evento narrativo e evento narrado, o primeiro termo está relacionado à conversa/entrevista entre Ariel e Fábio, um dos donos do projeto; e o segundo conceito abarca assuntos relacionados ao processo de transição e de identificação de gênero, reflexão sobre

[36] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/ariel/#. Acesso em: jan. 2021.

determinadas performances de masculinidade e a ressignificação que ele faz de determinadas palavras comumente caracterizadas como insultos a homens gays.

5.2.1 "[...] dizer que sou viado, nesse caso, foi uma forma de expressar que não compactuo com uma masculinidade idiota, normativa e opressora"

Ao dar início a sua performance narrativa, Ariel começa dissertando sobre como se identifica, tanto no que diz respeito à sua identidade de gênero quanto à sexual. De acordo com a contextualização trazida a fim de introduzir o "Chico" em questão, os autores afirmam que partiu de Ariel o interesse de participar do projeto. Ele, então, enviou uma mensagem na rede social *Facebook* se auto-identificando: "sou homem trans, transviado, escrevo porque tenho interesse de participar desse lindo projeto" (ARIEL, 2016, p. 51). A partir do excerto escolhido, Ariel disserta não só sobre como se entende enquanto homem trans, mas também se posiciona frente a uma forma de performar as masculinidades com que ele, por sinal, diz não compactuar, como podemos ver abaixo:

Excerto 3 - Como Ariel ressignificou o termo viado

```
1   Estou em transição do gênero feminino para o masculino. Hoje, sou
2   homem trans. Lembro como se fosse ontem da primeira vez que me
3   chamaram de viado na rua. Foi uma surpresa. Os homens têm uma mania
4   infantil de cobrar masculinidade uns dos outros em espaços públicos.
5   Dizer que sou viado, nesse caso, foi uma forma de expressar que não
6   compactuo com uma masculinidade idiota, normativa e opressora. Na
7   rua sou visto como uma bichinha e por isso sou inusitado. Uma gay
8   afeminada empoderada incomoda muita gente. Dizer que sou bicha é uma
9   questão política, já que preciso me defender de ataques violentos na
10  rua de forma cotidiana. Mesmo sendo bissexual e tendo uma relação
11  com uma mulher, tive que lidar com esses insultos. Tomei o termo
12  bicha pra mim. Baitola, viado, frutinha... podem gritar, para mim
13  isso é elogio.
```

Primeiramente, o fato de Ariel ter pedido para participar do Projeto Chicos diz não somente do fato de ele se sentir bem com relação às suas identidades de gênero e sexualidade, mas, sobretudo, de uma consciência política que ele demonstra ter sobre o que a sua experiência de vida compreende. A presença do "Chico" em questão é de suma importância na constituição desse relicário de narrativas homoafetivas, pois confere legitimidade e proporciona a criação de

entendimentos a respeito de vidas que, muitas vezes, borram e fogem às normas que conhecemos. A produção de conhecimento advinda através da performance narrativa de Ariel corrobora as ideias trazidas ao longo deste trabalho de que a categoria gênero deve ser entendida através do seu caráter social, uma vez que os gêneros são produzidos nas esferas das relações sociais e não através de características anatômicas.

Assim, a narrativa em que Ariel se engaja em conjunto com o seu ensaio fotográfico nos permite refletir sobre uma importante relação, a saber, a estabelecida entre o gênero e o corpo. Reconheço que problematizar questões relativas aos gêneros parece-me, sobretudo, uma maneira de explorar uma performance fundamentalmente humana. Enquanto compreendidos como manifestações do ser, os gêneros servem como uma categoria para que se possa pensar sobre o ser humano. Dessa maneira, a primeira relação de inteligibilidade criada se pautou através de associação intrínseca entre gênero e sexo anatômico. A partir daí, foram criadas linguagens e sentidos sobre universos de maneira estritamente dicotômica: o masculino e o feminino.

Entretanto, rompendo com essa visão essencialista e rígida, a perspectiva pós-estruturalista sobre os gêneros reconheceu o fato de que esses podem ser pensados para além de atributos fisiológicos ou anatômicos, associando-os, então, a comportamentos e estilos. Começou-se a pensá-los como a forma pela qual cada um vive a vida social, principalmente através da relação estabelecida com o outro. Gênero, então, passa a ser entendido como um ato de linguagem interacional que se dá através dos significados trazidos nas interações com os outros. Como tal, articulado ao exercício que cada um faz com a linguagem através do corpo, de forma regulada e repetida, deve ser compreendido como um processo que não possui início nem fim, é algo performado, não algo que se é (JESUS, 2017).

Nessa continuidade, a partir da sentença “Estou em transição do gênero feminino para o masculino” (linha 1), Ariel não somente abre espaço para contestar o caráter estável e natural concedido aos gêneros, como também indica que tal processo ainda não se encontra finalizado. Para que esse momento de transição, de fato, chegasse, ele afirma, em outro momento em seu depoimento, que “Tem todo um caminho que você precisa se fortalecer, até você se autorizar a questionar o seu gênero” (ARIEL, 2016, p. 51). Esse caminho ao qual ele se refere diz de um processo no qual se estabelece uma desconfiança das regras, normas e restrições que, a princípio, nos parecem normais de tanto que são (re)forçadas e repetidas, mas que sabemos serem produto de processos culturais, médicos, de direito, políticos e, sobretudo, de produção de conhecimento a serviço do pensamento colonial moderno.

Questionar as verdades a que até então estava submetido e se reconhecer enquanto homem trans é ainda um fortalecimento político. Através da predicação "*sou um homem trans*", interpretada como pista indexical de predicação, nos termos de Wortham (2001), um posicionamento político pode ser atribuído a Ariel. Ele age politicamente ao delimitar, demarcar, sobretudo, de forma discursiva, a maneira pela qual se vê, encara sua subjetividade e experiências. Ao se caracterizar como homem trans, o "Chico" faz uso do termo usado como referência pelo IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades). Autoidentificar-se como tal reflete uma postura política porque, conforme aponta Nery (2018), os transmasculinos podem ser denominados conforme seu desejo e de acordo com o que se identificam, em quatro grandes grupos: homem trans, trans homem, FTM (sigla para Female to Male) [37] e Não-binários (n-b). Assim, a autodenominação em consonância com a nomenclatura mais prototípica diz de um fortalecimento no movimento que implica não somente legitimação, mas também reconhecimento e permanência na luta por direitos.

Essa diferenciação concedida aos termos pode ser vista através de um caráter que é tão político quanto discursivo. Ainda de acordo com Nery (2018), a posição do termo homem à frente do adjetivo "trans" confere maior importância ao gênero masculino em detrimento do termo transexual. Em contrapartida, o processo inverso é observado na nomenclatura "trans homem", pois ao anteceder o sujeito, o termo "trans" confere maior ênfase à identidade de gênero, que se sobrepõe ao gênero masculino. Autoidentificar-se como homem trans tem a ver, primordialmente, com questões relativas à aceitação. Passa a ser, acima de tudo, uma forma potente de se preocupar e refletir sobre os Discursos em volta, de se reconhecer, de romper com qualquer tipo de expectativa gerada, bem como resistir e lutar contra as forças impostas pela cis-heteronormatividade.

Ainda no que diz respeito à forma como se autoidentifica, o uso do termo "*hoje*" está relacionado ao caráter provisório e múltiplo concedido às identidades de gênero e sexualidade. A palavra aqui trazida faz alusão à temporalidade da narrativa, uma vez que ele diz ter vivido a maior parte de sua vida sendo lésbica. Autoidentificar-se como *lésbica*, *homem trans*, *homem gay* (pistas indexicais de referenciação) faz parte de um processo de construção de quem Ariel é ao longo da sua performance narrativa. Nesse sentido, tais nomeações, através dos Discursos que engendram, são capazes não só de criar os objetos ao seu redor, mas também produzem e acentuam diferenças,

[37] De acordo com Nery (2018) no texto "Transmasculinos: invisibilidade e luta", a nomenclatura do terceiro grupo "Female to Male", em tradução livre, do feminino ao masculino, fornece uma visão binarista e medicalizante do indivíduo. No que diz respeito ao quarto grupo, o termo não-binários abarca uma extensa variedade de identidades e expressões de gênero.

reforçam identidades e alianças coletivas, resistem e lutam para não serem abafadas e, em seu extremo, silenciadas.

Dando seguimento ao seu relato, Ariel nos conta que se lembra da primeira vez em que foi chamado de "*viado*" (linha 3) que, nesse trecho, se configura como uma pista de referência e predicação. O fato de ele ter sido insultado discursivamente através desse termo reforça o caráter delimitador da norma. Essa, por sua vez, através de sua forma incessante de atribuir rótulos aos sujeitos, corrobora o fato de que o "Chico" em questão não tenha sido reconhecido como homem trans.

Esse episódio em particular, em diálogo com o pensamento de Jesus (2017), lança luz ao fato de que os discursos cis-heteronormativos procuram argumentos e justificativas prontas sobre as fronteiras entre a masculinidade e a feminilidade. Conforme o mesmo autor aponta, a legitimação heterossexual, principalmente quando observada por um viés discursivo, não ocorre de modo randômico, pelo contrário: é resultado de uma poderosa articulação hegemônica e ideologicamente construída que prescreve e restringe as regras de como cada indivíduo deve se comportar no mundo social. Esse episódio em especial reforça a tese aqui defendida de que encarar as questões de gênero e sexualidade a partir de pontos de vistas binários não só produzem ocasiões de sofrimento, como também de constrangimentos intensos.

Ter sido chamado de "*viado*" (linha 3) proporciona também a oportunidade de tecer comentários a respeito da existência de um caráter ambíguo no que tange às performances de gênero. No caso de Ariel, por exemplo, observa-se a existência de um corpo que inicialmente se confessava como lésbico que inicia um processo de transição de gênero. Esse mesmo corpo, que transgride as normas de masculinidade, realiza um trabalho semiótico na produção das suas performances de masculinidades ou, mais precisamente, de transmasculinidade. Através de seu ensaio fotográfico, percebo que ele se dedica a semioses através das suas poses, corte de cabelo, pelos na axila, bem como da maneira como se senta e imprime sua voz na entrevista gravada em vídeo para o projeto. Esse trabalho semiótico também pode se dar através de cirurgias e outros processos como vestuais - a que não se tem acesso pela sua narrativa no projeto.

Entretanto, por mais que o "Chico" em questão se dedique a apresentar uma aparência masculina mais próxima da cisgeneridade, suas performances parecem falhar socialmente. No caso dele, essa falha na performance de masculinidade está vinculada ao fato de esse homem trans ter

sido compreendido como um “viado”[38]. É um corpo trans que parece não ser reconhecido como tal, uma vez que só é percebida a ambiguidade entre o masculino e o feminino ou a sobreposição desses: um homem afeminado - e, provinda dessa intersecção, a existência dos insultos homofóbicos.

Esse episódio permite ilustrar os conceitos de atos performativos e performatividade apresentados nos capítulos teóricos desta dissertação. A falha atribuída às performances de gênero de Ariel remete a pensar nas condições de felicidade, fracasso e eficácia dos atos performativos de gênero, uma vez que esses são caracterizados por produzir aquilo que nomeiam, tornando-se responsáveis por repetirem e reiterarem as normas de gênero. No caso do referido “Chico”, pode-se reconhecer que um performativo de gênero pode apresentar falhas, uma vez que a performance de gênero pode não ser validada pelo outro, e é justamente isso que acontece com Ariel, pois ele performa uma masculinidade que, a partir da avaliação dos outros, não é reconhecida. Em outros termos, a falha, que na minha leitura atribuo aos performativos de gênero, se dá na medida em que Ariel não consegue sustentar a aparência de uma substância. Como aparência, refiro-me à existência de uma essência de masculinidade: como ele apresenta essa característica de modo supostamente incompleto, ele passa a ser visto como um viado. Assim, a partir do ponto de vista da inteligibilidade social, Ariel parece performar um ideal de masculinidade de maneira insuficiente, pois fracassa no objetivo de produzir esse efeito de naturalidade, de essência, de estabilidade. Ser reconhecido como um homem gay afeminado demonstra como as performances de masculinidade encontram na alteridade, no olhar do outro, uma forma de dependência. Nesse sentido, conforme Butler (2010) aponta, o processo de reconhecimento se dá a partir do momento em que um indivíduo reconhece o outro, recorrendo a campos existentes de inteligibilidade que dizem de uma tentativa de enquadrar, encaixar determinados corpos em categorias e esquemas de sentido.

Desse modo, as performances de gênero, para que sejam reconhecidas, precisam ser constantemente sustentadas. Os sujeitos, então, precisam estar o tempo todo atentos e engajados em realizar atos capazes de reiterar sempre o gênero que performam. Se de acordo com Cameron e Kulick (2003) e Butler (1990) a performatividade é o mecanismo pelo qual o sujeito se expressa, ela deve ser encarada como uma performance situada. Como tal, esse processo abre, então, caminhos para possibilidades de rupturas que, em meio à repetição, atestam a possibilidade de transformação,

[38] Nesta seção, assim como apresentado na anterior, o termo “viado”, no caso de Ariel, deve ser entendido através do que se cunhou sobre bicha, homem gay afeminado.

pois podem propiciar o questionamento de sentidos que, por serem naturalizados através de processos sócio-históricos, acabam sendo entendidos como incontestes.

As performances de Ariel, então, desestabilizam, borram questões estritamente limitantes às categorias de o que é ser homem e ser mulher. Sua existência abarca potencialidades identitárias que, muitas vezes, os sentidos atribuídos a essas categorias binárias não são capazes de abarcar. A partir disso, sua existência pode reforçar o fato de que os significados relativos aos gêneros e às sexualidades devem ser vistos a partir de um prisma libertador, capaz de atestar os aspectos diversos, mutáveis, transitórios e contingentes que carregam.

Assim, seguindo essa linha de pensamento, a narrativa de Ariel corrobora a ideia de que não somos sujeitos prontos. O caminho de construção das nossas subjetividades é constante, somos sempre impactados e passíveis de nos transformarmos. É exatamente isso que pode ser verificado na experiência desse "Chico", pois ele escolhe o caminho da mudança, da transformação. Essa mudança se dá, acima de tudo, na medida em que ele decide contestar as normas, sejam elas discursivas ou não, que fazem parte do mundo em que ele chegou e que queria atribuir-lhe uma identidade/essência com a qual ele não se identifica. Ele, então, busca para si a possibilidade de encontrar o seu próprio caminho, sua subjetividade, embora essas questões sejam afetadas por muitos outros discursos; entretanto, é no caminho da busca e da reflexão que ele parece se encontrar, uma vez que em sua narrativa tece comentários sobre uma masculinidade tóxica tipicamente heterossexual.

Nas linhas 3 e 4, Ariel diz que "os homens têm uma mania infantil de cobrar masculinidade uns dos outros em espaços públicos". O termo "infantil" pode ser compreendido como uma pista indexical de predicação, pois traduz um julgamento de valor sobre a forma pela qual Ariel entende que as masculinidades tóxicas marcam a vida de muitos outros homens. Uma leitura possível para essa predicação está articulada ao fato de que há um senso comum em nossa sociedade de que os homens, em geral, passam por um processo de amadurecimento tardio em comparação às mulheres. Quando ele faz menção ao fato de que há uma cobrança com relação à masculinidade, ele faz referência, acima de tudo, à cobrança já mencionada de se fazer necessário reiterar as performances de masculinidade o tempo todo, uma vez que o gênero necessita ser sustentado e/ou reiterado ininterruptamente (BUTLER, 1990).

Essa questão de considerar que os homens estão sempre exigindo determinadas atitudes uns dos outros diz de um exercício do Poder (FOUCAULT, 1999). O exercício desse poder microfísico se caracteriza por compreender ações de uns sobre os outros. Ele também é disciplinar, porque

exige que estejamos o tempo todo ocupando esse lugar pelos outros, seja nas relações que construímos, nas brincadeiras, nas piadas, e assim por diante. Conforme Scott (1995) aponta, a ideia da masculinidade se encontra na repressão extremamente necessária de características femininas. Os meninos e os homens disciplinam seus corpos e os dos demais para rejeitarem qualquer traço feminino nos seus modos de sentir e agir. Ao impor essa norma, que Ariel, por sua vez, através das pistas de predicação, caracteriza como "idiota, normativa e opressora" (linha 6), meninos e homens são expostos aos mais diferentes atos de violência.

Ao emitir sua opinião de que "Dizer que sou viado, nesse caso, foi uma forma de expressar que não compactuo com uma masculinidade idiota, normativa e opressora" (linhas 5-6), seu posicionamento é capaz de proporcionar que ele reveja o que aconteceu, a situação de injúria sofrida, sendo capaz de, ao se engajar em uma performance narrativa, conseguir também se manifestar frente ao ocorrido. Isso se dá por meio do processo de reflexividade em que ele cria entendimentos sobre as próprias práticas. Em outros termos, Ariel produz sentido ao mesmo tempo em que reflete sobre essa produção de sentido. A partir desse excerto, ele, ao predicar negativamente uma das formas de expressão das masculinidades, não só as problematiza, como também toca em Discursos engendrados sócio-historicamente que dizem de determinados espaços, tempos e origens no processo de construção das subjetividades masculinas afetando, de certa maneira, como o processo alteritário se manifesta.

O poder desses Discursos confere a alguns homens homossexuais a alcunha de "*bichinha*". Esse termo, presente na linha 7, é lido como uma pista indexical de predicação Como tal, ela constrói discursivamente Ariel e esse passa a assumir as características do termo, sendo visto como um gay afeminado. Essa visão se articula, sobretudo, com o caráter relacional que as masculinidades se dão em comparação com as feminilidades, e ser uma bichinha tem a ver com possuir características femininas, logo, negativas. O uso do diminutivo não está somente relacionado à conotação pejorativa intrínseca ao processo de injúria sofrido, como também pode estar associado à questão da ausência de força física, de fragilidade atribuídas ao sexo feminino. Ser caracterizada como uma bichinha franzina, fraca fisicamente, pode contribuir para que se pense que a falta dessa força verificada através de atributos da aparência seja capaz de justificar atos de violência como efeminofobia.

À medida que dá prosseguimento à sua narrativa, Ariel se posiciona e reflete sobre o processo pelo qual vem ressignificando termos que até então poderia assumir como negativos, como "bicha [...] Baitola, viado, frutinha" (linha 12). Entendidos como pistas de predicação esses termos

funcionam como categorias identitárias que são comumente associadas à abjeção. Esses termos, ao serem enunciados da forma como comumente são, de maneira pejorativa, informam a Ariel que ele está em desacordo com as normas e propenso a sofrer ações coercitivas por meio dos discursos religiosos, médicos e de direito. Entretanto, ao dizer "podem gritar, para mim isso é *elogio*" (linhas 12-13, grifo nosso), ele se posiciona politicamente através do processo conhecido como inversão performativa da injúria. Como uma maneira de afirmar que não compactua com o sistema, tais termos passam a ser entendidos pelo "Chico" através de uma torção semântico-pragmática e o sentido que era tido como violento e pejorativo a partir do discurso do outro, passa, então, a ser um termo do qual não só o referido "Chico", mas muitos outros homens gays podem fazer uso para agirem politicamente, lutando, resistindo e existindo em uma sociedade que se mostra cada vez mais aniquiladora das diversidades.

A narrativa de um "Chico" que teve seu gênero atribuído como feminino ao nascer, mas que na data da entrevista se identifica com o masculino, desmistifica e tensiona o viés biológico e determinista conferido aos gêneros. Ariel, ao ser fotografado nu, legitimando a existência de homens com vaginas, é capaz de não só pôr em xeque, mas também problematizar os binarismos que constituem a vida em sociedade. A postagem de sua entrevista e ensaio fotográfico abre espaço para entendimentos outros, propiciando que aqueles que estejam em contato com sua narrativa sejam capazes de refletir sobre formas alternativas de sociabilidades, encaradas para além de identidades fixas e estanques, situadas muitas vezes à margem.

5.3 LEANDRO

A pequena história trazida para análise nesta seção faz parte da entrevista concedida por Leandro publicada no Projeto Chicos em 30 de novembro de 2015. Conforme fizeram nas postagens de Fabricio (ver seção 5.1) e Ariel (ver seção 5.2), os autores do projeto se dedicaram a fazer uma contextualização já no primeiro parágrafo da postagem. No entanto, diferentemente do que aconteceu com os outros dois "Chicos", os idealizadores não informam como chegaram até Leandro. É interessante ler o fato de que o "Chico" em questão levou consigo uma garrafa de vinho para a realização do ensaio. Além de essa atitude poder ser considerada como sendo extremamente bem-educada, a bebida alcoólica pode ter servido como um estimulante para que ele se sentisse mais à vontade, uma vez que ele mesmo declara que até aquele momento não tenha tirado sua roupa para desconhecidos sem que tenha havido alguma conotação sexual.

Figura 8 - Leandro. Chicos (2015), retirada da página do projeto

Fonte: Projeto Chicos[39] (2015).

O “Chico” disserta sobre assuntos diversos. Ele começa discorrendo sobre os motivos os quais o levaram a fazer parte do projeto e um deles diz de uma consciência política, de agregar mais corpos negros ao projeto. Em seguida, ele também opina a respeito de ser gay e negro na sociedade brasileira, problematizando não só questões racistas e homofóbicas, como também de objetificação do corpo negro. A seguir, ele conta como se entendeu como gay e relembra momentos de sua infância em que lhes foram exigidas performances mais estereotipadas como masculinas. Por fim, ele discorre sobre suas primeiras experiências, a aceitação por parte da família e a dinâmica estabelecida em suas relações afetivas.

No que diz respeito ao ensaio fotográfico, Leandro parece totalmente à vontade. Em suas fotos, ele explora bastante a sua corporalidade. Há muitas fotos em que ele está tocando e sentindo seu próprio corpo. Em minha leitura, tais performances são bastante importantes porque dialogam com o pensamento aqui trazido: a existência de um homem gay que sabe e conhece os limites do

[39] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/leandro/. Acesso em: jan. 2021.

seu corpo na medida em que também sabe das implicações políticas que esse exerce em nossa sociedade.

Figura 9 - Leandro. Chicos (2015), retirada da página do projeto

Fonte: Projeto Chicos[40] (2015).

Em seu ensaio fotográfico, não há um grande número de fotografias em que é dado foco ao seu pênis. Essa observação encontra no excerto aqui trazido para análise um potente diálogo uma vez que ele está em sua performance narrativa contestando o fato de que muitos homens gays são reduzidos aos seus sexos no que diz respeito aos relacionamentos afetivo-sexuais. Outro importante detalhe que pode ser observado no ensaio em questão é o fato de as fotos estarem em preto e branco: o contraste desse efeito com as paredes brancas dão relevo e realçam a corporalidade negra de Leandro, fato esse que se mostra presente e determinador nas situações que descreve.

No que tange aos conceitos de Wortham e Reyes (2015) do evento narrativo e evento narrado, o primeiro termo está relacionado à conversa/entrevista entre Leandro e Fábio, um dos donos do projeto. Já o segundo conceito abarca assuntos relacionados a ser gay e negro em um país

[40] Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/leandro/. Acesso em: jan. 2021.

como o Brasil, estereótipos com que convive por ser um homem negro e que acabam cerceando suas possibilidades de relacionamentos afetivo e pessoal.

5.3.1 "Se ser gay no Brasil ainda não é fácil, ser negro e gay (ou gay e negro) é duplamente complexo"

A performance narrativa de Leandro se inicia a partir de reflexões que ele faz sobre os dois motivos que o levaram a integrar o projeto. O primeiro deles diz de seu desejo de entender a relação estabelecida com seu próprio corpo e, a partir dessa questão, ele também disserta sobre o caráter inusitado que o projeto agrega à sua vida ao passo que, até aquele dado momento, ele não tinha ainda estado nu com pessoas desconhecidas sem estabelecer nenhum interesse sexual. O segundo e último motivo está relacionado a uma consciência e posicionamento político assumido, pois em suas palavras ele afirma que decidiu participar "para que o projeto tivesse mais uma presença gay negra, para 'enegrecer' o projeto" (LEANDRO, 2015, recurso *online*).

Excerto 4 - Como Leandro entende as implicações de ser gay e negro no Brasil

```
1   Se ser gay no Brasil ainda não é fácil, ser negro e gay (ou gay e
2   negro) é duplamente complexo. Sobreviver a uma sociedade que ainda é
3   homofóbica e racista é um desafio diário e mesmo entre os pares gays
4   o racismo impõe limites à livre expressão da sexualidade negra. Nós,
5   gays negros, somos comumente preteridos para relacionamentos
6   afetivos e sofremos com uma objetificação sexual que nos classifica
7   como ideais para uma boa foda, mas inadequados para relacionamentos
8   afetivos. É o velho fetiche do negro do pauzão, incansável no sexo,
9   que dá uma, duas, três. Talvez não por coincidência tenha me
10  relacionado sexualmente com muitos homens, mas meus dois
11  relacionamentos estáveis tenham sido com homens negros. Porque com
12  eles uma série de tensões oriundas de racismo não se fizeram (nem se
13  fazem) presentes e, obviamente, porque eles se predispuseram a um
14  relacionamento com outro negro.
```

Assim, na linha 1, através da pista indexical de predicação "ainda não é fácil", Leandro classifica a experiência de ser homem gay na sociedade brasileira. De acordo com Chauí (apud PRADO; MACHADO, 2012), a partir de lógicas relacionadas a questões de superiorização e inferiorização, os espaços públicos brasileiros podem ser caracterizados como hierarquizados e autoritários. Essa hierarquização diz sobretudo sobre o olhar preconceituoso, subalterno relegado às

homossexualidades. Conforme afirmado no Capítulo 2 deste estudo, essa visão preconceituosa é proveniente do patriarcado, caracterizado por Santos (2018) como um dos três modos principais de desigualdade estrutural nas sociedades modernas.

Esse modelo o qual reforço ser, mais uma vez, cis-hetero-patriarcal, a partir do ponto de vista do discurso hegemônico, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, pressupõe que as suas vítimas são seres sem plena dignidade humana, seres sub-humanos. Nesse sentido, o preconceito se insere em um dado momento em "que a diferenciação grupal não permite um sentido de comparação que não seja de exclusividade, isto é, uma comparação que exige hierarquização, já que a existência de uma posição ameaça a soberania identitária de outra" (PRADO; MACHADO, 2012, p. 22). De modo geral, o preconceito social pode ser visto não só como um impulso necessário a fim de invisibilizar e deslegitimar outras formas de existência, mas também como forma de sustentar e dar coerência a um consenso hegemônico, uma posição hierarquicamente superior, neste caso a cis-heterossexualidade.

Por mais que aproximadamente seis anos separem a escrita da presente pesquisa com a data da postagem da entrevista e ensaio fotográfico de Leandro, é triste dizer que as perspectivas ainda não são muito diferentes das descritas pelo "Chico". De acordo com o relatório apresentado em 2020 pelo Grupo Gay da Bahia[41], um LGBT morreu a cada 23 horas em solo brasileiro em 2019. Essa informação poderia proporcionar algo como um alarde para que fossem pensadas políticas públicas capazes de proteger e garantir a vida dos LGBTs, se o país não tivesse como chefe de Estado um presidente que, conforme discutido na introdução deste trabalho, parece não se importar com o tema.

Nas palavras do "Chico" em questão, "ser negro e gay (ou gay e negro) é duplamente complexo" (linhas 1-2). Através das pistas indexicais de predicação "negro" e "gay", Leandro já aponta para o fato de que ambas as categorias se atravessam e por isso - e principalmente - constroem experiências únicas que não podem ser analisadas em separado, não sendo possível pensar em uma categoria isolada da outra. Retorno, então, ao pensamento de Gomes (2018) para ilustrar que as vivências desse "Chico" se dão no intercruzamento dessas categorias, havendo, ao mesmo tempo, uma relação de causa e efeito na criação dos conceitos uma da outra. Em outras palavras, a maneira pela qual os significados serão compreendidos na narrativa desse homem gay negro só poderá ser compreendidos na medida em que a forma como entendemos o gênero esteja

[41] Disponível em: https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/. Acesso em: 25 abr. 2021.

intimamente relacionada com a forma como entendemos também o marcador social raça, e o contrário igualmente.

Nesse sentido, ele caracteriza a experiência de ser negro e gay como algo absolutamente complicado, difícil. Essa interpretação me é possível através da pista indexical de predicação "duplamente complexo" (linha 2). Leandro, ao fazer uso do termo "duplamente", reforça a importância do caráter interseccional na criação de inteligibilidades a respeito de sua narrativa. É através desse termo que ele abre espaço para reforçar o fato de que as experiências vividas por um homem gay negro não podem ser consideradas as mesmas ou colocadas no mesmo patamar que as de um homem gay branco. A narrativa de Leandro, encarada sob o ponto de vista da interseccionalidade, nos proporciona problematizar questões relativas à "racialização do gênero" ou à "generificação da raça", conforme Silva (2020). Observar a experiência de Leandro conforme esse prisma sugerido pelo referido autor nos permite focar nas características que dizem respeito à raça como mais uma forma de opressão que ocorre em concomitância com outras, como a sexual e a de gênero.

Seguindo essa linha de raciocínio, pensar nas homossexualidades através do caráter performativo e relacional com outros marcadores sociais identitários nos possibilita abrir caminhos e criar inteligibilidades sobre as infinitas formas de os gêneros e as raças serem performados. À medida que se engaja em sua performance narrativa, Leandro, ao criticar determinadas situações em que se vê inserido, demonstra que nenhum corpo em sua materialidade deve ser considerado aprioristicamente como um dado altamente previsível ou dotado de sentidos que lhes são essenciais. É sob essa perspectiva que Leandro disserta sobre como ser um gay negro evoca no imaginário popular atributos capazes de impor a todos os homens negros as mesmas predicações e estruturas anatomofisiológicas que podem ser verificadas na narrativa através das pistas indexicais de predicação "negro do pauzão, incansável no sexo, que dá uma, duas, três" (linhas 8-9). Essas características, por sua vez, exigem dele um ideal de performance sexual que ele pode simplesmente não alcançar, como também não desejar, uma vez que o "Chico", em suas próprias palavras, se refere ao fato de que são impostos "limites à livre expressão da sexualidade negra" (linha 4).

A narrativa de Leandro abre caminhos para ruptura, pois questiona o sistema ao qual está submetido. Ela também nos proporciona criar inteligibilidades sobre os efeitos que determinados Discursos têm sobre os homens gays racializados. Suas considerações abrem caminhos alternativos para que sejam pensadas performances que vão além das binárias prescritas advindas do pensamento ocidental moderno. O posicionamento do "Chico" em questão, compreendido através

do ponto de vista da interseccionalidade, proporciona reflexões que estão para além das situações de violência impostas aos corpos gays racializados, mas, sobretudo, levanta questões que irão suscitar em outros sujeitos tomadas de agência em suas futuras relações sociais e afetivas incentivando, assim, condutas anti-homofóbicas e antirracistas.

Quando caracteriza a sociedade brasileira através das pistas indexicais de predicação "homofóbica" e "racista" (linha 3), o "Chico" se coloca em uma posição em que produz inteligibilidades sobre como os atravessamentos entre racismo e homofobia podem ser entendidos como mecanismos de poder que persistem em atuar sobre as vidas de viados, homossexuais afeminados e bichas pretas. Como bem sugere Oliveira (2018), os discursos racistas e homofóbicos colaboram para naturalizar a norma como cis-heteronormativa e branca.

Nesse sentido, o próprio Leandro mostra que questões raciais estão presentes até mesmo quando ele acaba se relacionando com outros homens negros afetivamente. Nas palavras dele, o relacionamento se concretiza somente "porque com eles uma série de tensões oriundas de racismo não se fizeram (nem se fazem) presentes e, obviamente, porque eles se predispuseram a um relacionamento com outro negro. (linhas 12-14), decidindo, assim, enfrentar conjuntamente os problemas sociais que homens negros gays sofrem. Isso posto, tal afirmação nos permite pensar, através de sua fala, que o que se espera de um homem gay pode ir além de questões associadas a performances de gênero e masculinidade, impondo, por exemplo, um modelo cis-heteronormativo, mas que existe também um ideal que se afirma através de relações raciais, e esse modelo diz do homem branco.

Conforme trazido na seção 2.4 deste trabalho, observar questões relacionadas aos gêneros em diálogo com uma postura decolonial nos possibilita lançar luz sobre o fato de que o que a sociedade hoje reconhece como identidades de gênero e sexualidade foi elaborado no performativo da colonialidade. Questões relativas à raça e ao racismo adentram então como indicadores dessa fabricação. Em outros termos, "raça, sexo e gênero não surgem como conceitos separados, mas são forjados numa mesma matriz que tem como estrutura binária central aquela de humanos/não-humanos" (GOMES, 2018, p. 77).

É contra essa desumanização que Leandro também se posiciona ao afirmar que "Nós, gays negros, somos comumente preteridos para relacionamentos afetivos e sofremos com uma objetificação sexual que nos classifica como ideais para uma boa foda, mas inadequados para relacionamentos afetivos" (linhas 4-8). O que ele contesta nesse excerto diz de uma das consequências propiciadas pela colonialidade do poder em que os povos "não-europeus" são

entendidos como seres inferiores, sem cultura, irracionais. Desses povos também foi retirado qualquer atributo de dignidade quando se trata de questões de gênero, concedendo-lhes apenas o sexo. Um pensamento ideal moderno colonizador impõe também a Leandro, então, a todo instante, relações baseadas em um modelo branco cis-heteronormativo, da colonialidade de gênero e da colonialidade do ser.

Muitas são as consequências disso que podem ser verificadas em sua narrativa. Nesse sentido, quando Leandro disserta sobre "é o velho fetiche do negro do pauzão, incansável no sexo, que dá uma, duas, três" (linhas 8-9), ele traz à cena questões que atravessam as relações raciais e de masculinidade. Diante de seu relato, há uma potente problematização sobre a questão de que a masculinidade do homem negro, incluindo aqui também os homens gays negros, se restringe ao seu sexo. De acordo com o que ele afirma, é esperada dele sempre a performance sexual do ativo, principalmente devido a esses atributos que agem performativamente na vida dos indivíduos racializados. Essa expectativa criada através da cor da sua pele acaba restringindo suas performances sexuais de antemão. Caso ele se posicione de modo diferente do esperado, suas relações afetivo-sexuais podem ficar comprometidas, podendo não virem a ser concretizadas. Entretanto, seu relato serve também para que possa haver a reflexão sobre posições que corroboram com a "livre expressão da sexualidade negra" (LEANDRO, 2015, recurso *online).*

Seguindo essa linha de raciocínio, passam, então, a ser exigidas do homem negro gay não só a posição de ativo, como também atitudes viris, ou seja, ele não pode desmunhecar, ele precisa falar grosso, agir conforme o modelo cis-heteronormativo impõe. As performances realizadas através do corpo e do discurso do homem de cor estão submetidas ao controle de dispositivos de poder (FOUCAULT, 1999) que estabelecem limites a suas realizações. No caso de Leandro, por exemplo, ele é aceito se performar seu gênero e sua sexualidade de acordo com as características descritas por ele mesmo no excerto trazido e, por conseguinte, é rejeitado para relacionamentos afetivos dentro da lógica geral da questão aqui discutida.

Nessa continuidade, ele também tem suas experiências cerceadas quando diz que: "Nós, gays negros, somos comumente preteridos para relacionamentos afetivos e sofremos com uma objetificação sexual que nos classifica como ideais para uma boa foda, mas inadequados para relacionamentos afetivos" (linhas 4-8). Nesse excerto, Leandro fala sobre atitudes racistas, entendidas aqui também a partir de dispositivos de poder, pois conseguem atribuir ao seu corpo negro uma determinada (in)utilidade. No caso aqui descrito, a utilidade dos corpos negros se reduz à objetificação sexual que, conforme, aponta Oliveira (2018), está a serviço da manutenção de uma

masculinidade hegemônica branca e cis heterossexual, assegurando a permanência da estrutura patriarcal que propaga princípios do regime escravista. Nesse sentido, o olhar hipersexualizado do homem gay negro, verificado aqui através do depoimento de Leandro, atribui a esses corpos a ausência de processos de subjetificação.

Conforme José Sena (2018) aponta, nossa constituição enquanto sujeitos se dá em torno de performatividades. Essas, por sua vez, devem ser entendidas como práticas de vida que acontecem no exercício de nossas subjetividades. Esses exercícios, em suma, se manifestam através da repetição de certos modos de comportamentos aprendidos nas dinâmicas de nossas vivências, que estão compreendidas em um espaço de tempo histórico-político social. Durante parte de sua vida, Leandro pode ter contribuído para o cumprimento dessas expectativas sociais nele investidas em sua orientação sexual e raça, as de alguém cujo corpo sirva para o ato sexual - em suas palavras, “tenha me relacionado sexualmente com muitos homens” (linhas 9-10). Entretanto, ao longo de toda a sua performance narrativa, ele se posicione a fim de romper com tais estereótipos e preconceitos, problematizando como as narrativas produzidas pelo pensamento colonial moderno, muitas vezes tidas como verdades absolutas e universais, restringiram e estabeleceram limites não só nas relações sociais, como também contribuíram para inviabilizar formas de existir tanto relativas aos gêneros quanto à sexualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este trabalho, ao investigar as pequenas histórias e as fotografias presentes no Projeto Chicos, possibilita criar entendimentos sobre aspectos importantes em relação à presença dos Discursos que refletem identidades e performances no que tange às homossexualidades, associadas a questões raciais, geográficas, de corpo, ou outras. É, sobretudo, a partir desta reflexão que os ideais de masculinidades passam a ser problematizados.

Assim, para o presente estudo, foram colocadas as análises dos depoimentos de três "Chicos": os paulistas Fabricio e Ariel e o baiano Leandro. Nas três performances narrativas escolhidas, os referidos "Chicos" se colocam a fim de não só questionar a identidade "gay", frequentemente concebida através de um ponto de vista essencialista universalizado, como também se situam almejando romper e/ou contestar os ideais da masculinidade hegemônica encarados como "normais".

De determinada maneira, em algum momento essas três histórias, mesmo que atravessadas por diferentes marcadores sociais, convergem a um ponto em comum: todas elas resistem e existem sob a égide de uma sociedade ainda pautada em padrões cis-heteronormativos e patriarcais. Por esse ângulo, as histórias desses "Chicos" - e também as de vários outros que estão postadas no site do projeto -, com suas narrativas são capazes de produzir conhecimento e inteligibilidade que podem se aproximar das vidas de muitos outros homens gays.

Com a narrativa de Fabricio, nossa observação teve o intuito de mostrar que o participante em questão nos permite apontar caminhos para o uso da linguagem sendo capaz de questionar os contextos em que esses sujeitos estão inseridos, sejam eles os familiares, os de trabalho e até os virtuais. Em seu relato, ele se posiciona frente a questões envolvendo uma concepção sobre a identidade "gay", muitas vezes encarada com um olhar essencialista universalizado e patologizante.

A narrativa de Ariel problematiza o caráter de foco anatômico e determinista conferido aos gêneros, reforçando a teoria na qual acreditamos de que esses são frutos de relações sociais. Ao questionar determinadas performances de masculinidade, que além de serem violentas com outros homens e meninos afetam a vida de muitas mulheres, em sua problematização, Ariel também reflete que não compactua e que não se vê a partir de tais performances. A postagem de sua entrevista e ensaio fotográfico abre espaço para entendimentos outros, mostrando que há formas alternativas de ser e que essas devem ser entendidas para além de identidades fixas e essencialistas - capazes, sobretudo, de fazer refletir sobre formas alternativas de sociabilidades.

Através da narrativa de Leandro, discutimos como as experiências em termos de raça e de gênero devem ser vistas através do seu cruzamento. O “Chico”, ao longo de toda a sua performance narrativa, ao se posicionar almejando romper com estereótipos e preconceitos atribuídos a questões raciais e de gênero, nos permitiu problematizar como as narrativas produzidas pelo pensamento colonial moderno, muitas vezes tidas como verdades absolutas e universais, não só restringiram e estabeleceram limites às relações sociais, como também contribuíram para inviabilizar formas de existir tanto em relação à raça quanto ao gênero.

Assim, vislumbramos também para este estudo trazer, através dessas três análises, uma consciência política assumida pelos três “Chicos”, verificadas através da forma como eles ressignificam o que é ser gay. Conforme verificado, esse processo, para eles, se mostra infindável, incompleto e em constante mudança. Ao se aceitarem e entenderem como tais, eles resistem, existem e entendem que precisam questionar cada vez mais as consequências trazidas pelo pensamento colonial moderno que, através de uma visão cis-heteronormativa branca, impõe, restringe e regula formas alternativas de ser.

Nesse sentido, ao trazer para discussão o caráter relacional que as questões de gênero e sexualidade assumem com outros marcadores sociais, o projeto demonstra sua preocupação e desejo de empoderar e trazer representatividade a esses homens que, em muitos casos, são segregados, violentados, estereotipados e marginalizados pela força dos Discursos.

Neste estudo, foi de meu interesse destacar o fato de que a participação no projeto de centenas de homens dissidentes de gênero e sexualidade se configura, sobretudo, como uma tentativa não só de subversão da norma incidente através de suas performances discursivo-identitárias, mas também de garantir maior representatividade no que tange à multiplicidade e provisoriedade das homossexualidades. Ainda assim, no mesmo projeto podem ser encontradas narrativas e ensaios que, de certa maneira, trazem posicionamentos de outros participantes que se conformam e colaboram com a manutenção da norma cis-heternormativa. Entretanto, essas narrativas não foram aqui discutidas por não se alinharem com os objetivos propostos.

Ainda assim, conforme pudemos notar, há um constante interesse, por parte dos participantes e dos idealizadores do projeto, de questionar os Discursos normatizadores, ao proporem inteligibilidades a respeito das masculinidades a partir de uma ideia menos essencializada. O projeto, então, se mostra como um *locus* profícuo para estudos acerca das masculinidades, por apresentar formas alternativas de ser homem que estão compreendidas para além do macho, do falo e da autodeclaração da força física, por exemplo.

Esta dissertação não tem a pretensão de esgotar a discussão nem de se ocupar de todos os possíveis pontos em torno da temática. Ao longo deste trabalho, procurei demonstrar que ao incluir gênero e sexualidade em suas agendas, os estudos em Linguística Aplicada podem contribuir com a construção de uma sociedade mais respeitosa, ancorada na e pela diversidade. Ao trazer essa discussão, reafirmamos nosso compromisso ético-político de inclusão dessas vidas no espaço da academia. Nesse sentido, fazer mais pesquisas e dar mais vozes que legitimem a existência das vidas dos LGBTs passa a se configurar também como uma maneira de esperançar um novo contexto mais feliz para essas vidas tão marginalizadas em nosso país.

Por fim, se acreditamos conforme Foucault (2008) que os discursos são "práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam" (p. 55), é por meio deles que criamos entendimentos e inteligibilidades sobre o mundo a nossa volta. Debruçar-nos, então, sobre os discursos que estão atrelados às desigualdades de gênero e sexualidade é uma maneira de reafirmar nosso compromisso ético-democrático cada vez mais cientes de que, ao produzirmos conhecimento, estamos agindo performativamente no mundo social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALISON. Alison. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 29 de abril de 2019. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/alison/. Acesso em: jan. 2021.

ARIEL. Ariel. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. *In*: **Chicos**: the book. Rio de Janeiro: [s.n.], 2016.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer -** palavras e ação. (Tradução Danilo Marcondes). Conferência 2, Porto Alegre: [1962]1990.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v.28, n.3, 2008.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**., São Paulo , v. 31, n. spe, p. 97-126, Aug. 2015.

BORBA, R. A linguagem importa? sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, v. 43, p. 441-474, 2014.

BRUNER, J. **Fabricando Histórias**. Direito, Literatura, Vida. São Paulo: Letra e Voz, [2002] 014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e a subversão da identidade. (Tradução de Renato Aguiar). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: [1990]2003.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo".** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2 edição, 2000.

_____. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, 2014, p. 249-274.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Cadernos de leitura**, n. 78, 2018.

CADILHE, A. "Tenho dificuldades em lidar com essa situação": narrativas, gênero e sexualidade na formação continuada de professores/as. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 4, p. 46-54, 2017.

_____. “Uma conversa de homem pra homem, ele disse”: performances de masculinidades em narrativas cariocas ficcionais. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, v. 2, p. 37-59, 2018.

CAETANO, M; NASCIMENTO, C.; RODRIGUES, A. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. *In*: CAETANO, M., QUINALHA, R., GREEN. J. N, e FERNANDES. M. [Orgs.]. **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 279-295.

CAMERON, D. Performing Gender Identity: Young men’s talk and the construction of heterosexual masculinity. In.: JOHNSON, S.; MEINHOF, U. (eds.). **Language and Masculinity**. Londres, Blackwell, 1997, pp.47-64.

_____. Desempenhando Identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. [1998] 2010. *In.:* OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. [Orgs.]. **Linguagem, Gênero, Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo, Parábola, 2010, pp.109-128.

CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.

CAMPUZANO, G. Reclaiming Travesti Histories. **IDS Bulletin**, 37(5), 2006, 34-39.

_____. Contemporary Travesti Encounters with Gender and Sexuality in Latin America. **Development**, 52(1), 2009a, 75-83.

_____. Andróginos, hombres vestidos de mujer, maricones… el Museo Travesti del Perú. **Bagoas**, 4, 2009b, 79-93.

CANAGARAJAH, S. Subversive Identities, Pedagogical Safe Houses, and Critical Learning. *In*: NORTHON, B.; TOOTHEY, K. [Orgs.]. **Critical Pedagogies and Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 116-137

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EdUSP, 2015.

CHAUÍ, M. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora da fundação Perseu Abramo, 2000.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider whithin: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1224> Acesso em: 20/06/2020.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CORNEJO, G. A guerra declarada contra o menino afeminado. *In*: MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. P. 73-82

COSTA, F. C. L. H.; BIAR, L. de A. V. “Cadê a sua esposa?”- Narrativas de Homofobia e estigma no Contexto Militar. *In*: JESUS, D. M. de; MELO, G. C. V. de; TCHALIAN, V.; GONÇALVES Jr, S. W. P. [Org.]. **Corpos Transgressores**: políticas de resistências. 1.ed. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 187-205.

DE FINA, A. Narrative and Identities. *In*: DE FINA, A.; GERGAKOPOULOU, A. [Org.] **The handbook of narrative analysis**. Oxford: John Wiley & Sons, 2015.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative research**, Thousand Oaks, CA: SAGE, 1994.

_____. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEPPERMANN, A. Positioning. *In*: DE FINA, A.; GERGAKOPOULOU, A. [org.]. **The handbook of narrative analysis**. Oxford: John Wiley & Sons, 2015.

DERRIDA, J. Signature Event Context. *In*: DERRIDA, J. **Limited Inc**. Evanston, Northwestern U. P, 1977, pp.1-24

DESPENTES, V. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DUGGAN, L. **The Twilight of Equality**: Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy. Boston: Beacon Press, 2003.

ERICKSON, F. Descrição Etnográfica. *In*: MATTOS, C. L. G. de. [Trad.]. **Etnografia na Educação** – Textos de Frederic Erickson, Rio de Janeiro: 2004.

EZEQUIEL. Ezequiel. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2017. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/ezequiel/. Acesso em: 30 nov. 2019.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. *In*: Luiz Paulo da Moita Lopes. [Ed.]. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FABRICIO. Fabricio. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 13 de novembro de 2016. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/fabricio/. Acesso em: jan. 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade** - Vol. 1: a vontade de saber. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. 3.reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

GARCEZ, P.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In **D.E.L.T.A**., 31-especial, 2015 (1-34).

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas** / EAESP / FGV. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. de Maria Célia Campos Raposo. 20ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, C. M. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2018. Doi: 10.15448/1984-7289.2018.1.28209.

GUIMARÃES, T.; MOITA LOPES, L. P. Trajetórias de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa**, v.61, n.1, p.11-33, 2017.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

ISAC. Isac. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 28 de junho de 2016. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/isac/. Acesso em: 30 nov. 2019.

JARDIM, J. G. Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas femininas. *In*: **#4 Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e #2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em: http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467327007_ARQUIVO_Jardim_CisHeteronormatividade.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

JESUS, D. M. de. Cultura da violência: Discurso sobre assassinatos de travestis entre internautas. *In:* Jesus, Danie Marcelo de; Melo, Glenda Cristina Valim de; Tchalian, Vicente; Júnior, Sara Wagner Pimenta Gonçalves. [Orgs.]. **Corpos transgressores**: política de resistência. 1.ed. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 67-76.

JUNG, N.; SILVA, R.; PIRES-SANTOS, M. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópio** 17(1): 145-162, janeiro-abril 2019.

KAAS, Hailey. O que é cissexismo, **Transfeminismo**, 2011. Disponível em: <http://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da Globalização. In MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. **Language in the inner city**: studies in the Black English Vernacular**.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. [Ed.]. **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LADEIRA, R.; LAMOUNIER, F. **Chicos**: the book. Rio de Janeiro: [s.n.], 2016a.

LADEIRA, R.; LAMOUNIER, F. **O Chicos vai virar LIVRO!** Apoie e faça essas histórias serem contadas. 2016b. Disponível em: https://www.catarse.me/aboutchicos?fbclid=IwAR3vr0NtPVd2CtIpER_9uIcbyPqI6brph3ad86XWg3Eu9DrlhHARU3ak3Pk. Acesso em: jun. 2021.

LADEIRA, R.; LAMOUNIER, F. **Projeto Chicos**. [s.d.]. Disponível em: **http://www.chicos.cc/home/**. Acesso em: abr. 2021.

LAMOUNIER, F. Assumidos, pelados e Livres. Entrevista concedida a [Gregory Prudenciano]. **Revista TRIP**, [s.l.], 2016. Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/tpm/chicos-projeto-fotografico-garotos-gays-nus-rodrigo-ladeira-fabio-lamounier. Acesso em: 18 abr. 2020.

LAMOUNIER, F. George. **Projeto Chicos**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.chicos.cc/los-chicos/george/. Acesso em: jan. 2021.

LÁZARO. Lázaro dos Anjos. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2016. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/daniel/. Acesso em: 30 nov. 2019.

LEANDRO. Leandro. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2015. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/leandro/. Acesso em: jan. 2021.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. A. A identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Revista Bagoas**, v.I, n.I, jul.-dez., p. 269-286, Natal: UFRN, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262/1695 . Acesso em: 24 abr. 2021.

LIVIA, A.; HALL, K. "É uma menina!": A volta da performatividade à Linguística, 2010 [1997]. *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. [Orgs.]. **Linguagem, Gênero, Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo, Parábola, 2010, pp.109-128.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa**, Bogotá, Nº 9: 73-101, jul-dez, 2008.

_____. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista de Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder – Introdução. *In:* FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

MAGHDIMAN, M. O Masculino Feminino. **O masculino -** Amarello, s/l. n. 36, p. 48-51, verão de 2021.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinariedad y decolonialidad. **Quaderna**, 3, 2015.

MARCONDES, D. S. Filosofia da linguagem: da teoria do significado à teoria da ação. *In*: MARCONDES, D. S. (Org.). **Significado, verdade e ação**. Niterói: EdUFF, 1986. p.73-86.

MELO, G.C.V.; MOITA LOPES, L. P. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut. **DELTA**., São Paulo, v. 29, p. 237-265, 2013.

MILANI, T. M. Language and Masculinities. *In*: TAYLOR; FRANCIS. **Applied Linguistics**. A curated collection of the latest research of Routledge. London: Routledge, 2017.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, v. 14, p. 681-693, 2006.

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. *In:* RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (eds.) **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Ipub, 2001.

_____. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. [Ed.]. **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In:* MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

_____. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, n.27, p. 33-50, 2009.

_____. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 2,v. 49, 2010, p. 393-417.

MOITA LOPES, L. P; BASTOS, L. C. Entre saberes interdisciplinares e práticas sociais - o estudo de identidades em abordagens contemporâneas. *In*: MOITA LOPES, L.P; BASTOS, L. C. **Estudos de Identidades**. Entre Saberes e Práticas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. P.13-31.

MOITA LOPES, L. P.; FABRICIO, B. Desestabilizações Queer na sala de aula: "táticas de guerrilha" e a compreensão da natureza performativa dos gêneros e das sexualidades. *In*: PINTO, Joana; FABRICIO, Branca (org.). **Exclusão social e microrresistências**: a centralidade das práticas discursivo-identitárias. São Paulo: Cânone, 2013.

MORRISON, T. No place for Self-Pity. No room for Fear. **The Nation**. (Recurso *online*) 2004. Disponível em: https://www.thenation.com/article/archive/no-place-self-pity-no-room-fear/. Acesso em: 19 abr. 2020.

NERY, J. W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. *In*: CAETANO, M., QUINALHA, R., GREEN. J. N, e FERNANDES. M. [Orgs.]. **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2018. P. 393-405

NONATO, M. **Problemas de gênero de um gay afeminado**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, M. R. G. de. Seguindo os passos "delicados" de hays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. *In:* CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. da. [Orgs.]. **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

PENNYCOOK, A. Uma Lingüística Aplicada transgressiva. *In:* MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

PEREIRA, P. P. G. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, v.5, 411- 437p, 2015.

PHILLIPIS, B. S. **Pesquisa social: estratégias e táticas**. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1974.

PINHEIRO, L. G. **(Re)construindo performances discursivas de maternidade e não-maternidade em espaços virtuais**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades**: hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2012.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano**: Cônicas de Travessia. São Paulo: Zahar, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e America latina. **A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires. CLACSO, 2005.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística Crítica**: Linguagem, Identidade e a Questão Ética. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2004.

RAMÍREZ, B. Colonialidad e cis-normatividade. Entrevista con Viviane Vergueiro. **Iberoamérica Social**: revista de estudios sociales, v. 3, p. 15 – 21, 2014.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. In MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006

REGUERA , G. B. Prólogo. Judith Butler: narración autobiográfica y autorreflexión filosófica. *In*: NAVARRO , P. P. **Del texto al sexo**. Judith Butler y la performatividad. Barcelona: Egales, 2008.

RODRIGO. Rodrigo. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 01 de fevereiro de 2016. Disponível em: http://www.chicos.cc/los-chicos/rodrigo/. Acesso em: 30 nov. 2019.

SANTOS, B. de S. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016**. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, R. F. G. dos; NICOLAU, M. Vidas precarizadas e existências reinventadas: experiências trans entre o Brasil e a Europa do sul. **REVISTA TRANSVERSOS** - Dossiê: lgbttqi. Histórias, memórias e resistências. N° 14, SET-DEZ, 2018, pp. 70-89 Disponível em https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.38657. Acesso em: 20 fev. 2021.

SÁ-SILVA, J.; DE ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2. jul.-dez., p.71-99, 1995.

SEDWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu** (28), p. 19-54, [1993] 2007.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES** (*Online*), v. 18, p. 1-5, 2012.

SENA, J. Masculinidades e Práticas Sexuais na Amazônia Oriental: notas de campo com base em uma experiência etnográfica. *In:* CAETANO, Márcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. [Orgs.]. **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 108-126.

SENKEVICS, A.; POLIDORO, J. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**. São Paulo. v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012.

SILVA, D. C. P. Materialização Discursiva da Cis-heteronormatividade em perspectiva escalar: contribuições para a Linguística Queer. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Brasília. v. 21, n. 2, p. 281-306, dez/ 2020.

_____. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, p. 407-442, 2020.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. *In*: **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAKARA, S. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 226-244, jan./jun. 2017.

TCHALIAN, V. Questões de gênero: transgeneridades, masculinidades hegemônicas e o controle sobre os corpos. *In*: JESUS, D. M. et. al [Org.]. **Corpos Transgressores**: políticas de resistências. 1.ed. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 35-48.

VICTOR. Victor. [Depoimento a] Fábio Lamounier e Rodrigo Ladeira. **Projeto Chicos**, Belo Horizonte, 29 de setembro de 2015. Disponível em: **http://www.chicos.cc/los-chicos/victor-2/**. Acesso em: 30 nov. 2019.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, G.L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

WORTHAM, S. **Narratives in Action**. New York: Teacher College Press, 2001.

WORTHAM, S.; REYES, A. **Discourse Analysis beyond the speech event**. London: Routledge, 2015.

ZAMBONI, J. **Educação bicha**: uma ana[l]rqueologia da diversidade sexual. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.